



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
CURSO DE MÚSICA

**“UDI CELLO ENSEMBLE”: SUA ESTRUTURA E SUA ORGANIZAÇÃO
ENQUANTO UM OCTETO DE VIOLONCELOS**

Uberlândia, agosto de 2019.

JÚLIO LUZ DA SILVA

**“UDI CELLO ENSEMBLE”: SUA ESTRUTURA E SUA ORGANIZAÇÃO
ENQUANTO UM OCTETO DE VIOLONCELOS**

Monografia apresentada em cumprimento da avaliação da disciplina Pesquisa em Música 4 e TCC do Curso de Bacharelado em Música – Habilitação em Violoncelo, sob orientação da profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves.

Uberlândia, agosto de 2019.

Agradecimentos

Neste momento de agradecimentos, nada mais oportuno do que resgatar um pouco daqueles que muito contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

Meu primeiro agradecimento é ao Senhor Deus e Pai por ter me dado a condição da graça da vida e por todas as bênçãos e amparo durante a realização deste trabalho.

À professora Lilia Neves Gonçalves, minha orientadora, a quem devo um agradecimento especial. Amiga e profissional em excelência, competente, sempre disposta a ajudar e contribuir para o processo de definição e orientação desta dissertação.

Ao querido professor Kayami Satomi, meu co-orientador e professor de violoncelo na Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço sensibilizado pela amizade, comprometimento e auxílio durante todos esses anos de estudos na UFU. Em especial, agradeço pela oportunidade de ter sido um músico integrante do “UDI Cello Ensemble” e por ter despertado em mim a vontade de escrever sobre este grupo.

Ao apoio sempre constante do “UDI Cello Ensemble” e todos seus integrantes, que colaboraram de maneira incansável nesta dissertação.

À Universidade Federal de Uberlândia e em especial a todos os professores do Curso de Música, que sempre me incentivaram e oportunizaram meu crescimento musical e intelectual.

E minha eterna gratidão...

À minha namorada Kathleen Ohana de Oliveira Santos por todo seu amor, carinho e, principalmente, por estar sempre me motivando a estudar e buscar mais conhecimentos para minha caminhada.

À Igreja Crista Primitiva e sua escola de iniciação musical pelas minhas primeiras aulas de música. Agradeço também pelo violoncelo comprado e emprestado a mim até hoje para uso profissional.

À professora Eunice Chagas Diefenthaler que me incentivou desde pequeno e me apresentou a música, sendo sempre presente em minha caminhada como violoncelista. Agradeço com todo meu amor em meu coração por todas as experiências fantásticas que propiciou a este seu aluno.

E, finalmente, aos meus pais Cezar Miguel Monteiro da Silva e Diva Noeli Luz da Silva, mestres na arte de ensinar e meus irmãos Isaías Luz da Silva e Vítor Luz da Silva, que Deus colocou na face da terra para perلustrarem estes caminhos ao meu lado. Agradeço pelo

apoio em todos os momentos, pelas dificuldades que se mostraram ao longo do caminho, por terem se privado durante alguns anos da minha presença, mas sempre tendo o amparo de Nosso Senhor Deus sobre nossa família. Não tenho palavras para descrever o quanto são especiais em minha vida e o quanto me incentivaram durante minha graduação.

“The most perfect technique is that which is not noticed at all”

Pablo Casals

Resumo

Este trabalho tem como foco de estudo o “UDI Cello Ensemble”, um octeto de violoncelos criado por Kayami Satomi no Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo é entender a estrutura e o funcionamento desse grupo como produtor de conhecimento artístico em música. Os procedimentos de coleta de dados adotados foram: entrevistas (com o criador do grupo e um dos músicos remanescentes da formação original do grupo) e levantamento de documentos relacionados ao “UDI Cello” (programas de recitais, artigos de jornais, sites). Concluiu-se que a realização deste trabalho poderá ajudar músicos e especialmente violoncelistas a entenderem como funciona a estrutura e funcionamento de um grupo musical e com isso obterem uma maior experiência para quem sabe criarem outros grupos de música. Destaca-se também a importância histórica do grupo, sendo um dos únicos octetos de violoncelo em atividade no Brasil e que possui uma trajetória importante de um grupo musical dentro da música de concerto em nosso país.

Palavras chave: “UDI Cello Ensemble”, violoncelo, organização e estrutura de grupos musicais.

Lista de figuras

Figura 1 - Alunos da escola de música da Igreja Cristã Primitiva.....	11
Figura 2 - Primeira aula com o professor Me. Kayami Satomi no "XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre".....	12
Figura 3 – Kayami Satomi, Isaac Andrade, Bruno Thayer, Júlio Luz e Eder Belchior no "XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre".	12
Figura 4 - Primeiros membros do "UDI Cello".	39
Figura 5 - Gravação do "Projeto Videoclipes" no Teatro Municipal de Uberlândia.....	43
Figura 6 - Gravação do “Projeto Videoclipes” na oficina - Palácio dos Ferroviários.....	43
Figura 7 - Orquestra de violoncelos se apresenta em Marajoara.....	45
Figura 8 - Julio Medaglia rege o “UDI Cello”.	45
Figura 9 - Certificado 51º Festival Villa-lobos.	47
Figura 10 – “UDI Cello” em Paris.....	47
Figura 11 - 3ª edição do Mudante começa hoje no <i>Center Convention</i>	48
Figura 12 - Orquestra "UDI Cello " faz concerto no Municipal.	49
Figura 13 - "UDI Cello" e o violeiro Arnaldo Freitas.	50
Figura 14 - "UDI Cello Ensemble" no Criança Esperança.....	50
Figura 15 - "UDI Cello" se apresenta com convidados.....	52
Figura 16 - "UDI Cello" convida Arnaldo Freitas & Quarteto Vagamundo.	53

Lista de abreviaturas

HD – Hard Disk

LACOR – Laboratório de Cordas

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	14
1.1.1 O grupo no cenário nacional	14
1.1.2 O “UDI Cello” no Curso de Música da UFU	16
1.2 Estrutura deste trabalho	17
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.1 Preparando a interpretação.....	19
2.2 Interpretação em grupo	21
2.3 A linguagem do corpo durante a interpretação	24
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 Tipo de pesquisa	29
3.2 Participantes da pesquisa	29
3.3 Procedimentos de coleta de dados	30
3.3.1 Levantamento de documentos	30
3.3.2 A entrevista	31
3.3.2.1 Elaboração do roteiro.....	32
3.3.2.2 Realizando as entrevistas.....	33
3.3.2.3 Transcrição das entrevistas	34
3.4 Análise do material	34
4 O GRUPO “UDI CELLO ENSEMBLE” E SUA CRIAÇÃO	36
4.1 A criação do “UDI Cello”	36
4.1.1 Antecedentes	36
4.1.2 A ideia de criação do “UDI Cello”	37
4.1.3 Razões para criação do grupo	39
4.1.4 Transformações do grupo “UDI Cello Ensemble”	42
4.2 As apresentações do “UDI Cello Ensemble”	44
5 OS PARTICIPANTES DO “UDI CELLO ENSEMBLE”: ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	54
5.1 Participantes do “UDI Cello Ensemble”	54
5.2 Organização administrativa	57
5.3 Organização musical.....	60
5.4 Os participantes e o repertório	63
5.5 Relações dos músicos no/com o “UDI Cello”	63
5.5.1 Relacionamento entre os participantes do grupo	63
5.5.2 Competição entre os músicos.....	65
5.6 Dificuldades do “UDI Cello”	66

6 O “UDI CELLO ENSEMBLE”: ENSAIOS E REPERTÓRIO	70
6.1 Os ensaios do “UDI Cello”	70
6.1.1 Tipos de ensaios	72
6.1.1.1 Ensaios <i>tutti</i>	72
6.1.1.2 Ensaios de naipe	73
6.1.1.3 Ensaios de quarteto	74
6.1.2 Conteúdos dos ensaios	74
6.2 O repertório do grupo	78
6.2.1 Preparação do repertório	79
6.2.2 Elaboração de arranjos	81
6.2.3 O violoncelo como instrumento em questão	81
6.2.4 A coreografia.....	83
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 86
 REFERÊNCIAS	 91
 APÊNDICES	 92
APÊNDICE A	92
APÊNDICE B	107
APÊNDICE C	111
APÊNDICE D.....	113

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco de estudo o “UDI Cello Ensemble”¹, um octeto de violoncelos criado por Kayami Satomi no Curso de Música da Universidade² Federal de Uberlândia (UFU). O foco está na organização e estruturação desse grupo como produtor de conhecimento artístico em música e, mais especificamente, na prática da performance do violoncelo.

Iniciei meus estudos de música aos 5 anos de idade, na escola de iniciação musical da Igreja Cristã Primitiva, na cidade de Novo Hamburgo-RS, sendo aluno de flauta doce da professora Eunice Chagas Diefenthaeler, Cristina Cavalheiro e Marcos Júlio Flores por 10 anos. Desde as minhas primeiras aulas de flauta sempre tive a curiosidade de um dia poder realizar um curso superior de música, sendo que, com o passar dos anos, isso foi cada vez mais aumentando. Aos quinze anos de idade, com a professora Eunice eu tive o imenso prazer de ser apresentado ao violoncelo, instrumento que até então desconhecia e pouco tinha ouvido falar (ver Figura 1).

Figura 1 - Alunos da escola de música da Igreja Cristã Primitiva.



Fonte: Arquivo pessoal de Júlio Luz da Silva.

Fiz minhas primeiras aulas de violoncelo com a professora Mônica Cardoso e logo após fui estudar no projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a

¹ Ao longo desse trabalho me referirei ao “UDI Cello Ensemble” apenas como “UDI Cello”.

² Universidade será sempre em letra maiúscula quando for me referir à Universidade Federal de Uberlândia.

orientação da professora Ma. Milene Jorge Aliverti. Todos os anos essa professora promove encontros de violoncelo em Porto Alegre-RS, e conta com o apoio de professores renomados nacionais e internacionais para a realização do evento.

Em julho de 2012 (ver Figura 2), em uma das noites do encontro de violoncelos, tive a grata surpresa de poder conhecer o grupo “UDI Cello”, conjunto criado em 2009 e dirigido pelo professor Me. Kayami Satomi.

Figura 2 - Primeira aula com o professor Me. Kayami Satomi no “XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre”.



Fonte: arquivo pessoal de Júlio Luz da Silva.

Figura 3 - Kayami Satomi, Isaac Andrade, Bruno Thayer, Júlio Luz e Eder Belchior no “XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre”.



Fonte: Arquivo pessoal de Júlio Luz da Silva.

Ao assistir a apresentação do grupo fiquei fascinado com a qualidade musical dos músicos participantes do grupo e, principalmente, com a variada gama de pesquisas sonoras do instrumento. Naquele mesmo ano o professor Me. Kayami Satomi me convidou para estudar violoncelo na UFU. E, em maio de 2013, iniciei meus estudos no Curso de Música dessa referida Universidade.

Meus primeiros concertos como membro oficial do grupo ocorreram no final de 2013. No início foi uma adaptação muito difícil visto que eu tinha muitas limitações técnicas no instrumento e isso me impossibilitava tocar nas primeiras apresentações ao lado dos meus colegas do “UDI Cello”. Com o tempo fui aprendendo que o estudo individual das partes e os ensaios de naipe são muito eficazes para que o ensaio *tutti* seja mais produtivo e isso me auxiliou muito, tendo em vista que pude contar com a colaboração de colegas mais experientes e que fora de sala podiam contribuir mais comigo. Outra questão importante é que pela grande maioria dos colegas do “UDI Cello” naquele ano serem mais experientes, isso me incentivou a correr com o aprendizado e superar as dificuldades que eu tinha, uma espécie de competição saudável.

Por se tratar de um grupo formado por alunos da universidade, e também por violoncelistas da comunidade, existem alguns requisitos mínimos por parte dos músicos que precisam ser respeitados.

Diante disso, esta pesquisa tem como pergunta: Como o “UDI Cello Ensemble” se constituiu um grupo musical?

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral:

- Entender a estrutura e o funcionamento do “UDI Cello”, como uma orquestra de violoncelos.

E como objetivos específicos:

- Levantar aspectos relacionados com a criação do “UDI Cello”;
- Entender a organização do grupo;
- Apresentar aspectos relacionados ao trânsito dos músicos participantes do grupo: entrada, permanência e saída;
- Registrar as estratégias de organização musical da preparação e interpretação das obras musicais do grupo.
- Descrever o processo de escolha do repertório.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, este trabalho pode ser importante por apresentar processos de construção da performance do “UDI Cello”, não somente pelo

aspecto musical, mas também pelo o que envolve o cotidiano do grupo e a preparação para as apresentações musicais.

1.1 Justificativa

1.1.1 O grupo no cenário nacional

Acredita-se que esta pesquisa é importante na medida em que se propõe entender como o “UDI Cello” foi se organizando e se estruturando em um grupo musical de orquestra de violoncelos, único octeto de violoncelos em atividade do Brasil.

Sabe-se da importância de grupos musicais na história da música, haja vista essa arte estar associada a evolução das sociedades. No período da Grécia Antiga até meados do século XV, a função dos grupos musicais era de entreter a realeza e a nobreza da Idade Média. A partir da segunda metade do século XVI temos a primeira fase, chamada de orquestra barroca e que foi influenciada pelos italianos. No final do século XVIII surge a orquestra clássica que introduziu a formação atual das orquestras e das formas de tocar em grupo.

Pode-se dizer que, em nível nacional, o “UDI Cello” é um grupo que possui uma trajetória já reconhecida dentro do cenário musical brasileiro. Por onde o grupo transita causa admiração e empatia pelo trabalho realizado. Desde sua criação em 2009 se consolidou como um grupo de alta performance do instrumento, conquistando “amantes” do violoncelo e da música por toda urbe onde passa.

O grupo já realizou muitos concertos em várias cidades do país e, em sua trajetória, o “UDI Cello” fez várias parcerias com diversos músicos, tais como: Marcos Arakaki, Júlio Medaglia, Roberto Tibiriçá, Dimitri Cervo, Antônio Pinto, Martha Herr, Michael Vollhardt, Matias de Oliveira Pinto e Corpo de Baile de Niterói.

Nos últimos anos, o “UDI Cello” somou mais de 100 concertos, apresentando-se em 7 estados brasileiros. Além disso, por sua distinta formação (octeto de violoncelos) e um repertório exclusivo³, o grupo tem sido convidado a se apresentar em importantes festivais e movimentos artísticos no Brasil, dos quais destacam-se o “XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre-RS”, o “Festival de Violoncelos de Ouro Branco-MG”, a 7ª, a 8ª, a 9ª e a 10ª edição do “Festival de Cordas Nathan Schwartzman”, a 1ª, a 2ª e a 3ª edição do MUDANTE

³ O repertório do grupo “UDI Cello” é bem vasto e, em sua maioria, conta com obras de compositores brasileiros dedicadas ao grupo. Geralmente, as obras são oferecidas ao grupo para estreias mundiais, apresentações em importantes festivais de música no Brasil ou até mesmo para eventos particulares. Vale ressaltar, que o violoncelo tem ganhado um papel muito importante dentro da música contemporânea e isso estimula os compositores a escreverem para o instrumento, especialmente quando se trata de um octeto de violoncelos.

(Festival de Música, Dança e Teatro de Uberlândia-MG), a 17ª e a 18ª edição do RICE (*Rio International Cello Encounter*), a “20ª Bienal de Música Contemporânea-RJ”, das séries “Prelúdio 21-RJ” e “Compositores de Hoje-RJ” e o “52º Festival Villa-Lobos-RJ”.

Claro que existem muitos outros grupos musicais no Brasil que, assim como o “UDI Cello”, ocupam o cenário musical tanto no Brasil quanto no exterior. Cada grupo musical com seus objetivos, funções, com maior ou menor projeção, tem também uma estrutura e funcionamento que lhes é bastante peculiar. Dentre muitos grupos no Brasil é possível citar alguns que já possuem uma carreira consolidada e que foram inspiradores para o “UDI Cello”, são eles: o “Quarteto da cidade de São Paulo”⁴, o “Quinteto Villa-Lobos”⁵, o “Quinteto da Paraíba”⁶ e os “12 Violoncelistas da Filarmônica de Berlim”⁷.

O interesse por esse tema surgiu após ouvir a indagação de pessoas ao final das apresentações do grupo, tanto na cidade de Uberlândia como em outros estados e até fora do país, quando normalmente as pessoas se surpreendiam e elogiavam o profissionalismo com que os integrantes do grupo se apresentavam. Vale lembrar que os integrantes, em sua maioria, são estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, ou seja, estão em processo de

⁴ O “Quarteto da cidade de São Paulo” foi fundado por iniciativa de Mário de Andrade no ano de 1935 e tinha como proposta inicial difundir a música de câmara e estimular os compositores brasileiros a compor um novo repertório para o gênero. A atual formação conta com os violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Robert Suetholz, todos músicos de carreira internacional. Em sete oportunidades, o grupo ganhou o prêmio de Melhor Conjunto Camerístico da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e, por três vezes, o prêmio Carlos Gomes.

⁵ O “Quinteto Villa-Lobos” é um quinteto de sopros brasileiro, fundado em 1962, com a proposta de divulgar a música de câmara brasileira. O grupo iniciou suas atividades artísticas acompanhando a Caravana Cultural de Pascoal Carlos Magno, por inspiração do fagotista Airton Barbosa. Em 1970, o quinteto enriqueceu sua proposta de divulgar a música brasileira de câmara com a inclusão de compositores populares nos programas. Os primeiros a serem incluídos foram os compositores Ernesto Nazareth, Pixinguinha e Anacleto de Medeiros. Ao estabelecerem contato com o maestro Radamés Gnattali, estreitaram sua relação com o choro. A atual formação do grupo conta com o flautista Rubem Schuenck, o oboísta Luís Carlos Justi, o clarinetista Paulo Sérgio Santos, o trompista Philip Doyle e o fagotista Aloysio Fagerlande.

⁶ O “Quinteto da Paraíba” surgiu com a proposta de divulgar a obra de compositores brasileiros, com enfoque na música nordestina. Esse Quinteto é responsável pelo resgate do “Movimento Armorial”, que foi uma iniciativa artística cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do nordeste brasileiro. No Brasil, o grupo ficou conhecido pela participação na trilha sonora do filme “Central do Brasil” e também pelas aparições na TV Cultura, Educativa, Senac, Senado, Globo, além de vários outros festivais de música no Brasil e no exterior. O grupo é formado pelos violinistas Yerko Tabilo e Thiago Formiga, o violista Ronedilk Dantas, o violoncelista Nilson Galvão e o contrabaixista Xisto Medeiros.

⁷ Os “12 Violoncelistas da Filarmônica de Berlim” é um dos grupos de câmara mais prestigiados no mundo. O grupo foi fundado em 1972 e teve como impulso para a criação de um conjunto solo a gravação da música “Hymnus”, de Julius Klengel. As qualidades do grupo logo encantaram o público durante os concertos, tanto pela ampla gama de timbres, como pela seriedade e humor, da profundidade e leveza do conjunto. Entre os compositores contemporâneos que escreveram obras especialmente para esse grupo estão: Boris Blacher, Jean Françaix, Iannis Xenakis, Wolfgang Rihm, Brett Dean, Wilhelm Kaiser-Lindemann, Frangis Ali-Sade, Christian Jost, Kaija Saariaho e Tan Dun. Os 12 Violoncelistas têm acompanhado o presidente alemão como embaixadores de Berlim e tem como componentes: Ludwig Quandt, Bruno Delapelaire, Martin Lohr, Olaf Maninger, Richard Duven, Christoph Igelbrink, Rachel Helleur, Solène Kermarrec, Stephan Koncz, Martin Menking, David Riniker, Nikolaus Romisch, Dietmar Schwalke, Knut Weber.

formação de um longo aprendizado e, mesmo assim, enquanto grupo consegue já mostrar maturidade musical.

Essas apresentações também são alvo de manifestações em jornais, revistas, sites em que personalidades como, por exemplo, do maestro Marcos Arakaki que faz algum tipo de menção no site udicello.com⁸:

trata-se do melhor conjunto de violoncelos em atividade no Brasil. Liderados pelo professor Kayami Satomi, o UDI Cello Ensemble tem desenvolvido fundamental papel na expansão do repertório para violoncello, na difusão da música brasileira e do repertório em geral para a formação de conjunto de violoncelos. Tive o prazer de regelos no último mês de setembro em Uberlândia. O comprometimento profissional, paixão pela música e alto nível artístico são marcas que me marcaram profundamente. Com certeza as empresas que quiserem associar sua marca a um conjunto de sucesso, não poderia ter uma escolha melhor do que o UDI Cello Ensemble (ARAKAKI, 2014, s.p.).

Diante disso, minha intenção é entender como se deu a organização e a estruturação desse grupo enquanto um octeto de violoncelos. Nesse sentido, é importante destacar aspectos envolvidos na criação desse grupo, bem como na preparação das obras musicais e sobre o trânsito dos músicos no/pelo grupo, além de características do repertório tocado pelo grupo nas muitas apresentações realizadas.

1.1.2 O “UDI Cello” no Curso de Música da UFU

Acredita-se que o “UDI Cello” seja um grupo de violoncelos importante, principalmente, no que se refere à formação de violoncelistas estudantes da UFU para futura atuação desses músicos no mercado de trabalho relacionado com o instrumento.

O “UDI Cello” foi criado em 2009 a partir das aulas de extensão do professor Kayami na Universidade e hoje suas atividades estão contempladas no componente Prática de conjunto, ministrado pelo Curso de Música. Portanto, o grupo nasceu na UFU e com o passar dos anos foi contagiando a comunidade com sua essência e profissionalismo. Também dentro da Universidade pôde-se perceber a valorização do violoncelo pelos outros alunos do Curso de Música, sendo que muitas vezes os violoncelistas são convidados para realizar disciplinas de prática de conjunto com outros instrumentos, ou também quando o “UDI Cello” é convidado para se apresentar no “Projeto Prelúdio” ou “Intermezzo”, na sala Camargo Guarnieri.

⁸ Atualmente o site está fora do ar.

Pode-se dizer que esse grupo “seduziu” muitos estudantes para virem estudar violoncelo no Curso de Música da UFU, em Uberlândia. Hoje, o “UDI Cello” é formado por alunos violoncelistas de várias partes do país, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul e isso possibilita ao grupo uma gama de trocas culturais diversificadas. Também salienta-se que a vinda desses alunos para a cidade fomentou o mercado local e regional de violoncelistas.

Enquanto grupo musical ele também tem seus objetivos e tem tido uma atuação intensa na performance da música brasileira composta para essa formação instrumental. Além disso, o repertório do grupo tem enfoque na música brasileira e isso se destaca uma vez que são poucos os grupos de música de câmara no Brasil e exterior que trabalham com esse tipo de música.

Fora da Universidade os integrantes do “UDI Cello” são muito requisitados para cachês com outros grupos musicais, principalmente, na área de eventos, ou também para serem professores em projetos sociais, escolas de música e conservatórios.

1.2 Estrutura deste trabalho

Este trabalho está organizado em 7 partes.

Nesta primeira parte, na introdução, apresento o tema desta pesquisa, os objetivos e a justificativa deste trabalho, bem como situo o “UDI Cello” enquanto grupo musical.

Na segunda parte apresento uma revisão bibliográfica sobre processos de preparação da interpretação musical, sobre a interpretação em si, além de aspectos relacionados com a linguagem corporal na interpretação.

Na terceira parte exponho a metodologia desta pesquisa, na qual aponto os princípios metodológicos assumidos, além de questões relacionadas com os procedimentos de coleta de dados adotados.

Na quarta parte destaco alguns aspectos sobre o processo de criação do “UDI Cello”, as razões para se criar o grupo, a chegada do professor Kayami na UFU, as apresentações do grupo e suas principais transformações.

Na quinta parte descrevo a estrutura e a organização do “UDI Cello”, sua organização administrativa e musical, as relações entre os músicos e as dificuldades vivenciadas ao longo dos anos pelo grupo.

Na sexta parte relato como estão estruturados os ensaios do grupo, e também falo sobre o repertório do grupo, a elaboração de arranjos e organização da coreografia apresentada nas obras.

Na sétima, e última parte, faço as considerações finais deste trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta parte do trabalho, a fim de compreender o “UDI Cello” enquanto um grupo musical que preza pela preparação e pela performance musical. É importante visitar a literatura para apresentar aspectos e questões consideradas fundamentais na preparação e interpretação de uma obra musical.

Além disso, essa literatura alicerça discussões sobre a construção da obra musical em grupo e pelo grupo.

2.1 Preparando a interpretação

Sabe-se que estudar e praticar são atividades indispensáveis para o processo de preparação da interpretação musical. Essas ações musicais estão relacionadas entre si e incluem a memorização, o desenvolvimento da técnica do instrumento e o planejamento da interpretação.

A prática diária do instrumento é um exercício essencial para a preparação de um músico. O tempo dispensado para tal prática é subjetivo, pois depende da disposição e do conhecimento do músico. O êxito e a habilidade musical são adquiridos a partir de muitas horas de estudo e isso se torna um fator determinante na escolha de uma possível carreira como instrumentista. Portanto, para um músico alcançar os mais altos níveis de competência musical, o número de horas dedicado à prática é fundamental, bem como o desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas de estudo. Segundo Reid (2002), “o músico perito é capaz de equilibrar a habilidade técnica com a compreensão interpretativa” (p. 128).

Para os psicólogos Paul Fitts e Michael Posner (apud REID, 2002, p. 128), a aquisição de uma habilidade musical se realiza em 2 fases, quais sejam: a cognitiva na qual se requer a atenção consciente, a associativa que é definida pelo aperfeiçoamento da atividade e eliminação de erros e, por último, a fase autônoma em que a habilidade se torna espontânea.

Reid (2002) menciona que a repetição é o método principal que os músicos utilizam para automatizar uma atividade. Para que essa repetição seja eficaz deve-se realizar o estudo de trechos musicais pequenos repetidamente a fim de construir seções maiores. O tamanho dos blocos dependerá da habilidade dos músicos e da complexidade das obras, visto que um instrumentista mais experiente possui mais conhecimento que um iniciante. Menciona ainda que é coerente que o intérprete, durante as primeiras fases da aprendizagem, pratique os

trechos musicais de forma lenta e concentrada, para preservar a precisão e, ainda, manter a eficácia.

Além de aspectos relacionados ao estudo, o instrumentista ao preparar a interpretação de uma obra deve se atentar para o modo que irá transmiti-la, seja dentro do contexto mais restrito ou dentro de uma perspectiva mais ampla da obra musical, podendo modificar características da obra através de modelos como o tempo, dinâmica, articulação, timbre, entre outros. Segundo Reid (2002), interpretar uma música é um processo muito pessoal, pois o músico deve recorrer ao difícil caminho entre a necessidade de respeitar a partitura e o desejo de colocar em prática sua própria criação.

Segundo Reid (2002), a melhor maneira de desenvolver as habilidades interpretativas é escutando a performance de outros instrumentistas, assimilando as características expressivas da boa interpretação, visando assim enriquecer vocabulário interpretativo do músico. Na perspectiva desse autor, quando se solfeja uma linha melódica, consegue-se separar a expressividade da técnica, possibilitando criar um delineado expressivo que depois pode-se imitar no instrumento. Outra forma de se ampliar as habilidades interpretativas se dá a partir de uma sequência descritiva ou emocional, em que o músico estabelece relações entre os diversos elementos da obra musical. Ademais, o recurso da análise musical também é utilizado para obter conhecimento e compreensão mais aprofundada da obra, normalmente, para resolver problemas interpretativos específicos.

Ainda, na visão desse autor, o instrumentista ao começar a estudar uma obra musical deve acordar entre os processos requeridos para formular a interpretação e os que requerem para o desenvolvimento da técnica do seu instrumento. Reid (2002, p. 132) cita Wicinski, que investigou como os músicos organizam suas práticas para poder satisfazer ambos requisitos, a partir de entrevistas realizadas a importantes pianistas russos, afirmou que esses músicos usam 2 métodos de trabalho diferentes. Um grupo sugeriu que suas práticas podiam ser divididas em 3 fases:

- 1) Obter uma perspectiva geral da obra e desenvolver ideias interpretativas iniciais.
- 2) Superar as dificuldades técnicas da obra
- 3) Combinar as duas primeiras fases e aperfeiçoar a interpretação (WICINSKI, 1950, p. 171-215 apud REID, 2002, p. 132)⁹.

⁹ No original: “1) Obtener una perspectiva general de la obra y desarrollar ideas interpretativas iniciales”; 2) Superar las dificultades técnicas de la obra; 3) Combinar las dos primeras fases y perfeccionar la interpretación” (WICINSKI, 1950, p. 171-215 apud REID, 2002, p. 132).

Para Wicinski (1950) “o outro grupo não estabeleceu fases em suas práticas e manifestou que simplesmente estudavam a peça do começo ao fim (apud REID, 2002, p. 132)¹⁰.

Para Reid (2002), é interessante buscar entender a perspectiva geral de uma obra para melhor interpretá-la, uma vez que de imediato poderão ser identificadas as dificuldades técnicas da performance da obra musical e resolvê-las. Permite ainda, que o músico formule ideias interpretativas iniciais antes de realizar estudos técnicos com a música.

Na perspectiva de Reid (2002), durante os estudos de uma obra, a intuição pode ser a resposta interpretativa automatizada de um intérprete a determinado aspecto de uma obra ou partitura musical. Nesse sentido, a prática mais produtiva é aquela na qual há uma participação mental consciente, sendo mais eficaz quando o músico possui objetivos claros e factíveis e explorando meios para realizá-los.

2.2 Interpretação em grupo

No livro “La interpretación musical”, de John Rink, no capítulo intitulado “La interpretación en grupo”, escrito por Elaine Goodman, são analisados alguns aspectos relacionados com a interpretação que permeiam um grupo musical, são eles: coordenação, comunicação, papel do indivíduo e fatores sociais. Segundo Goodman (2002):

a interpretação em grupo implica uma interação musical e social entre vários intérpretes. O termo ensemble significa “juntos” em francês, e é utilizado para designar uma variedade aparentemente infinita de agrupamentos musicais, desde um duo até uma orquestra sinfônica (GOODMAN, 2002, p. 183)¹¹.

Goodman (2002, p. 183), em se tratando da coordenação do grupo, estabelece 4 fatores: O primeiro fator envolvido na coordenação em grupo refere-se ao fato de que “cada músico seja capaz de tocar a tempo com o restante do grupo”; o segundo fator é o “relógio do grupo”, que seria a definição de um tempo de referência, um andamento, para que os integrantes do conjunto possam controlar seu pulso interno; o terceiro são as “habilidades para manter o tempo”, que implicam que, além de simplesmente contar o tempo da obra, há duas técnicas básicas como a de “antecipação e reação” que tem a ver como cada nova nota é

¹⁰ No original: “El otro grupo no estableció fases en sus prácticas y manifestó que simplemente estudiaban la pieza de principio a fin” (WICINSKI, 1950, p. 171-215 apud REID, 2002, p. 132).

¹¹ No original: “La interpretación en grupo implica una interacción musical y social entre varios intérpretes. El término ensemble significa “juntos” en francés, y se utiliza para designar una variedad aparentemente infinita de agrupaciones musicales, desde un dúo hasta una orquestra sinfónica” (GOODMAN, 2002, p. 183).

condicionada pela nota anterior e pela que virá em seguida), e a de “cooperação”, que envolve interação, quando cada músico pode ser o guia de uma obra; e, por último, o quarto fator envolvido na coordenação do grupo é o da “ilusão de sincronia”, que ocorre quando se pensa que todos os músicos estão tocando as notas simultâneas com exatidão, porém sempre haverá pequenas diferenças de tempo. Isso porque, para Goodman (2002), há diferenças físicas entre os instrumentos, o que diferencia o tempo de ataque das notas, assim como o andamento da obra, já que se for muito lenta, devido à subdivisão do pulso por cada músico, podem ocorrer uma variação na conservação da contagem por cada intérprete.

Outro aspecto envolvido na interpretação, listado por Goodman (2002, p. 186) é o da comunicação estabelecida entre os músicos durante os ensaios e na apresentação. Na comunicação auditiva é transmitida mais facilmente a troca de ideias musicais, como: fraseados, dinâmicas, articulações etc.

De fato, a concentração de cada músico está dividida entre controlar seu próprio som e atender ao som produzido pelos demais intérpretes do grupo. Por conseguinte, realizam pequenos ajustes, consciente ou inconscientemente, no equilíbrio e na qualidade de som do grupo durante a interpretação (GOODMAN, 2002, p. 187)¹².

Assim, de acordo com a autora, a prática individual por muito tempo de uma música, praticada em conjunto, dificulta ao intérprete que ele reprima suas ideias musicais para se adaptar ao som que é buscado e exigido pelo grupo. Um exemplo, são os pianistas correpetidores que apresentam uma grande flexibilidade para se adaptar ou combinar suas intenções musicais às do outro músico que estão correpetindo.

Já na comunicação visual é levada em consideração a linguagem corporal apresentada pelos músicos e também pelos regentes. Todavia, Goodman (2002, p. 189) afirma não ser preciso que os intérpretes se olhem diretamente, mas que a visão periférica esteja sempre “ativada”. No caso do maestro há um contato mais visual, uma vez que os músicos devem olhar para ele de forma que possam se antecipar e responder aos movimentos do mesmo, de acordo com determinadas ideias interpretativas.

O “papel do indivíduo” em um grupo musical também é outro aspecto analisado por Goodman (2002), na interpretação. Para essa autora, o músico é tido como um ator em uma obra de teatro, desempenhando seu papel e se “combinando” com o todo. Cada intérprete tem

¹² No original: “En efecto, la concentración de cada músico está repartida entre controlar su propio sonido y atender al sonido que producen los demás intérpretes del grupo. Por consiguiente, realizan pequeños ajustes, consciente o inconscientemente, en el equilibrio y la calidad del sonido del grupo a lo largo de la interpretación” (GOODMAN, 2002, p. 187).

suas características e isso contribui com a construção da interpretação, porém é algo muito subjetivo. Goodman (2002) menciona que “Waterman observou que cada intérprete tinha respostas emocionais diferentes à música, e ele concluiu que as opiniões dos intérpretes sobre os momentos de emoção em uma interpretação conjunta não coincidem” (GOODMAN, 2002, p. 190)¹³.

Essa autora também faz uma análise de uma interpretação de um trecho do terceiro movimento da “Sonata para Piano e Violoncelo”, de Chopin. Nessa análise, foram acompanhados o ensaio individual da pianista – a qual preparou suas intenções musicais sem consultar o violoncelista – e o primeiro ensaio do duo, em que a pianista teve de mudar e adaptar algumas de suas concepções musicais – principalmente, o *rubato* – “negociando” ideias musicais com o violoncelista.

O último aspecto analisado por Goodman (2002, p. 194), envolvido na interpretação, no capítulo “La interpretación en grupo”, são os fatores sociais. Segundo a autora, para conduzir a interpretação em conjunto de uma obra, é necessário que haja um líder e quando não há um maestro, esse líder é escolhido de acordo com os seguintes fatores: personalidade dos intérpretes, a música e os estereótipos sociais (no caso o papel de cada instrumento dentro da obra). E afirma ainda que: “Um grupo musical é [...] um tipo incomum de grupo social, cujas interações envolvem um grau de intimidade e sutileza que, possivelmente, não seja igualado por nenhum outro tipo de grupo” (GOODMAN, 2002, p. 194)¹⁴.

A interação entre os outros músicos também é importante, pois contribui para um maior nível de confiança entre os indivíduos. Assim como em um esporte de equipe, o resultado que pode ser obtido em um grupo de câmara é maior que a soma dos potenciais individuais de cada integrante.

A autora, ao finalizar o capítulo, ressalta que as relações entre os músicos de um grupo musical estão em constante mudança, e isso pode acarretar em confrontos, diante de opiniões não compatíveis. No entanto, para essa autora, as relações sociais e musicais devem ser cultivadas, embora surjam incompatibilidades entre o conjunto.

¹³ No original: “Waterman observó que cada intérprete tenía respuestas emocionales diferentes ante la música, por lo que concluyó que “los intérpretes no coinciden en sus opiniones sobre los momentos emotivos dentro de una interpretación conjunta” (GOODMAN, 2002, p. 190).

¹⁴ No original: “Una agrupación musical es [...] un tipo inusual de grupo social cuyas interacciones implican un nivel de intimidad y sutileza que posiblemente no sea igualado por ningún otro tipo de grupo” (GOODMAN, 2002, p. 194).

2.3 A linguagem do corpo durante a interpretação

É sabido que o aspecto visual e comportamental das pessoas é considerado o “cartão de visitas” para uma análise crítica de nossa imagem, de quem somos. Na música isso não é diferente, o aspecto visual durante a apresentação é muito importante. No livro “La interpretación musical”, de John Rink (2006), no capítulo intitulado “El lenguaje del cuerpo durante la interpretación”, escrito por Jane Davidson, são descritas algumas considerações que ocorrem entre o intérprete e o público, com base nos aspectos visuais, como as normas de vestuário, hábitos característicos e outros comportamentos não-verbais, como olhares e gestos que são transmitidos durante a apresentação.

Segundo Davidson (2002):

as investigações têm revelado que o domínio musical implica um alto nível de melhoria das atividades física e mental, a ponto que a relação entre a informação armazenada na memória, os esquemas e planos que organizam tal informação os pensamentos e ações associados a ela se torna completamente automática e fluida. A prática é essencial para alcançar essa fluidez (DAVIDSON, 2002, p. 173)¹⁵.

Davidson (2002) diz que nas etapas iniciais de aprendizagem musical, os pensamentos e ações são desajeitados, deliberados e difíceis de coordenar, todavia, depois de muita prática e experiência o músico é capaz de tocar sem prestar atenção consciente aos pensamentos e ações que realiza para produzir a interpretação. Ele também diz que a excitação causada pela presença de outras pessoas pode interromper a atenção e o equilíbrio entre os sistemas mentais automáticos e conscientes empregados ao tocar.

Uma maneira de desenvolver e aprender a coordenar o pensamento e a ação automática e consciente é ensaiar diante de outras pessoas para tentar se familiarizar com os efeitos produzidos pela excitação e exercitar mecanismos conscientes para manter o foco e evitar ser distraído pelo público (DAVIDSON, 2002, p. 174)¹⁶.

¹⁵ No original: “Las investigaciones han revelado que la maestría musical implica en elevado nivel de perfeccionamiento de las actividades física y mental, hasta tal punto en que la relación entre la información almacenada en la memoria, los esquemas y planes que organizan dicha información y los pensamientos y acciones asociados a ella se vuelve completamente automática y fluida. 2 La práctica es esencial para lograr esa fluidez” (DAVIDSON, 2002, p. 173).

¹⁶ No original: “una forma de desarrollar y aprender a coordinar el pensamiento y la acción automática y consciente es ensayar ante otras personas para intentar familiarizarse con esos efectos producidos por la excitación y ejercitar mecanismos conscientes para mantenerse concentrado y evitar ser distraído por el público” (DAVIDSON, 2002, p. 174).

Ele continua dizendo que os manuais e textos sobre a aprendizagem de habilidades musicais frequentemente recomendam aos estudantes que encontrem uma articulação de suas ideias expressivas utilizando seu corpo. Um exemplo disso seria um cantor levantar lentamente o braço para ajudar a transmitir a ideia de que está cantando mais forte ao longo de uma frase musical. Baillot, em sua obra *“L’art du violon”* de 1834, sugere que diferentes tipos de movimento produzem e ao mesmo tempo vem dos efeitos relacionados com diferentes tempos musicais. Davidson (2002) diz que um século depois, o psicólogo alemão Alexander Truslit:

descobriu que os artistas produzem performances musicais comensuradamente diferentes em resposta a distintas indicações ou noções de movimento. Além disso, a informações sobre as características estruturais da música executada e as intenções expressivas do intérprete são comunicadas aos espectadores através de movimentos corporais (apud DAVIDSON, 2002, p. 174)¹⁷.

Davidson (2002) ainda aborda que considerar o corpo como uma fonte de expressão musical implica que esse se constitui um meio para comunicar qualidades básicas da natureza humana, qualidades que emergem do movimento e que se traduzem e abstraem em formas musicais. Ele fala que o escritor Ray Jackendoff sugeriu que a capacidade de movimento que atribuímos frequentemente à música pode ter realmente uma origem corporal ou estar associada a sons ou imagens que transmitam uma sensação de movimento corporal. De acordo com isso, a expressão musical está estritamente relacionada com quem somos.

Na continuação do texto, Davidson elenca 3 temas sobre o papel que desempenha o corpo na produção das características técnicas e expressivas que são importantes de serem examinadas ao preparar uma apresentação. São eles: observando o intérprete, fatores sociais e apresentar uma apresentação.

Sobre a observação ao intérprete, Davidson (2002, p. 175) afirma que sendo o corpo vital na geração das qualidades técnicas e expressivas de uma interpretação musical, é preciso analisar o que compreende os movimentos corporais do intérprete. Ele dá o exemplo de um estudo realizado por Jane Davidson, no qual a autora buscou decodificar os movimentos utilizados durante a interpretação de um pianista e que informações esses movimentos transmitiam ao público. Identificou-se que para esse pianista, uma interpretação expressiva

¹⁷ No original: “Alexander Truslit, un psicólogo alemán, descubrió que los intérpretes producen interpretaciones musicales conmensurablemente diferentes en respuesta a distintas indicaciones o nociones de movimiento. Además, la información sobre las características estructurales de la música ejecutada y las intenciones expresivas del intérprete es comunicada a los espectadores mediante movimientos corporales” (apud DAVIDSON, 2002, p. 174).

sempre implicava um movimento giratório e de balanço, sendo que esses movimentos vinham da região do quadril.

O quadril do pianista representava o ponto de apoio do seu centro de gravidade. Esse centro de gravidade parecia ser o ponto central em que se gerava a expressão física. Descobriu-se que os gestos do pianista funcionavam de maneira bastante flexível, de modo que nas interpretações que se repetiam com intenções expressivas similares podiam aparecer, por exemplo, um movimento de cabeça onde previamente se havia produzido um movimento ondular da escápula. Esses gestos sempre apareciam nos mesmos pontos da música, o que sugere uma estreita relação entre a produção física da expressão e sua correlação com o efeito sonoro expressivo, ou seja, sempre se produzia um gesto no limite ou no clímax de uma frase.

Davidson (2002, p. 176) estabelece um paralelismo entre os descobrimentos do pianista e o trabalho de James Cutting e colaboradores, sendo que esse último examina a natureza da expressão física observando a forma de andar das pessoas, neste caso a expressão era a identidade e o gênero de cada pessoa. Os estudos demonstraram que qualquer articulação do corpo proporciona uma informação igualmente expressiva no movimento cíclico de andar. Ele continua dizendo:

os pesquisadores mostraram que, quando uma pessoa caminha, existe um ponto em seu corpo que funciona como uma referência para os movimentos de todas as outras partes. Ao tocar piano, nem todo o corpo participa da mesma medida da execução; portanto, o ponto de referência para movimentos expressivos no piano estará inevitavelmente relacionado à posição sentada e ao centro de gravidade, e, dadas as descobertas de Davidson, é muito provável que ele esteja no movimento do balançar (DAVIDSON, 2002, p. 176)¹⁸.

Davidson (2002, p. 177) ainda fala que Cutting explicou a descoberta de que partes diferentes do corpo transmitem informações igualmente expressivas e propõe que algumas áreas do corpo são indicadores gerais de expressão, enquanto que outras partes proporcionam uma informação mais específica. Ainda diz que a informação transmitida pelos movimentos está totalmente ao alcance do público, que a utiliza para avaliar e processar uma interpretação. Encontrar a intenção física e mental adequada e permitir que essa se comunique livremente

¹⁸ No original: “Los investigadores demostraron que, cuando una persona anda, hay un punto en su cuerpo que funciona como una referencia para los movimientos de todas las demás partes. Al tocar el piano, no todo el cuerpo participa en la misma medida en la ejecución; por lo tanto, el punto de referencia para los movimientos expresivos en el piano estará inevitablemente relacionado con la posición sentada y el centro de gravedad, y dados los hallazgos de Davidson, es muy probable que se encuentre en el movimiento de balanceo” (DAVIDSON, 2002, p. 176).

através do corpo, é essencial para a produção de uma interpretação fluida e expressiva. Com isso, pode-se dizer que os movimentos e gestos se adequam ao contexto social e cultural.

Para Davidson (2002, p. 177) um segundo tema que é examinado em uma apresentação são os fatores sociais. Ele diz que é muito importante a etiqueta social da apresentação, tendo como comportamentos o se curvar e a vestimenta adequada. Também salienta um estudo recente que mostra que para os avaliadores de apresentações vocais, o que eles consideram como critério mais importante na avaliação de uma interpretação solista é o atrativo físico do intérprete.

Sobre os movimentos, Davidson (2002, p. 178) diz que todos os comportamentos que envolvem movimentos são aprendidos de outras pessoas, e na música isso não é diferente. Ou seja, o professor do aluno pode ser reconhecido com facilidade pela maneira como ele aborda o instrumento. Ele dá o seguinte exemplo:

há uma professora de violino muito respeitada que ensina todos os seus alunos a dobrar os joelhos de uma forma particular para adicionar peso e relaxamento à sua execução. Essa professora é imediatamente reconhecível nos movimentos de cada um dos seus alunos (DAVIDSON, 2002, p.178)¹⁹.

Martin Gellrich (GELLRICH, 1991, p. 167-179 apud DAVIDSON, 2002, p. 178) investigou gestos superficiais que os músicos fazem durante suas interpretações, sugerindo que os movimentos e gestos apontam para uma intenção expressiva da interpretação e podem ter efeitos tanto positivos como negativos. Ele diz que os gestos podem contribuir para uma informação que vai ajudar o espectador a compreender a interpretação. Ao inverso, se esses gestos não forem coerentes com a intenção do intérprete, eles podem provocar tensões físicas, inibindo a fluidez e causando uma desarmonia entre o gesto utilizado e o objetivo da interpretação.

Ainda sobre gestos, Davidson (2002, p. 178) fala que os gestos superficiais podem contribuir de maneira importante na produção e percepção de uma interpretação musical. E sobre esses gestos na linguagem verbal, alguns estudos indicam a existência de um conjunto desses gestos associados a significados específicos, como é o caso de dedo polegar levantado, que na cultura ocidental significa “bem”. Assim, também ocorre com os movimentos gestuais para determinadas expressões musicais.

¹⁹ No original: “Hay una profesora de violín muy respetada que enseña a todos sus alumnos a doblar las rodillas de un modo particular para añadir peso y relajación a su ejecución. Dicha profesora es inmediatamente reconocible en los movimientos de cada uno de sus alumnos” (DAVIDSON, 2002, p. 178).

Como último tema, Davidson (2002, p. 179) menciona a apresentação de uma interpretação, em que o intérprete e o público trocam informações contínuas mediante sinais visuais e auditivos. Davidson diz que:

os pesquisadores têm observado que se o intérprete percebe os numerosos sinais do contexto da interpretação ao vivo e os interpreta positivamente, ele pode alcançar um estado diferente de consciência psicológica que lhe permite concentrar-se profundamente em sua tarefa e analisar pensamentos e sentimentos espontâneos de maneira criativa” (DAVIDSON, 2002, p. 179)²⁰.

Concluindo, Davidson (2002, p. 179) fala que a excitação psicológica e física é consequência inevitável das interações sociais, podendo fluir em níveis ótimos com a performance ou, ao contrário, causar uma reação em cadeia de consequências fisiológicas nefastas na interpretação. Salienta ainda que a interpretação musical é uma atividade sumamente expressiva e abstraída que emana de uma base corporal, supondo conhecimentos profundos de música, do instrumento e do próprio eu na música.

²⁰ No original: “Los investigadores han observado que si el intérprete percibe las numerosas señales del contexto de la interpretación en vivo y las interpreta positivamente, puede alcanzar un estado de conciencia psicológica diferente que le permite concentrarse profundamente en su tarea y analizar pensamientos y sentimientos espontâneos de una manera creativa” (DAVIDSON, 2002, p. 179).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti (1991, p. 78), a pesquisa qualitativa parte “de fenômenos aparentemente simples de fatos singulares”, e valorizam “aspectos qualitativos dos fenômenos, expõem a complexidade da vida humana e evidenciam significados ignorados da vida social”. Nessa perspectiva, “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

A presente pesquisa visa entender a estrutura e o funcionamento do “UDI Cello”, sendo que o foco não está em conceitos, mas em aspectos relacionados com a organização desse grupo musical enquanto um espaço possível de experienciar a música em alta performance musical.

Nesse tipo de pesquisa, o foco está “nos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais” (CHIZZOTTI, 1991, p. 78).

3.2 Participantes da pesquisa

Para a realização desta pesquisa era importante entrevistar músicos que estiveram envolvidos com a criação do “UDI Cello”, que tivessem acesso aos documentos do grupo e experiências com/no grupo e que pudessem colaborar com informações sobre o processo de organização e estruturação desse grupo.

Foram escolhidos 2 participantes para esta pesquisa que atendiam a esses critérios apontados. Nesse sentido, decidiu-se por contar com 2 remanescentes da primeira formação desse grupo e que ainda tocam no “UDI Cello”: Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves e o professor Kayami Satomi Farias.

O Professor Kayami Satomi, além de ser o fundador do “UDI Cello”, é o diretor artístico e executivo do grupo, estipulou os objetivos da criação do grupo e conhece a trajetória do grupo, bem como momentos de conquistas do mesmo.

Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves, além de ser também um dos membros fundadores, é um dos responsáveis pela parte artística do grupo e o único aluno do professor

Kayami membro/fundador que está no grupo até hoje. Ambos possuem bastante prestígio dentro do “UDI Cello” e também atuam em diferentes setores de produção no grupo.

Ambos puderam ajudar a esclarecer aspectos que não foram possíveis de serem entendidos a partir dos documentos, já que eles apresentaram uma visão “de dentro” do grupo, o que os documentos não alcançam devido à sua natureza.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Segundo Chizzotti (1991, p. 81), a pesquisa qualitativa, no que se trata da delimitação de um problema de pesquisa, pressupõe a:

imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema. Pressupõe, também, uma participação prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, para descobrir os fenômenos além de suas aparências imediatas (CHIZZOTTI, 1991, p. 81).

Ainda, para esse autor, a coleta de dados não é um processo acumulativo e linear. Os dados foram levantados em um processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos.

Os instrumentos de coleta de dados nesta pesquisa foram: levantamento de documentos relacionados ao grupo e as entrevistas.

Posteriormente, os dados levantados a partir desses procedimentos, no decorrer da pesquisa foram organizados, categorizados e analisados.

3.3.1 Levantamento de documentos

A partir do início desta pesquisa buscou-se levantar documentos relacionados com o grupo “UDI Cello”. Os documentos relacionados ao grupo que foram levantados foram: recortes de jornais, artigos de revistas, programas de concertos, informação em sites de mídias sociais.

O levantamento desse material aconteceu a partir de outubro de 2017. Primeiramente, foram coletados os materiais que estavam no acervo do grupo, porém a pasta que continha os programas de concertos realizados, bem como os artigos de jornais e revistas, esteve desaparecida até começo do ano de 2019.

Depois deste contratempo, foram coletados os dados que estavam no Hard Disk externo (HD) do grupo que fica sob a responsabilidade do professor Kayami. Por se tratar de um grupo de música de câmara conhecido no Brasil, muitas informações e registros do “UDI Cello” estão em sites de mídias sociais, principalmente, no *Youtube* e no site do grupo. A partir desse material foi possível “preencher” parte das informações.

Como mencionado, o material que estava acondicionado em uma pasta ficou muito tempo desaparecido, restando poucas fontes para obtenção de informações. Somente em março de 2019 a pasta foi reencontrada e tendo em vista os documentos levantados foi possível traçar um panorama cronológico da atuação do “UDI Cello”, enquanto um grupo musical, dando ênfase em suas apresentações a partir dos programas de concertos. No entanto, é importante mencionar que desde o primeiro semestre de 2019 o grupo diminuiu a frequência na impressão dos programas e passou a divulgar os mesmos durante o concerto ou publicando os programas antes do evento no *Facebook*²¹.

Com os materiais em mãos foi possível traçar um panorama geral de organização onde foi elaborado um quadro contendo as datas, eventos, locais, formação de integrantes e o repertório de cada uma das apresentações destes 10 anos de “UDI Cello” (APÊNDICE A). É importante dizer que pela falta de alguns programas das apresentações, e até mesmo de documentos, não foram colocadas no quadro todas as apresentações feitas pelo grupo nesse seu período de existência, desde 2009. É importante destacar que não foram encontrados registros de muitas apresentações do grupo. Também foram levantados e listados vídeos do grupo no *Youtube* (APÊNDICE B).

Esse quadro foi importante para obter uma visão detalhada das atividades artísticas do grupo, observando o aumento da atuação artística do “UDI Cello” tanto na região quanto fora da região. Foi possível identificar os anos com maior número de apresentações, a ampliação do repertório, os músicos que passaram pelo grupo, a trajetória e os locais nos quais o grupo se apresentou e também como ele se consolidou como um grupo musical de referência.

3.3.2 A entrevista

A entrevista é uma das ferramentas de pesquisa mais eficazes na produção de conhecimento em ciências humanas. É preciso que o pesquisador compreenda a realidade em que seu entrevistado está inserido e que participe da mesma. Todavia, mesmo assim, muitas

²¹ Rede social virtual (link: <http://www.facebook.com>).

vezes, torna-se um desafio realizar as entrevistas de forma a captar o máximo de informações necessárias para o trabalho.

Nesta pesquisa, assume-se a “entrevista compreensiva” como o tipo de entrevista a ser adotado. Segundo Kaufmann (2003, p. 296), esse tipo de entrevista se difere do “modo clássico” de entrevista, ou seja, a que define a problemática já no início da pesquisa com padronização antes da coleta de dados. Na “entrevista compreensiva”, a riqueza do material descoberto é utilizada na problematização como ponto de partida, pois importa ao pesquisador a compreensão social (apud ZAGO, 1996).

De acordo com Kaufmann (2013 apud FERREIRA, 2014, p. 171-174), a entrevista deveria ser um momento de uma partilha de conhecimentos, que se assemelhasse mais a um diálogo entre duas pessoas, do que entre entrevistado e entrevistador; “o informante se surpreende por ser ouvido profundamente e se sente elevado, [...] a um papel central. Ele não é vagamente interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem (KAUFMANN, 2013, p. 80 apud FERREIRA, 2014, p. 171-174).

Assim, a entrevista compreensiva deve ser conduzida pelo entrevistador como se fosse uma conversa, levando-se em consideração alguns pontos que o pesquisador almeja alcançar, mas de modo que eles sejam atingidos de maneira mais natural. O importante é que, a partir do diálogo, sejam criadas novas perguntas, que contribuam para complementar os pontos principais, já estabelecidos pelo entrevistador.

Portanto, para Kaufmann (2013 apud FERREIRA, 2014, p. 171-174), o pesquisador no momento da entrevista compreensiva deve estar atento tanto para o que for dito pelo informante, quanto para o que não for dito, no caso respirações, sorrisos e risadas. Isso é o que ele chama de “escutatória”, pois o pesquisador passa a fazer associações mentais utilizando todos os sinais transmitidos pelos entrevistados, trabalhando além do que é somente ouvido, pensando através do entrevistado.

3.3.2.1 Elaboração do roteiro

O roteiro de entrevistas foi bastante desafiador dentro da pesquisa. Dada a diferença da natureza da relação dos participantes da pesquisa com o “UDI Cello” foram elaborados 2 roteiros de entrevistas: um para o professor Kayami (APÊNDICE C) e outro para o Gabriel (APÊNDICE D). Além de procurar entender como foi o primeiro contato dos entrevistados

com a música e com o violoncelo, tive que levantar informações envolvendo o “UDI Cello” tanto no que se refere à sua criação quanto sobre sua organização administrativa e musical.

Outro aspecto importante é que, por eu ser violoncelista no grupo desde 2013 e ter um contato muito próximo com os outros músicos, ficou bem difícil elaborar um roteiro de perguntas e questionamentos que eu tivesse ou que eu não soubesse indiretamente as respostas. Para obter um foco e direcionamento no roteiro de perguntas, detalhei os objetivos específicos e busquei relacionar cada um deles com o contexto dos entrevistados. Isso ajudou muito e melhorou a organização das minhas ideias para a elaboração do roteiro.

O roteiro de perguntas foi organizado em 7 temas, que foram: vida pessoal dos músicos; o “UDI Cello” como um grupo musical; o funcionamento, a estrutura e a organização do grupo; os vínculos dos músicos no grupo; estrutura, organização e estratégias de ensaio do grupo na preparação e execução do repertório; o processo de escolha do repertório; e por fim o processo de preparação da interpretação e da performance das obras musicais.

A partir de cada um desses grandes temas foi possível realizar perguntas aos entrevistados que respondessem como o “UDI Cello” se constituiu um grupo musical, sua estrutura e sua organização.

3.3.2.2 Realizando as entrevistas

Como mencionado, foram realizadas duas entrevistas, uma com o professor Kayami Satomi (criador do grupo) e outra com Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves, o único músico remanescente da formação inicial do grupo. Por se tratar de duas pessoas diferentes e com pontos de vista distintos sobre o grupo, as informações apresentadas por ambos tornaram-se um desafio, pois eles tinham opiniões diferentes, não agiam da mesma forma em diferentes circunstâncias da atuação do grupo e nem sempre pensavam da mesma forma sobre o grupo.

A entrevista com o professor Kayami foi realizada no dia 07/08/2018, com duração de 2:26’52” no Laboratório de Cordas (LACOR), da UFU. A entrevista do professor Kayami foi muito importante para poder compreender como foi o processo de criação do “UDI Cello”, desde sua vinda do Mestrado na Alemanha até o momento onde um conjunto de pessoas decidiu criar o grupo. Também foi possível através da entrevista do professor Kayami ver as transformações mais significativas do grupo nesses 10 anos e ver como funciona a estrutura organizacional do “UDI Cello”. Foi possível também entender os aspectos que permeiam o

preparo das apresentações, desde os ensaios *tutti*, preparação de repertório, até a parte da performance nas apresentações e tudo aquilo que faz parte da mesma.

A segunda entrevista foi realizada com Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves no dia 13/08/2018, com duração de 47'50", em minha residência. Na entrevista com Gabriel foi possível entender como se deu o início de suas aulas de violoncelo, bem como foi possível identificar o seu primeiro contato com o professor Kayami e logo após com a criação do grupo. Também na entrevista pude compreender as dificuldades e desafios enfrentados por Gabriel no grupo, principalmente, por ele ocupar as posições de liderança. Foi possível entender a rotina de ensaios do grupo.

Depois de solicitar autorização para gravação com os entrevistados, foi utilizado um gravador de voz profissional para captar o áudio das entrevistas.

Durante as entrevistas eu tinha como guia o roteiro de perguntas, porém o maior desafio era criar uma linha de raciocínio que respondesse todas as perguntas do roteiro elaborado, pois, muitas vezes, dentro de uma mesma pergunta eu tinha várias respostas e quando eu ia perguntar especificamente sobre determinada pergunta, os entrevistados falavam que já tinham respondido a pergunta anteriormente.

Outra dificuldade foi me colocar como alguém que não soubesse nada ou pouco soubesse sobre o grupo e mesmo tendo o roteiro em mãos, poder ter explicações sobre as minhas dúvidas sobre o “UDI Cello” durante a entrevista.

3.3.2.3 Transcrição das entrevistas

As transcrições das entrevistas foram feitas logo após a realização das mesmas e entregues no dia 01/09/2018. A transcrição dessa entrevista foi terceirizada.

As entrevistas foram transcritas no editor de textos *Word*, corrigidas e conferidas com o áudio original. Por último, foram corrigidas as diferenças de transcrição. Depois de prontas, as entrevistas transcritas foram organizadas em um “Caderno de entrevistas”, que contem 41 páginas.

3.4 Análise do material

A primeira atividade realizada após término da organização do “Caderno de entrevistas” foi iniciar a análise desse material. Tive de ler inúmeras vezes o conteúdo das entrevistas do professor Kayami e do Gabriel para poder traçar um plano de organização das

categorias de análise. Isso se tornou uma tarefa um pouco difícil, pois como dito anteriormente, sou membro do “UDI Cello” desde 2013 e muitas das respostas eu já sabia, porém tive de interpretar de diferentes maneiras e sob os olhos de diferentes pessoas.

Logo após realizar o estudo das entrevistas pude organizar cada uma das perguntas em grandes temas, que seriam: introdução, “UDI Cello” e músicos. Na introdução ficaram as perguntas relacionadas com o início da carreira dos entrevistados, como se conheceram, os objetivos deles como violoncelistas. Já sobre o “UDI Cello” ficaram as perguntas relacionadas com a criação do grupo, objetivos do grupo, melhores e piores momentos do grupo, barreiras no crescimento, organização do grupo, ensaios, coreografia, entre outros. E, por último, o tema envolvendo os participantes do grupo, cujas perguntas fizeram referências à capacidade dos músicos de preparação performática, à profissionalização, à saída de músicos do grupo, à competição e a hierarquia entre músicos, membros, entre outros.

Depois de organizar e compilar os temas das entrevistas fiz uma revisão das temáticas que se repetiam e que se sobrepunham ao longo da montagem do roteiro. Essa tarefa foi bastante desafiadora, pois muitas perguntas continham mais de uma resposta. A organização e a escolha das melhores respostas exigiam atenção e cuidado, principalmente, para ver se estavam respondendo aos grandes temas do roteiro e dos objetivos da pesquisa.

Após esse momento, comecei a escrever e dar sentido ao material tematizado. Na última etapa fiz a revisão e reorganização das temáticas das entrevistas, daí partindo para a organização desse material nos capítulos dessa monografia.

4 O GRUPO “UDI CELLO ENSEMBLE” E SUA CRIAÇÃO

Neste capítulo estão expostas as primeiras ideias do professor Kayami Satomi sobre a criação de um octeto de violoncelos, destacando suas primeiras iniciativas nesse sentido no Curso de Música da UFU.

Também são apresentados os motivos para a criação do “UDI Cello”, bem como as transformações do grupo ao longo da sua existência.

4.1 A criação do “UDI Cello”

4.1.1 Antecedentes

O “UDI Cello”, como mencionado, é um grupo de violoncelos da cidade de Uberlândia que foi criado no ano de 2009 no Curso de Música da UFU, pelo professor Kayami Satomi.

Foi na Europa que o professor Kayami teve contato com octeto de violoncelos. Ele conta que, ao terminar seus estudos na Europa, foi aprovado para realizar o mestrado na Universidade de Berna, na Suíça, com o professor Antônio Menezes. Como seu primeiro diploma não era exatamente de mestrado e sim “Diploma de Concerto”, nessa segunda etapa dos seus estudos, ele teria de cursar mais disciplinas didáticas, ou seja, seria um mestrado mais focado na didática.

Neste meio tempo o professor Kayami disse que abriram vários concursos no Brasil, pois, naquela época, o contexto do país era de crescimento e expansão das universidades e, com isso, surgiram 5 concursos para professor de violoncelo em universidades brasileiras e na UFU foi um deles. Na época ele disse que pensou: “_Nossa, se eu não entrar nessa vou ter que esperar 30 anos até o professor que entrou se aposentar” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 4). E, como naquele período as universidades estavam abrindo cursos de violoncelo, essa era uma oportunidade para ele ter sua própria classe de cello. O primeiro concurso que o professor Kayami se inscreveu e passou foi o da UFU (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 4).

O professor Kayami disse que inicialmente ele pretendia fazer provas como professor de violoncelo em universidades localizadas nas cidades de Campina Grande, Florianópolis, Teresina, Rio de Janeiro e Uberlândia. Ele dizia que a realidade no nordeste com a música erudita era muito dura. No Rio de Janeiro ele não conseguiu se inscrever a tempo, pois até

coletar todos os documentos já tinha perdido a data. Sendo assim, sua escolha por Uberlândia foi pelo posicionamento geográfico e por poder criar uma nova classe de violoncelo na Universidade, com suas próprias regras, implementando um sistema que tivesse a ver com as necessidades do século XXI, mais do que com as necessidades do passado e também porque Uberlândia era uma cidade em crescimento.

O professor Kayami ainda conta que a Universidade o atraiu bastante por ser bem-conceituada de uma forma geral e por, naquela época, ter vários professores muito bons chegando ao Curso de Música (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 5).

4.1.2 A ideia de criação do “UDI Cello”

A partir das entrevistas realizadas, pode-se dizer que a ideia da criação desse grupo começou muito antes quando ainda estudava na Alemanha. O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 3) disse que na classe em que estudava ele teve contato com *ensembles* de cello e disse que lá já decidiu que quando voltasse para o Brasil ele dirigiria seus olhos para carreira docente na universidade e utilizaria o *ensemble* como parte de um projeto pedagógico.

O professor Kayami menciona que quando chegou a Uberlândia ele viu a necessidade de começar as atividades de violoncelo dentro da universidade, apesar delas já existirem em conservatórios da região. Começou fazendo atividades extensionistas para chamar atenção para o início das atividades relacionadas com o violoncelo na UFU, “abrindo a possibilidade à comunidade externa” (apud MOREIRA, 2013, p. 12). Ele relata que no seu primeiro semestre não teve nenhum aluno de violoncelo, apenas ficou ministrando aulas de outras disciplinas como: prática de conjunto e prática de orquestra. Ainda acrescenta que esse seu primeiro semestre como professor em Uberlândia serviu para colher informações e saber onde estavam os violoncelistas da cidade e seriam esses, para ele, que “teriam de ser conquistados” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 5).

Até o segundo semestre de sua admissão na UFU não houve atividade diretamente ligada ao Curso de Violoncelo na Universidade. Segundo o professor Kayami, (Entrevista dia 07/08/2018, p. 5), ele “estava preparando o terreno para plantar o violoncelo”.

O professor Kayami menciona que nesse processo de “preparação do terreno” ele visitou instituições, conservatórios, igrejas, escolas de música para saber onde estavam os violoncelistas da cidade e da região. Naquela época ele também lançou uma convocatória para as pessoas que tivessem um violoncelo e que tivesse potencial para serem violoncelistas ou

para estarem dentro do projeto de extensão da UFU. A partir do interesse dessas pessoas, esse referido professor pôde convocar a primeira reunião com esses músicos e foi, nesse momento, que ele decidiu criar um grupo de violoncelos em Uberlândia.

Essa primeira reunião contou com a presença de alguns músicos, o compositor Calimério Soares, professor Klemes César Pires, Raquel Joselen, Beatriz Moraes Bernardes, Nísia Maria Teresa Salles, entre outras pessoas. Essa reunião foi considerada como importantíssima para a continuidade dos planos do professor Kayami para a criação do grupo de violoncelos na cidade.

Depois do encontro com os violoncelistas espalhados na cidade e região, o professor Kayami disse que teve “a ideia na cabeça de fazer um grupo de violoncelos, que era uma prática comum para estimular os alunos. Seria um momento para estar todos juntos aqui [na UFU], fazendo música” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 6). Seria o momento de colocar em prática uma ideia antiga, vislumbrada ainda durante o período de estudos na Alemanha.

Quando o grupo começou suas atividades ele não tinha ainda decidido qual seria o nome. O professor Kayami fala que o próprio nome do grupo foi criado a partir de uma eleição, e que ele tinha pré-determinado que o nome teria de ser uma espécie de ideia tríplice: deveria conter no nome cello ou violoncelo, teria de determinar que era um conjunto de violoncelos, ou seja, podendo se chamar *ensemble*, coral, conjunto, “qualquer nome que determinasse que era um grupo” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 6). Aí, segundo ele “carinhosamente”, o nome do grupo ficou “UDI Cello Ensemble”, sendo que UDI é a sigla da cidade de Uberlândia, *cello* é o nome abreviado do violoncelo e *ensemble* o ‘nome chique’ para o grupo.

Gabriel que foi um dos primeiros músicos do “UDI Cello” conta que nessa época quando o professor Kayami “juntou os violoncelistas da cidade, eram músicos de todos os níveis, tinha que trabalhar com o material que tinha, com os recursos que tinha” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 30). Gabriel diz que o professor Kayami falou: “_Olha, quero fazer um conjunto de violoncelos, quero que todo mundo participe” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 30).

Gabriel conta que naquela mesma oportunidade foi proposta, a partir de uma votação, a criação de um nome para o grupo e dentre vários o mais votado foi “UDI Cello”.

Os primeiros 2 anos após a criação do grupo serviram para formar um pouco do que hoje é o “UDI Cello”. A grande maioria dos alunos do professor Kayami eram iniciantes e tinham pouco domínio técnico no instrumento, por isso foi preciso um incansável trabalho

técnico e musical por parte do professor até os frutos da “primeira geração do grupo” começarem a aparecer.

Em 2011, os músicos do grupo decidiram levar o projeto com mais fervor, propondo mais atividades para o “UDI Cello”. Naquele ano, além da participação em editais e o investimento no “caixinha do grupo”²², o “UDI Cello” deu um salto em termos de nível técnico-interpretativo. Naquele ano o grupo se apresentou na 17ª edição do Rice (Rio International Cello Encounter), evento importante, inclusive, no cenário internacional do instrumento.

A primeira formação do “UDI Cello” foi composta por Beatriz Moraes Bernardes, Bruno Thayer, Ezequiel Urbano, Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves, Isaac Andrade, Kayami Satomi, Maria Soledad Azevedo, Marlon da Silva Alves, Nísia Maria Teresa Salles e Raquel Joselen. Desse primeiro grupo, apenas 3 alunos, além do professor Kayami, continuaram seus estudos de violoncelo na Universidade que foram o Bruno, Ezequiel, Gabriel e Maria Soledad. (ver Figura 4).

Figura 4 - Primeiros membros do "UDI Cello".



Fonte: Página do *Facebook* de Gabriel Gonçalves.

4.1.3 Razões para criação do grupo

Ao ser perguntado do porquê o grupo foi criado, o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 6) disse que “precisava ter um coletivo de violoncelos para que desse coletivo

²² O caixinha do grupo era onde ficava guardado o dinheiro que o “UDI Cello” recebia dos cachês das apresentações ou até mesmo o valor recebido das vendas da lojinha. Esse “caixinha” normalmente ficava com determinados integrantes do grupo, porém, mais recentemente, a empresa “Art Cello” passou a administrar o financeiro do grupo e tudo aquilo que é relacionado a dinheiro no “UDI Cello”.

ele pudesse criar uma demanda de alunos para o próprio Curso de Violoncelo da Universidade”. Acreditava que o grupo “tinha de ter uma constante, funcionar o ano inteiro para que o projeto tivesse mais atrelado com o plano pedagógico” porque “poderia fazer uma crescente de repertórios com vários níveis de dificuldade das músicas” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 7).

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 7) conta que o seu objetivo com o grupo era estar em contato com violoncelistas que não estavam na universidade, “e de certa forma, colocar alguns pontos de exigência que se fariam necessários para quando eles viessem para a universidade”.

Outro objetivo do grupo, segundo ele, era tocar um pouco mais de músicas que estavam engavetadas ou compositores pouco conhecidos, pois, como os ensaios eram ao menos uma vez na semana, haveria disponibilidade de tempo para ver essas partituras. Com isso, “os compositores tiveram vontade de escrever sabendo que as peças não iriam direto para uma gaveta” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 8). Ele ainda acrescentou que “a música brasileira estava na ata da primeira reunião. A gente queria fazer música brasileira e de compositores vivos”. Ele ainda diz que:

queria mostrar que o violoncelo pode ser protagonista, ou seja, o violoncelo das sonatas, dos concertos, das grandes obras solos. Então, que ele chegou e desenvolveu tanto quanto o violino e que poderia ter o seu papel protagonista. A questão é que para ele ter esse papel protagonista a gente tem que excluir o violino. A partir desse momento que a gente faz um *ensemble* de violoncelos todas as vozes importantes, todos os solos vão para os violoncelos (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 8).

O professor ainda observa que:

o objetivo principal do “UDI Cello” se tornou um projeto que a gente intitulou de “UFU Cellos”²³, que é o de receber qualquer aluno, indiferente do nível que está, mas que tem interesse em violoncelo, de fomentar o seu estudo, de encontrar com coletivo de violoncelistas. Esse objetivo hoje fica para o “UFU Cellos” e o “UDI Cello” tem um papel de um grupo de performance, de alta performance, com destaque nacional e com alguma incursão internacional, alguma projeção internacional, vide os vídeos do grupo que são amplamente escutados mundialmente e que criaram de certa forma patamares (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 9).

²³ O “UFU Cellos” é um grupo criado pelo professor Kayami Satomi dentro da Universidade Federal de Uberlândia com o intuito de receber alunos que toquem violoncelo, independente do nível técnico. Normalmente participam do grupo alunos de violoncelo do Conservatório ou até mesmo alunos dos discentes da UFU.

Já hoje o grupo “UDI Cello” mudou seus objetivos e, segundo o professor Kayami, o que está em questão “já não é mais a conexão com o aluno externo”. Os integrantes do grupo são alunos da Universidade, e o objetivo “do grupo ser vitrine do instrumento ficou mais evidente” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 8). Ressalta ainda que “o violoncelo não é um instrumento amplamente conhecido, ele é um instrumento que fica muito à sombra do violino e do piano, por exemplo, que são instrumentos realmente populares” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 8).

No cenário internacional da música, o professor Kayami destaca que o objetivo do grupo é “mostrar o que a gente tem de melhor e a marca [do grupo] é o jeito de tocar música brasileira, não só a popular, mas a erudita também” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 10). Ele ressalta que a música brasileira tem uma maneira de se tocar, de se pesquisar e que gostaria muito de expandir para a música latino-americana por se tratar de um grupo que mantém uma rotina de ensaios semanais e com um calendário anual de atividades.

Já no patamar nacional da música, o objetivo do grupo é “fomentar o violoncelo, fomentar a imagem do violoncelo, estimular a imagem, o aprendizado, o consumo do violoncelo, tanto nacionalmente como regionalmente” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p.10). Acrescenta ainda que outro objetivo do grupo é mostrar que o violoncelo, “pode tocar com *swing*, pode ser virtuoso tanto quanto o violino ou piano” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 10).

Para o professor Kayami, hoje o objetivo do grupo é:

ter uma visão mais internacional da música, um patamar mais internacional, não só regional. Estimular a região a ter mais violoncelistas, e buscar mais violoncelos, o que de certa forma retroalimenta a máquina toda porque mais interesse cresce, mais número de alunos, e alunos com qualidade também. Com o crescimento do movimento os alunos integrantes que vem para a região eles podem trabalhar, pois cria-se empregos, criam-se novas possibilidades. E eu acredito muito nisso, a gente não pode esquecer nunca que os cargos que estão sendo criados na região são fomentados pelo “UDI Cello” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 9).

Ao falar sobre seus objetivos pessoais para o grupo, o professor Kayami diz que espera que o “UDI Cello” “seja um grupo profissional, que seja um grupo que inspire bons hábitos de grupos, que seja um grupo de referência internacional e que também chame atenção internacionalmente de outros compositores” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 13). Ele gostaria também que o grupo chamasse mais atenção e interagisse mais

internacionalmente, sendo um grupo “de carreira e que não fosse um grupo só de estudantes universitários” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 13). Ele ainda diz que:

no momento que isso acontecer, que eu vejo pro “UDI Cello” daqui a 10 anos, outro grupo vai ter que suplantá-lo, ou seja, tem que ter um grupo de estudantes, não sei se ensaiando semanalmente, mas que fomente o nível para levar esses alunos para o “UDI Cello” no futuro. Esse é o plano de internacionalização, e profissionalização, e teria que ainda haver outro grupo como o “UFU Cello”, porque cada um desses espaços que a gente deu, cada um desses objetivos é importante para o processo (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 13).

Ele conclui dizendo que “tem que ter um grupo dentro da Universidade que seja uma vitrine, que esteja se apresentando regionalmente, nacionalmente e outro grupo de ponta que possa sair fazendo performances o tempo todo, e cada grupo desses tem seu objetivo bem definido” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 13).

4.1.4 Transformações do grupo “UDI Cello Ensemble”

Ao longo dos seus 10 anos de criação o “UDI Cello” sofreu inúmeras transformações em sua caminhada. Dentre todas, o professor Kayami destaca as 3 mais importantes. A primeira, segundo ele, foi “quando os integrantes do ‘UDI Cello’ resolveram levar o projeto com mais fervor. Foi um grupo de 2011, que decidiu que o grupo podia fazer mais coisas, podia ter mais atividades” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p.11). Ele conta que, nesse período, o grupo começou a participar de editais, investir no seu próprio caixinha e foi também nessa época que o “UDI Cello” deu um salto em termos de nível técnico-interpretativo.

A segunda transformação foi quando o “UDI Cello” resolveu “fazer turnês e sair mais da cidade” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 11). Naquela ocasião o grupo já estava no patamar da alta performance dos grupos de competição e quando se entra para competir com outros profissionais subimos de patamar.

E, a última transformação, se deu a partir do lançamento dos videoclipes do “UDI Cello”²⁴. Esses videoclipes “foram de suma importância para divulgação do grupo” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 11) porque deram visibilidade e projeção internacional ao grupo

²⁴ Os videoclipes do “UDI Cello” foram lançados no ano de 2014. Foram realizados pelo professor Kayami e viabilizados pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia – MG, através do Fundo Municipal de Cultura. Foram gravados 4 videoclipes: “Abertura Brasil

(ver Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Gravação do "Projeto Videoclipes" no Teatro Municipal de Uberlândia.



Fonte: *Facebook* do “UDI Cello”.

Figura 6 - Gravação do “Projeto Videoclipes” na Oficina – Palácio dos Ferrovários.



Fonte: *Facebook* do “UDI Cello”.

Não obstante, segundo o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018/, p. 12), o “UDI Cello” sobreviveu a essas transformações, ao longo dos anos, pelo amor e carinho que os violoncelistas tem ao grupo. Apesar de inúmeras tentativas de profissionalizar o “UDI Cello”, as dificuldades encontradas ao longo de sua caminhada impediram que isso

2012” e “Toro-Lobiana” do compositor Dimitri Cervo, “Bachianas Brasileiras Nº 1” de Heitor Villa-Lobos e “Suíte Pássaros” de Ricardo Medeiros, sendo que este último teve a participação do “Trio Façúá”. Os videoclipes foram produzidos pela “Art Cello Produção Cultural” e “Digiteca Filmes”.

acontecesse. A maior parte dos alunos de violoncelo que estuda na UFU vem de outros estados e fazem parte do “UDI Cello”, porém o grupo não paga salário aos integrantes e os cachês não mantêm uma frequência. Sendo assim, o desprendimento dos músicos ao grupo se tornou uma “ideologia entre músicos”.

O professor Kayami fala que se fosse começar o “UDI Cello” hoje ele institucionalizaria cada passo. Ele diz que “tentaria tornar o grupo um grande projeto fixo que não desse margem para que outros atrativos chamassem o interesse e a vontade dos integrantes” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018/, p. 12). Como a maioria dos integrantes do grupo vem de outros estados é necessário que eles trabalhem para manter os custos de viver em Uberlândia. Alguns membros fazem cachês em alguns musicais da cidade, outros trabalham em escolas de música, conservatórios ou até mesmo em projetos de outras cidades e estados e isso influencia diretamente no bom funcionamento do grupo, pois pode chegar um momento em que o financeiro tem mais importância do que a rotina de ensaios do grupo e com isso os membros vão se distanciando ou até mesmo saem do “UDI Cello”. O professor Kayami ainda acrescenta que seria um passo muito importante se “o grupo, cada integrante ganhasse mensalmente, e não por cada realização de concerto” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 12).

4.2 As apresentações do “UDI Cello Ensemble”

A partir de 2012 o grupo resolveu fazer turnês e sair mais da cidade de Uberlândia, principalmente, porque já estava no patamar da alta performance dos grupos de competição. Naquele ano, além do grupo se apresentar em Minas Gerais, realizou concertos em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Goiás. No estado de Santa Catarina, segundo o Correio Lageano (ORQUESTRA, 2012), o grupo realizou um concerto no Teatro Marajoara (ver Figura 7), com repertório de músicas nacionais e contemporâneas, dentre elas estreias mundiais escritas para o grupo.

Figura 7 - Orquestra de violoncelos se apresenta em Marajoara.



Fonte: Jornal Correio Lageano, 5 de julho de 2012.

Figura 8 - Julio Medaglia rege o “UDI Cello”.



Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 21 de setembro de 2012

Foi também naquele ano que o “UDI Cello” foi convidado pela primeira vez para participar da abertura da 1ª edição do Mudante (Festival de Música, Dança e Teatro de Uberlândia) sob a regência do Maestro Júlio Medaglia (ver Figura 8). Mota (Correio de Uberlândia, 2012) diz que “de um lado a experiência de um dos músicos mais polêmicos e respeitados do mundo, com mais de 50 anos de carreira. Do outro, jovens violoncelistas do

Triângulo Mineiro que há 3 anos se uniram e dão os primeiros passos para a carreira internacional”. O maestro Júlio Medaglia disse: “como eu escrevi muitos arranjos para violoncelo, eu vou poder trabalhar com o pessoal de Uberlândia de novo com o maior prazer. Ainda não os conheço, mas certamente são bons músicos. Vai ser um trabalho fácil de ser feito devido ao elevado nível técnico e artístico” (apud MOTA, 2012, p. B1).

O professor Kayami fala que “a música sobrevive dessas parcerias. E como o Júlio Medaglia já fez vários arranjos para os 12 violoncelistas da Filarmônica de Berlim, que é a nossa maior referência, vai ser muito bom para nós esse contato” (apud MOTA, 2012, p. B1) (ver Figura 8). Além do Mudante, naquele ano, o “UDI Cello” se apresentou no XIV Encontro de Violoncelos de Porto Alegre e na 18ª edição do RICE.

Entre 2012 e 2013 começaram a vir para Uberlândia violoncelistas de outros estados do país. Alguns conheceram o professor Kayami em festivais, *masterclass*²⁵ e com isso vieram estudar na UFU, e muitos outros conheceram o grupo em apresentações em suas cidades. Naquela época a maior parte dos violoncelistas que estudava na UFU fazia parte do “UDI Cello”. Eder Belchior fala que “queria estudar violoncelo e encontrei esses “maníacos” em violoncelo, o grupo querendo investigar sobre performance, ensino, pesquisa, e repertório” (apud MOREIRA, 2013, p. 12).

Até 2013 o grupo era administrado por uma diretoria artística e uma diretoria executiva, ficando sob a responsabilidade do professor Kayami a parte artística, e de Eder Belchior, violoncelista e que também tomava conta da parte executiva. Porém, naquele ano, os músicos decidiram dividir as tarefas no “UDI Cello” para que, além de tocar, pudessem contribuir de outras formas e em diferentes atividades no/do grupo. Ficou então estabelecido que o grupo seria dividido em diretoria artística, executiva, financeiro, marketing, lojinha e arquivo. Neste mesmo ano o grupo tocou na 2ª edição do Mudante, foi vencedor do Segunda Musical, realizado em Belo Horizonte, e também ganhou o 3º lugar do 51º Festival Villa-Lobos, realizado no Rio de Janeiro (ver Figura 9). No mês de maio daquele ano, o “UDI Cello” participou do Festival Internacional de Música Universitária, em Belfort, na França. O professor Kayami fala que a apresentação na França só foi possível porque “recebemos uma passagem da UFU e as outras 7, pagamos do próprio bolso, ou com a contribuição de alguns amigos” (apud MOREIRA, 2013, 12) (ver Figura 10).

²⁵ “Masterclass” é um termo que significa aula dada por especialista.

Figura 9 - Certificado 51º Festival Villa-Lobos.



Fonte: Acervo pessoal do “UDI Cello”.

Figura 10 - “UDI Cello” em Paris.



Fonte: Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves.

Em 2014, o grupo foi novamente convidado para participar da 3ª edição do Mudante (ver Figura 11). Pacheco (Correio de Uberlândia, 2014) diz que para a diretora do espetáculo Katia Lou, o tema é uma consequência do projeto Mudante, que traz uma proposta de transformação. O recital do “UDI Cello” teve regência do atual Maestro da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Marcos Arakaki.

Figura 11 - 3ª edição do Mudante começa hoje no *Center Convention*.



Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 18 de setembro de 2014.

Também naquele mesmo ano o grupo participou das séries Prelúdio 21 e Compositores de Hoje, 52º Festival Villa-Lobos e foi vencedor da categoria Música de Câmara do “XXXIII Concurso Latino Americano Rosa Mística”, ocorrido em Curitiba. Foi também naquele ano que o grupo lançou o projeto “Videoclipes 2014”, uma realização do professor Kayami Satomi que foi viabilizado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, através do Fundo Municipal de Cultura.

Também foi nesse período que o grupo passou a contar com a colaboração da professora de Teatro da UFU, Yaska Antunes, que trouxe aspectos cênicos para os ensaios e apresentações, além de orientar um trabalho com o corpo no que se refere a aquecimentos de grupos musculares corporais dos músicos.

Em 2015, o grupo participou da 2ª edição do Festival de Violoncelos de Ouro Branco e da XXI Bienal de Música Contemporânea, ocorrida no Rio de Janeiro. Em Uberlândia, o grupo fez uma única apresentação no Teatro Municipal da cidade (ver Figura 12). Monteiro (Correio de Uberlândia, 2015) diz que “o grupo de 7 violoncelistas não surpreende apenas por ser a única orquestra em atividade regular no país, mas por uma postura contemporânea, que aproxima o popular do erudito”.

Figura 12 - Orquestra "UDI Cello" faz concerto no Municipal.

BRASILIDADE PREÇO POPULAR

ORQUESTRA UDI CELLO ENSEMBLE FAZ CONCERTO NO MUNICIPAL

PARA O DIRETOR KAYAMI SATOMI, ESPETÁCULO CONTRIBUI PARA A "DESCHATIFICAÇÃO" DA MÚSICA ERUDITA

CAROLINA MONTEIRO | REPORTER

Depois de circular pelos principais festivais dedicados ao violoncelo no País, a UDI Cello Ensemble está de volta aos palcos de casa para única apresentação, hoje, no Teatro Municipal. O grupo de sete violoncelistas não surpreende apenas por ser a única orquestra em atividade regular no País, mas por uma postura contemporânea, que aproxima o popular do erudito e contribui para a "deschaticação" do clássico, como afirma o diretor artístico do projeto, Kayami Satomi.

No concerto que faz em Uberlândia, a orquestra estreita um repertório criado para ser apresentado na Europa, calcado na brasilidade. "Este programa é nossa bandeira. Normalmente, trabalhamos um repertório universal, que passa pelas obras clássicas da música ocidental. Mas começamos a propor que os compositores nos brindassem com um pouco de latinidade", diz Satomi. O convite foi aceito. O Ensemble já fez mais de 30 estréias mundiais, a maioria das obras é dedicada ao grupo.

Parte delas está presente no repertório do concerto de hoje, como a suite de Danilo Tomic "Danças Contemporâneas Brasileiras". É uma proposta fabulosa, por quebrar o tabu e incluir leituras do axé e do funk, que sempre transitaram no nosso imaginário como arquí-nimos da música clássica", diz Satomi. Assim, o repertório não traz um Brasil óbvio. Trabalha elementos da raiz cultural do País – indígenas, africanos, portugueses – e chega no contemporâneo, de autores como Heitor Villa-Lobos, mas também Jorge Ben Jor e Luiz Gonzaga.

Mas não se trata de mera transposição. Por meio da UDI Cello Ensemble, "o instrumento importado da cultura europeia dança com o típico swing brasileiro". Segundo Kayami, o grupo imergiu em uma pesquisa, para que os violoncelistas aperfeiçoassem a maneira de tocar. "E não soassem como gringos falando português", diz. Nessa trajetória, o grupo fez parcerias inusitadas com grupos, como o Trio Façuá, de forró. "Esse tipo de exposição à música brasileira foi fundamental para que incorporássemos o swing", diz.

No concerto de hoje, além dos violoncelistas Kayami Satomi, Rafael Gaspar Gabriel Gonçalves, Bruno Thayer, Thiago Wolf, Ezequiel Tibano e Hillo Luiz, se apresenta o percussionista Jack Will. "A maior diplomacia da música brasileira é a percussão, que expressa a brasilidade no ritmo e nos instrumentos. Para equalizar toda essa complexidade com o toque do cello, precisávamos de alguém que soubesse muito sobre a percussão brasileira e tivesse personalidade própria para se dialogar conosco", afirma Kayami.

O espetáculo que a orquestra de Kayami Satomi faz hoje, no Teatro Municipal de Uberlândia, traz um repertório de obras brasileiras

TRAJETÓRIA

A orquestra de violoncelos UDI Cello Ensemble foi criada por Kayami Satomi, em 2009, ano em que o parabaiano de João Pessoa desfez as maíns em Uberlândia, para fundar o curso de Violoncelo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). "Começou como um projeto de extensão sem muitas pretensões ajen de leitur violoncelistas da cidade, profissionais que estudaram no Conservatório, em projetos sociais ou igrejas, para aproximá-los da universidade", diz Satomi.

O destaque da orquestra em festivais fez com que o projeto chamasse a atenção não apenas dos conterrâneos, mas de todo o País. Depois da grande estreia, em 2011, a UDI Cello fez mais de 100 concertos, em sete estados brasileiros. Em concursos, foi vencedora do 33º Concurso Latino-Americano Rosa Mística de Curitiba (PR), na categoria de Música de Câmara, em 2014. Em 2015, além de vencer o concurso Segunda Musical, em Belo Horizonte, ganhou o terceiro lugar do 51º Festival Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.

Destacam-se as participações em festivais como o Encontro de Violoncelos de Porto Alegre, o Festival de Cordas Nathan Schwartzman, o Rio International Cello Encounter, a Bienal de Música Contemporânea, o Festival Villa-Lobos e o Festival de Violoncelos de Ouro Branco. Em 2013, foi ainda o único grupo brasileiro no Festival de Música Universitária, na França.

SERVÍCIO

O concerto da orquestra UDI Cello Ensemble acontece hoje, às 20h, no Teatro Municipal de Uberlândia, avenida Renato Pombal, 1.000, Tibeú. Os ingressos são vendidos a preço popular (R\$ 10), no Armazém Pop (Rua Professor Pedro Buarque, 3, Centro), das 18h às 19h, ou na bilheteria do teatro, das 18h às 20h. Informações: 3235-9568 ou 3224-6792.

Veja mais no site
O programa e a ficha técnica do concerto.
www.correiouberlandia.com.br

Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 30 de maio de 2015.

O professor Kayami fala que “este programa [música brasileira e latina] é a nossa bandeira. Normalmente, trabalhamos um repertório universal, que passa pelas obras clássicas da música ocidental. Mas começamos a propor que os compositores nos brindassem com um pouco de latinidade” (apud MONTEIRO, 2015, p. B1). Ainda diz que “o repertório não traz um Brasil óbvio. Trabalha elementos da raiz cultural do país – indígenas, africanos, portugueses – e chega no contemporâneo, de autores como Heitor Villa-Lobos, mas também Jorge Ben Jor e Luiz Gonzaga” (apud MONTEIRO, 2015, p. B1). Segundo Kayami, “o grupo imergiu em uma pesquisa para que os violoncelistas aperfeiçoassem a maneira de tocar. E não soassem como gringos falando português” (apud MONTEIRO, 2015, p. B1). Monteiro (Correio de Uberlândia, 2015) ainda ressalta que “nessa trajetória, o grupo fez parcerias inusitadas com grupos, como o Trio Façuá, de forró”. Para Kayami, “esse tipo de exposição à música brasileira foi fundamental para que incorporássemos o *swing*” (apud MONTEIRO, 2015, p. B1).

Em 2016, o “UDI Cello” participou do 3º Festival de Violoncelos de Ouro Branco e foi, nesse mesmo ano, que o grupo começou uma importante parceria com o violeiro Arnaldo Freitas, no Festival Raízes do Campo (ver Figura 13).

Figura 13 - "UDI Cello" e o violeiro Arnaldo Freitas.



Fonte: Página do *Facebook* do “UDI Cello”.

Em 2017, o grupo se apresentou no “Criança Esperança”, no Rio de Janeiro e também começou uma série de concertos intitulada “UDI Cello Ensemble Convida” (ver Figura 14).

Figura 14 - "UDI Cello Ensemble" no “Criança Esperança”.



Fonte: Página do *Facebook* de Thiago Wolf.

No mês de agosto, o grupo apareceu em uma matéria na revista *The Strad* (SOUNDS, 2017), umas das mais importantes revistas de música clássica do mundo.

No caderno *Cello Ensembles* e com a matéria intitulada *Sounds Of a Nation*, a reportagem conta brevemente a trajetória de grupos de violoncelo, ao longo da história da música clássica, tendo suas raízes na orquestra e na ópera com a Abertura de Rossini, a *William Tell* (1829) até a famosa *Bachianas Brasileiras N° 1* de Heitor Villa-Lobos, música que deu origem ao conjunto de violoncelo como um gênero duradouro. As *Bachianas Brasileiras* foram dedicadas por Villa-Lobos ao violoncelista Pablo Casals, sendo dividida em 8 vozes, podendo ser tocada por mais de 8 violoncelistas. É considerada a primeira obra substancial de um grande compositor escrita para um conjunto de violoncelos até os dias de hoje, sendo levada como parte do repertório *standart*²⁶ para o instrumento.

A matéria da revista também aborda os grupos de violoncelo em atividade no Brasil, sendo um deles o “Rio Cello Ensemble”, lançado em 1991, por David Chew, violoncelista britânico e músico da Orquestra Sinfônica Brasileira. O professor David criou o *Rio International Cello Encounter* em 1994 com o objetivo de oferecer aulas gratuitas e *masterclass* para estudantes brasileiros de violoncelo. Outros importantes conjuntos de violoncelo no Brasil são o “UDI Cello”, “Orquestra de Violoncelistas da Amazônia” e o “Unicamp Cello Ensemble”. De acordo com a revista *The Strad* (2017):

os conjuntos de violoncelo em Uberlândia, Belém e Campinas compartilham um traço comum: todos eles são compostos por alunos liderados por seu professor (ou ex-professor), que também se apresentam ao lado deles. Esta configuração sem maestro exige mais tempo de ensaio e um repertório menos trabalhoso, e inspira um tremendo investimento dos alunos. Como em qualquer grupo de câmara, cada membro é responsável e sente-se recompensado pelo sucesso do grupo. Quando você considera a experiência de afirmação da vida de tocar em um conjunto de violoncelo, neste instrumento de versatilidade e amabilidade inigualáveis, particularmente ao executar a agitação e a ascensão das *Bachianas Brasileiras N° 1*, não é surpresa que esses grupos estejam florescendo no Brasil e em todo o mundo (SOUNDS, 2017, p. 41)²⁷.

Foi também em 2017 que o grupo apresentou o concerto intitulado “Violoncelando” no Teatro Municipal de Uberlândia, ao lado dos convidados, Raïff Dantas Barreto e da

²⁶ *Standart*: modelo, tipo, padrão, norma. Obras do repertório *Standart* para violoncelo: Cello Concerto N°1 in C major (Haydn, Joseph); Cello Concerto, Op. 85 (Elgar, Edward).

²⁷ No original: “The cello ensembles in Uberlândia, Belém and Campinas share a common trait: they all comprise students led by their teacher (or former teacher), who also perform alongside them. This conductorless set-up necessitates more rehearsal time and a repertoire of fewer works, and inspires a tremendous investment from the students. As with any chamber group, each member is responsible for, and feels rewarded by, the ensemble’s success. When you consider the life-affirming experience of playing in a cello ensemble, on this instrument of such unparalleled versatility and lovability, particularly when performing the stirring and soaring *Bachianas brasileiras no.1*, it’s no surprise that these groups are flourishing, both in Brazil and across the world” (SOUNDS, 2017, p. 41).

Soprano Rose de Souza. Oliveira (Diário do Comércio, 2017) diz que “a voz de Rose de Souza abrilhantar a noite assim como a participação de Raïff, seu marido. O músico paraibano é o violoncelista principal do Teatro Municipal de São Paulo, desde 2001. Ele também foi o responsável pela estreia de diversas obras do repertório para violoncelo no Brasil”. Oliveira (Diário do Comércio, 2017), ainda acrescenta que “desde sua fundação, o ‘UDI Cello’ trabalha com a proposta de levar a música erudita para além das salas de concerto”. Em abril deste ano, por exemplo, fez uma apresentação com o violeiro Arnaldo Freitas intitulado “Cordas da Alma”. Para o violoncelista Déverson Correia o violoncelo “é um instrumento que dialoga de forma única com todos os estilos” (apud OLIVEIRA, 2017, p. B1) (ver Figura 15).

Figura 15 - "UDI Cello" se apresenta com convidados.



Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 8 de julho de 2017

Já em 2018 o “UDI Cello” marcou presença no 8º Festival Internacional SESC de Música em Pelotas e também na II Violoncelada Peirópolis.

Neste ano de 2019 o grupo retomou a série “UDI Cello Convida”, realizando uma turnê na região com artistas da cidade de Uberlândia (ver Figura 16). Outra mudança importante foi que a empresa “Art Cello” passou a gerenciar e produzir o “UDI Cello”, fazendo com que os músicos apenas toquem no grupo e não desempenhem outras funções administrativas.

Figura 16 - "UDI Cello" convida Arnaldo Freitas & Quarteto Vagamundo.



Fonte: Página do *Facebook* do "UDI Cello".

Em 2013, Moreira (Jornal da UFU, 2013) diz que "o trabalho artístico é fruto do ensino desenvolvido na UFU. Semanalmente são cerca de 10 horas de ensaio". O professor Kayami fala também que "a proposta do grupo é um pouco mais ampla, no sentido de divulgar o violoncelo e tornar Uberlândia em um centro de reconhecimento" (apud MOREIRA, 2013, 12).

O professor Kayami ainda acrescenta que "o trabalho que acontece no cotidiano da sala de aula, pela qualidade da atividade de ensino, acabou se transformando em um grande projeto artístico que se encaixa nos padrões extensionistas da Universidade, atingindo um público que está dentro e fora dos portões da UFU (apud MOREIRA, 2012, p. 12).

O "UDI Cello" desde sua criação sempre teve como foco o estudo de obras nacionais e contemporâneas e conta com mais de 30 estreias mundiais, que, em sua maioria, são obras dedicadas ao grupo.

Dentre as parcerias com artistas de diferentes estilos, pode-se destacar: Marcos Arakaki, Júlio Medaglia, Roberto Tibiriçá, Dimitri Cervo, Antonio Pinto, Martha Herr, Michael Vollhardt, Matias de Oliveira Pinto e Corpo de Baile de Niterói.

Isso posto, percebe-se então que o "UDI Cello" possui uma caminhada de muito sucesso entre os grupos musicais no Brasil, haja vista que foram realizadas inúmeras apresentações em Uberlândia e também em outros estados. Outrossim, a visibilidade do grupo foi tanta que possibilitou ao "UDI Cello" chegar a um patamar internacional de música, sendo convidado para o festival FIMU em Belfort, na França e também aparecer em uma matéria da revista *The Strad* (SOUNDS, 2017).

5 OS PARTICIPANTES DO “UDI CELLO ENSEMBLE”: ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

5.1 Participantes do “UDI Cello Ensemble”

Hoje O “UDI Cello” é composto pelo professor Kayami Satomi e alunos de violoncelo do Curso de Música da UFU. Os participantes desse grupo fazem parte desse grupo voluntariamente e o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 9) afirma que “o grande suporte do grupo é a Universidade Federal de Uberlândia”. Ele menciona que “foi na UFU que começou o projeto” e, em termos curriculares, “a disciplina Prática de Conjunto ofertada pelo Curso de Música é o que de certa forma regulamenta os ensaios [do grupo] na instituição” (Idem).

Como já mencionado o “UDI Cello” no seu início era composto por Beatriz Moraes Bernardes, Bruno Thayer, Ezequiel Urbano, Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves, Isaac Andrade, Kayami Satomi, Maria Soledad Azevedo, Marlon da Silva Alves, Nísia Maria Teresa Salles e Raquel Joselen.

Atualmente, os violoncelistas que participam do grupo, normalmente, são convidados a entrar no “UDI Cello” quando se tornam alunos do Curso de Graduação em Música da UFU. Segundo o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 16), os pré-requisitos básicos para entrar no “UDI Cello” é que o músico tenha alto nível de interesse de tocar no grupo, de desenvolver seus estudos violoncelísticos e que ele também tenha um nível satisfatório para tocar as peças do “repertório *standart*”, tanto no caso da graduação quanto no caso do “UDI Cello”. A diferença entre os dois é que no caso da Universidade o aluno precisa ter nível interpretativo para tocar as músicas do repertório padrão e para o “UDI Cello”, que dê conta de tocar as músicas do “UDI Cello”.

Outro pré-requisito importante mencionado para entrar no grupo é que o músico tenha “um perfil individual ativo”, ou seja, ele precisa demonstrar interesse e ação pelas atividades do grupo, e também “ser proativo”, que é algo considerado muito importante para um músico participar do “UDI Cello”.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 16) fala que atualmente, no grupo, quem está convidado para participar do “UDI Cello” são os alunos que entram na graduação da UFU, porém ele diz não saber se essa regra vai continuar. Menciona que no passado já houve momentos que faziam parte do grupo violoncelistas que “tinham nível”, mas que não eram alunos do Curso de Música. Em outros momentos houve certa obrigatoriedade

de que quem entrasse na graduação automaticamente deveria participar do grupo. Porém, o professor Kayami vê o futuro do grupo, no que se refere aos participantes, de forma diferente. Ele acredita, pensando em uma internacionalização do grupo e em um patamar mais profissional, que os integrantes serão mais egressos do que ingressantes na UFU. “Então, de certa forma esse grupo que é hoje o ‘UDI Cello’ com suas funções e perspectivas, provavelmente, será outro grupo” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 16).

Atualmente o “UDI Cello” só tem um egresso do Curso de Música que é o Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves, um dos músicos fundadores do grupo e esteve ligado ao “UDI Cello” desde o primeiro momento. Sobre essa participação, o professor Kayami diz que é:

muito importante a participação dele, porque ele entrou enquanto um aluno que pretendia entrar na Universidade, menor de idade, inclusive. Depois entrou na Universidade ao atingir a maioridade e agora já terminou o curso, já se formou e continua se não me engano... já faz 2 anos, continua como integrante do grupo mesmo sem ter uma ligação com universidade (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 16).

Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 17), em um grupo musical, o nível artístico de um músico muitas vezes é influenciado pelo meio em que ele está inserido, ou seja, quando um artista está imerso em um ambiente com um padrão mais alto de exigência ele adquire quase que “por osmose esses padrões” (p. 17). Ele ainda disse que:

há um contato aí da água fria com água quente e, de certa forma, há um contágio de duplo sentido. Os que estão no nível mais alto, quando interagem com artistas que têm o nível de exigência mais baixo, costumam relaxar um pouco artisticamente, deixando um pouco aquela autoexigência ceder. Mas, por outro lado, eles incentivam aqueles que estão num outro patamar a crescer, porque dá um objetivo... Esse ambiente dá objetivo (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 17).

Então, na perspectiva do professor Kayami, os novos integrantes acabam sendo influenciados pelos integrantes mais antigos. O professor Kayami também fala que “quando entram os integrantes novos é uma grande oportunidade para ele começar a ficar um pouco mais rigoroso, para não deixar que aqueles mais novos entendam que a exigência é mais baixa” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 17).

Diante do exposto, sabe-se que muitos violoncelistas já passaram pelo “UDI Cello” ao longo dos seus 10 anos²⁸, alguns estiveram por mais tempo e outros por menos tempo e, segundo o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 10), alguns deles passaram pelo grupo com mais interesse em contribuir com o grupo e outros nem tanto. Ele também fala:

os altos e baixos do grupo são determinados pelo próprio interesse dos integrantes. Então, quando a gente tem muitos índices de desinteresse a qualidade do grupo cai, o desenvolvimento do grupo cai. E, quando se tem o contrário, quando tem muito interesse e entusiasmo dos integrantes para o grupo a qualidade aumenta, os projetos crescem, tomam outras proporções. Então, de certa forma, o grupo funciona pelo interesse dos próprios integrantes que doam muito, não financeiramente, mas muito do seu tempo e da sua energia para [fazer o grupo] funcionar (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 10).

Pode-se perceber que há rotatividade de músicos no “UDI Cello”. Gabriel acha que a rotatividade de músicos no grupo ela precisa existir, pois o grupo não é uma orquestra para a qual o músico é contratado e vai ficar ali para sempre ou até quando desejar. Para ele os músicos do “UDI Cello” participam de um movimento e “nesse movimento os músicos entram e saem” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 35). Espera-se que a maioria dos alunos de violoncelo da UFU toque no grupo, porém “o grupo não paga um salário, ele não é um emprego, ele é muito mais do que isso. Uma filosofia, parte do movimento” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 35). Gabriel também considera importante que todo músico durante sua passagem por Uberlândia, estudando na UFU ou tendo aulas particulares com o professor Kayami ou até mesmo por movimentar o violoncelo aqui na região do Triângulo Mineiro, deve passar pelo grupo.

Dessa forma, a partir das entrevistas com o professor Kayami e com Gabriel foi possível concluir que ambos consideram que ser músico no “UDI Cello” é uma oportunidade para os violoncelistas aperfeiçoarem suas qualidades musicais, administrativas e também de se qualificarem profissionalmente para o mercado de trabalho, pois acreditam que o grupo oferece essas condições aos participantes. É prioridade do “UDI Cello” se tornar um grupo profissional de alta performance e poder pagar os músicos para isso, até como incentivo para

²⁸ Ana Beatriz Cenci; Barbara Sol; Beatriz Moraes Bernardes; Bruno Thayer; Cordélia Maria Souza; David Kenny; Déverson Correia; Eder Belchior; Ezequiel Urbano; Gabriel Benedito Garcia Pires Gonçalves; Isaac Andrade; João Isaac Ribeiro Camelo; Júlio Luz da Silva; Kayami Satomi; Klemes César Pires; Laura Millya; Maria Soledad Azevedo; Marlon da Silva Alves; Matias Roque; Michael Lima; Nísia Maria Teresa Salles Paulo Arranha; Paulo Arruda Ribeiro; Rafael Gaspar; Raphael Leal Gonçalves; Raquel Joselen; Thiago Wolf; William Neres.

atrair novos integrantes, porém administrativamente ainda existem algumas dificuldades que limitam essas possibilidades no grupo.

5.2 Organização administrativa

O “UDI Cello”, ao longo da sua existência, foi se organizando a partir da sua necessidade, tendo em vista que no começo era só o professor Kayami o responsável pelo grupo. No entanto, o grupo sempre contou com seus participantes para a gestão do “UDI Cello”, sendo que cada membro, além de ser músico ativo, também desempenha outras funções, como as administrativas, no grupo. Dependendo das demandas, essas atividades mudam a cada semestre.

Administrativamente o grupo está organizado em: diretoria artística, diretoria executiva, departamento financeiro, de marketing, arquivo e “lojinha”.

Gabriel fala que “a direção artística fica por conta de definir o repertório, formação, criar o concerto como um produto, não só montar o repertório e falar: ‘_Esse é o nosso concerto’ ”, mas decidir: “_Esse é o concerto tal, que tem esse repertório, ele vai funcionar assim, o cenário vai ser assim, vamos querer a luz assim” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 34). O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 27) disse que a diretoria artística costuma discutir as ideias antes de levar ao grupo, principalmente, as ideias mais ousadas.

Já a direção executiva está sob a responsabilidade “do pessoal da produção, e já acontece de ser outros membros. Eles vão olhar e dizer: ‘_Sim, é possível. Vamos correr atrás do que precisa!’. Eles vão atrás do espaço, de alugar teatro, vender ingresso e várias outras ações” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 34).

O departamento de marketing do grupo “é responsável pela divulgação do concerto no *Facebook*, *outdoors* pela cidade, redes sociais no geral” e também pela comunicação entre o grupo e seu público (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 34). O departamento de marketing do grupo “é responsável pela divulgação do concerto no *Facebook*, *outdoors* pela cidade, redes sociais no geral” e também pela comunicação entre o grupo e seu público (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 34).

O setor de marketing do grupo existe desde sua criação, porém quando foi decidido pela autogestão do “UDI Cello”, esse setor começou a crescer na medida do desenvolvimento e visibilidade do grupo. Em determinados anos o “UDI Cello” tentou terceirizar o marketing, porém como o grupo não tem uma rotatividade de dinheiro no caixa do grupo, esse serviço acabou sendo inviabilizado. Essa é uma das grandes dificuldades do grupo, pois o marketing é

um dos principais setores, se não o principal, pois é com ele que o grupo divulga seu trabalho através das postagens em redes. Contudo, a rotina de postagens deve ser regular e no “UDI Cello” isso ainda não acontece, devido ao grupo não ter um marketing profissional. Em anos anteriores o responsável pelo marketing era o diretor executivo do grupo Eder Belchior, logo depois os responsáveis foram os violoncelistas Júlio Luz da Silva e Laura Millya e mais recentemente foi assumido pela “Art Cello Produção Cultural”.

Um setor muito importante do grupo é o arquivo, onde algumas pessoas “são responsáveis pelo arquivamento e cuidado das partituras” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 14). Hoje o arquivo do grupo fica dentro de um armário no Laboratório de Cordas (LACOR) da UFU. As partituras são guardadas em pastas em ordem alfabética, sendo de A-Z, tendo como padrão o sobrenome dos compositores para essa categorização.

O setor financeiro do grupo “comanda todo o caixa do grupo, tudo que entra e sai nas diversas áreas” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 34). Sobre o aspecto financeiro do grupo o professor Kayami disse que:

o grupo conta com alguns cachês que podem ser revertidos tanto para os integrantes individualmente, como para o caixinha do grupo. Torna possível fazer algumas coisas para os violoncelistas que participam do grupo como, por exemplo, comprar suas coisas, incrinar seu arco, comprar cordas novas para o violoncelo. Esse dinheiro poderia dar uma ajuda... e também pode reforçar o caixinha do grupo, tornando a estrutura um pouco melhor como, por exemplo, [comprando] materiais que são necessários para ensaios, para apresentações (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 7).

E, por último, a “lojinha” que tem fundamental importância para o caixa do grupo. Mesmo de forma muito pequena é a partir da loja que o dinheiro também entra ao longo do ano, pela venda de camisetas, CD’s ou acessórios em geral. Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 14), esse é o setor mais tímido do grupo, porém o que ele enxerga com “mais potencial”.

Percebe-se que de acordo como o grupo está organizado, os músicos, além de tocarem, eles desenvolvem outras atividades de autogestão do grupo. O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 15) diz que vê o grupo como um laboratório, no qual “os músicos aprendem a fazer outras coisas que não só tocar seu instrumento”, pois a parte de gerenciar um grupo vai ser de certa forma um estágio para quando esse artista for gerenciar sua própria carreira.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 15) ainda fala que é importante que o músico saiba que ele é a ponta do *iceberg* e tem sempre uma estrutura que sustenta uma

carreira artística. O músico vai ter que entender um pouco de marketing para sua promoção, para promover seu trabalho ou a imagem do seu trabalho. Ele vai ter que entender obviamente de arquivo e organização do material, ele vai ter que conhecer também quais são as demandas para a realização de uma apresentação.

No que se refere à demandas do grupo e da própria formação desses músicos, o professor Kayami disse ainda que:

simplesmente não é chegar e tocar no teatro e está feito. Tem todo um trabalho de divulgação, locação, contratação de profissionais. Então, eu considero que a autogestão do grupo, neste momento, ela é muito importante como estágio para o quê o profissional do violoncelo vai precisar no início da sua carreira (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 15).

É importante destacar que o professor Kayami desde a fundação do “UDI Cello” foi a figura central do grupo. Além de violoncelista do grupo, nos primeiros anos, a parte administrativa ficava toda sob sua responsabilidade. Ele era o arquivista, diretor artístico, a pessoa que escrevia os projetos, que cuidava do dinheiro e da lojinha, ou seja, tudo era centrado na sua pessoa. Ele disse: “à medida que os integrantes foram ficando mais velhos, eles foram adquirindo responsabilidades e provando ser responsáveis e, por isso, as atribuições foram passadas e pude delegar mais funções aos integrantes” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 15).

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 15) menciona que um dos músicos que passou pelo “UDI Cello” e que teve um papel muito importante na parte executiva do grupo foi o Eder Belchior. Ele tornou o “executivo mais prático” e focou muito do seu tempo e energia nesse aspecto, levando adiante os projetos, as execuções deles (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 15). Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 15), “conforme o grupo e os integrantes individualmente falando vão crescendo, desenvolvendo potencialidades, o grupo tenta se aproveitar delegando tarefas para que cada setor tenha seu crescimento”. Ele conclui dizendo:

o futuro do grupo aponta que os integrantes passem cada vez menos a fazer esse trabalho e que, esse trabalho, comece a ganhar aspectos profissionais como, por exemplo, ter um marketing profissional, ter um financeiro profissional, um profissional de finanças. E, além disso, que a parte executiva e de projetos também tenham profissionais ligados, e que o grupo passe cada vez mais a se focar no aspecto artístico da preparação musical (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 15).

As funções administrativas do “UDI Cello” são decididas em reuniões semestrais do grupo, normalmente no primeiro ensaio do semestre. Essas reuniões são feitas com todos os músicos e as funções são definidas por indicação do professor Kayami, ou de forma voluntária ou também por votação.

Vale ressaltar que nenhum dos músicos recebe salário ou contrapartida para esses serviços. O único valor que os músicos obtêm é quando o “UDI Cello” recebe cachês pelas suas apresentações. Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 31) considera que ele tem desenvolvido trabalhos bem empreendedores no grupo. Para ele, “quando a pessoa trilha os caminhos que o ‘UDI Cello’ tem para oferecer, a pessoa se torna líder”. Ou seja, os caminhos que interessam ao “UDI Cello” é o trabalho em equipe, o comprometimento dos seus componentes com os estudos, assiduidade nos ensaios e apresentações e, acima de tudo, ser um pesquisador do violoncelo.

Nesse sentido, é vantajoso para os músicos do “UDI Cello” diligenciar a favor da administração do grupo, pois isso, além de auxiliar a equipe e contar como experiência laborativa, ajuda na carreira profissional dos músicos.

5.3 Organização musical

O grupo “UDI Cello” é composto por 4 naipes e em sua organização tem como formação 4 chefes de naipe e 4 subordinados a esse líder e teoricamente 4 reservas, totalizando 12 integrantes no grupo, sendo no palco 8 violoncelistas.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 24) fala que os pilares do *ensemble* são os chefes de naipe e nesses pilares ainda tem duas estruturas básicas que são alicerces, que é o 1º cello e o 4º cello, respectivamente a voz mais aguda e a mais grave. Ele diz que o 1º e o 4º cello são as primeiras distribuições que ele faz no grupo e isso não depende do nível técnico dos músicos e sim do perfil de cada um.

Logo em seguida, o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 24) diz que ele decide quem irá ser o chefe de naipe da segunda voz, em geral contando com a divisão de 4 vozes. Para ele, “aquele chefe de naipe precisa estar muito firme, e ele precisa confiar muito que ele vai saber ouvir e balancear com a primeira voz”. Depois o professor Kayami pensa no chefe de naipe da terceira voz, que é muito importante por ser o responsável por conectar a voz grave com as vozes agudas. A partir daí ele começa a distribuição dos outros integrantes, tentando ver um melhor balanço das vozes e levando em consideração também a personalidade de cada músico.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 24) menciona que o que tem feito muito sucesso no grupo não se tem “em vista a afinidade musical para definir os naipes, mas também tem que ter afinidade com as pessoas”.

Para Gabriel, as hierarquias no grupo são conquistadas, principalmente, devido a questão da rotatividade dos músicos no grupo. Ele diz que “os 4 chefes de naipe têm que ter liderança e não podem ficar errando, se perdendo, perdendo a entrada, atrasando, tem que ser capaz de manter o pulso” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 36).

Quando um chefe de naipe sai, a direção artística já observa outros músicos para assumirem a vaga em aberto e, geralmente, opta-se por violoncelistas que estejam se desenvolvendo rapidamente e que tenham cabeça para ser chefe. E assim ocorre com todos os membros do grupo, pois, no grupo, o lugar na hierarquia é conquistada. Gabriel diz que:

hoje sou chefe de naipe da segunda voz, que é a segunda liderança. Eu fui durante muito tempo subordinado às vozes do meio, depois eu fiquei subordinado à primeira voz e hoje eu sou o líder da voz 2. Essa posição de líder da voz 2, ela é a segunda mais importante, é o segundo chefe de naipe. E eu passei muito tempo lidando com as partes agudas, fiz o cello um, segurando e criando autonomia até que me foi confiado essa posição de líder do cello 2 (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 36).

Pode-se dizer que nesses grupos os músicos se tornam líderes à medida que ganham espaço e mostram bons rendimentos no grupo. O chefe de naipe é o violoncelista mais experiente do naipe, o que domina melhor o repertório e o instrumento. Porém, não necessariamente o músico desempenha essa função somente pelas habilidades com o violoncelo. Muitas vezes, ele é colocado como líder pelas relevantes atividades prestadas ao grupo ao longo dos anos. Gabriel diz que começou tocando no “UDI Cello nas cadeiras do lado de dentro” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 31) e que hoje é um dos líderes. Para ele, o grupo “dá muita oportunidade para pessoa desenvolver liderança, ele forma líderes, e ajuda em capacidades empreendedoras, ajuda em capacidades de arranjador”, que é uma de suas funções no grupo (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 31).

Segundo Goodman (2002), “os fatores que influenciam a escolha do líder de um grupo incluem as personalidades dos artistas, a música e os estereótipos sociais (GOODMAN, 2002, p. 194)²⁹.

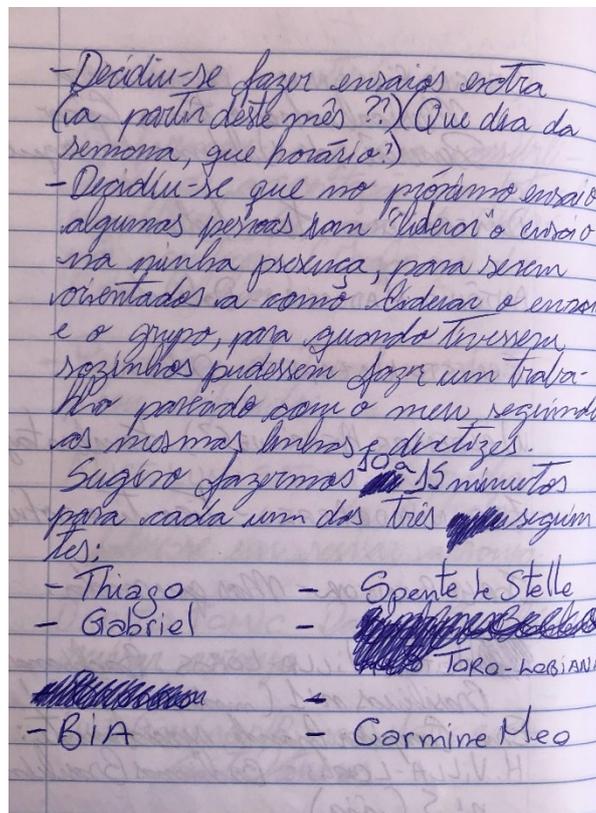
Gabriel ainda acrescenta dizendo que, apesar do professor Kayami ser o diretor do grupo e o músico com maior experiência no grupo, “ele dá liberdade, quando a gente chega

²⁹ No original: “Los factores que influyen en lá elección del líder de un grupo incluyen las personalidades de los intérpretes, la musica y los esteriotipos sociales” (GOODMAN, 2002, p. 194).

num certo nível, de dar opinião e de fazer um pouco as coisas no grupo, conforme a gente acha também” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 31).

Gabriel salienta que todos do grupo têm liberdade e autonomia para se manifestar e expor suas opiniões em prol de melhorias ao grupo, tanto na parte artística quanto administrativa (ver Figura 17). Gabriel fala que quando o professor Kayami viaja ou se ausenta, o grupo tem a oportunidade de fazer do jeito deles e diz: “_Eu acho que o grupo é fundamental para isso, para eu ter um pouco mais de autonomia como músico também” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32).

Figura 17 - Professor Kayami escreve que alguns músicos do "UDI Cello" vão passar a liderar os ensaios ao seu lado.



Fonte: Acervo do “UDI Cello”.

Constata-se que é relevante que os músicos tenham proatividade e desinibição para uma melhor organização musical do grupo “UDI Cello”. Além disso, é essencial para ser chefe de naipe que o músico tenha maturidade musical, confiança na transmissão de ideias, maior desenvoltura e conseqüente crescimento em repertório de maior complexidade.

5.4 Os participantes e o repertório

O “UDI Cello” não define sua formação de naipes pelo repertório e sim pelas capacidades individuais musicais de cada um dos violoncelistas, bem como pelas funções dos músicos prestadas ao grupo.

Isso posto, como mencionado, semestralmente o grupo tem uma reunião quando são definidos os membros de cada naipe: sendo 1 titular, 1 subordinado e 1 reserva em cada naipe. Isso se faz necessário pelo fato de acontecer um revezamento dos músicos em cada uma das vozes e também devido ao fato das entradas e saídas de músicos do grupo. Em alguns casos, algumas músicas exigem a “troca de integrantes, de naipes, porque, às vezes, não se tem uma boa harmonia com o *ensemble* daquele jeito” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 25) ou até mesmo pelo fato de determinadas obras não estarem estruturadas com a voz mais aguda no primeiro violoncelo e a mais grave no quarto.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 25) diz que “às vezes os compositores dão uma ‘pirada na batatinha’³⁰ e falam: _Ah, é o mesmo instrumento, então não preciso que o quarto seja grave”. Com isso, os compositores buscam outros perfis, com muitos solos para o terceiro e quarto violoncelo, fugindo um pouco da configuração do naipe, levando o grupo a fazer adaptações a essa fórmula básica.

Ter esse revezamento de vozes solistas no grupo é essencial, pois permite que os músicos se desafiem e busquem estudar mais o repertório do grupo, uma vez que a exposição daquela voz em relação as outras também é maior.

Outro ponto importante é que nem sempre as músicas são escritas para a mesma formação. A formação fixa do “UDI Cello” no palco é de 8 violoncelistas, ou seja, algumas músicas são escritas para 4 vozes, sendo 2 violoncelos em cada voz, outras são escritas para 8 violoncelos e cada violoncelista faz 1 voz. Mais recentemente, principalmente nas músicas contemporâneas, tem vindo para o “UDI Cello” músicas com 3 ou 6 vozes.

5.5 Relações dos músicos no/com o “UDI Cello”

5.5.1 Relacionamento entre os participantes do grupo

Além da hierarquia que existe no grupo, que advém da forma como o grupo está organizado, ou seja, com a presença dos chefes de naipes, violoncelo subordinado e 1 reserva

³⁰ “Pirada na batatinha” é uma expressão que significa endoidar, falar besteira, viajar na maionese.

por naípe, pode-se dizer que o relacionamento entre os integrantes do “UDI Cello” é saudável. Isso porque a maior parte dos músicos já tinham amizade fora do ambiente de ensaio e isso acabou oportunizando uma aproximação nos ensaios do “UDI Cello”. O professor Kayami fala que “nos últimos de 10 anos a sua relação sempre foi muito próxima com os alunos integrantes do grupo” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

A maior parte dos violoncelistas do grupo vem de outros estados brasileiros e conheceram o professor Kayami em festivais ou ouviram ele tocando em algum lugar do país. Então, isso já cria um vínculo de proximidade entre alunos e professor. Quando esses alunos vêm fazer vestibular na UFU, o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 19) disse que procura recebê-los para uma conversa e até mesmo para saber dos reais interesses desses alunos com o Curso de Música da Universidade. Também chama a atenção pelo fato de virem estudar em Uberlândia, que vão sair da zona de conforto de onde estavam e, muitas vezes, salienta para eles a importância de se dedicarem o seu tempo ao “UDI Cello”. Diante disso, ele menciona que procura ajudar esses alunos de alguma forma, seja emprestando um arco de violoncelo ou até mesmo financeiramente.

O professor Kayami também fala que, com o tempo e também pela proximidade e intimidade, os alunos vão adquirindo uma relação mais próxima com ele e com isso começa a se criar “uma confusão muito grande também nesses aspectos, ou seja, quando é o Kayami do ‘UDI Cello’ de quando é o professor Kayami, quando estão lidando com um colega, ou um futuro colega que todos fatalmente vamos ser” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 19) conta que outro fator que fez a relação dele com os alunos ser muito próxima é a idade. Ele diz que entrou na Universidade para ser professor com 24 anos e isso acabou gerando um vínculo maior com os alunos, porém, com o passar desses 10 anos, ele também envelheceu e as relações acabaram se distanciando um pouco mais. O professor Kayami fala que por isso antes “era mais próximo dos alunos, mais íntimo dos alunos”, seja para conversar ou até mesmo por estabelecer relações fora do ambiente de “UDI Cello”. Ele diz ainda que “estava sempre disponível para resolver qualquer problema do aluno, sempre envolvido para que o aluno da UFU e integrante do ‘UDI Cello’ tivesse uma assistência maior” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

Outro aspecto que fez com que ele se envolvesse na vida dos violoncelistas é que para ele o desempenho na música está sempre muito ligado à vida pessoal do aluno. E, no caso, como afeta o “UDI Cello” e também o crescimento do aluno como instrumentista, ele procura sempre estar próximo (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

Hoje o professor Kayami está com 35 anos e diz que agora realmente está dando aulas para outra geração. Então, obviamente há um distanciamento natural na figura de amigos entre eles e os alunos, “e isso é um dos aspectos que ele sente que foi se diferenciando dentro dessa trajetória” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

5.5.2 Competição entre os músicos

A competição entre músicos é algo corrente e no “UDI Cello” isso não é diferente. Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 20), qualquer coletivo ou relação social tem uma espécie de competição. Ele diz que “quando um músico vê que seu colega está se desenvolvendo e tocando melhor do que ele em alguns aspectos é natural que haja uma competição [...] para que ele cresça e tente ultrapassar esse colega”. O referido professor ainda diz que muitos músicos começaram com papéis de pouca importância e relevância no grupo, não havia protagonismo, não havia liderança na voz, não era uma voz principal e hoje estão assumindo vozes principais e são líderes. Então, com o tempo, na concepção desse professor, é importante que as pessoas cresçam para suplantarem os que anteriormente ocupavam aqueles cargos, ou seja, quando um integrante que tem um papel relevante no grupo se ausenta ou sai, abrem-se vagas. As pessoas querem estar naquelas vagas e cabe à diretoria artística decidir quem ocupará o lugar.

O professor Kayami também fala que, além de existir uma competição entre os músicos do grupo, existe competição nos cargos administrativos, mas que para ele é algo normal. Para ele, “às vezes as próprias pessoas carregam individualmente a competição e não gostam de serem deixadas para trás, querem sempre mostrar resultados” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 20). Ele diz que um tipo de competição que ocorre no grupo, mas vê como pedagógico, por um lado, é quando os integrantes mais jovens crescem muito rápido por que eles têm integrantes mais experientes para se basearem, então eles se nivelam mais rapidamente. Por outro lado, esses integrantes mais experientes também procuram crescer individualmente, pois não querem passar pelo fato de um integrante mais novo crescer rapidamente e se nivelar com ele ou quem sabe até ultrapassá-lo.

Por último, ele diz que vê poucas motivações negativas no grupo, como ciúmes, inveja, o “puxar o tapete”³¹ de colegas ou outras formas de competição. Afirma que caso ele

³¹ “Puxar o tapete” é uma expressão usada para se referir a uma traição de qualquer tipo ou quando uma pessoa é traçoira e tem atitudes que prejudicam alguém para se beneficiar. Se refere a trair a confiança de uma pessoa ou a uma atitude que trouxe prejuízo para quem foi pego desprevenido.

perceba tenta interferir para que haja uma reflexão, para que o músico entenda que esse não é o caminho e isso não leva a um bom ambiente profissional.

Gabriel também considera que a competição entre os membros do grupo é algo saudável e ela é criada mais para subir o nível e não para uns serem melhores do que os outros. Ele diz que “a pessoa que está competindo está buscando fazer o melhor trabalho, ela quer ser o melhor dentro do grupo porque ela quer que o nível do grupo suba e que se perceba que é por sua contribuição ali também” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 35). Ele ainda fala que os músicos não desejam a competição em que um deles fica torcendo para o colega do lado tocar pior que ele. Ele diz que “isso nunca teve, ninguém nunca do grupo falou assim: “_Nossa, queria que aquele cara tocasse ruim”. Não, muito pelo contrário. Mas a competição é no sentido de ver que você está ficando bom e o outro também quer ver que está bom igual a você” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 35).

Assim sendo, a competição musical e administrativa dentro do “UDI Cello” são consideradas por ambos os entrevistados como natural e saudável, tendo em vista que todos os músicos buscam dar seu melhor ao grupo. E, para eles, é somente através dessa competição, ligada muitas vezes à performance de cada músico, que o grupo mantém uma constante evolução, enquanto grupo musical. Já no setor administrativo isso não é diferente, pois o progresso do grupo depende dos reais interesses dos próprios músicos e todos querem contribuir para o crescimento do “UDI Cello”.

5.6 Dificuldades do “UDI Cello”

Assim como o grupo viveu bons momentos ao longo dos seus de 10 anos de existência, ele também conviveu com períodos de instabilidade. A saída de músicos do grupo é algo que prejudica o bom funcionamento do “UDI Cello”, principalmente, pela fundamental importância de cada membro para o grupo, bem como pela dificuldade de se achar outro músico para substituir a vaga em aberto.

Essas dificuldades passam pelo desinteresse que algumas vezes aparece dentre os componentes, pela profissionalização precoce dos músicos, pelas dificuldades financeiras, a partir da saída e/ou a rotatividade dos músicos.

Para o professor Kayami quando o grupo “tem muitos índices de desinteresse a qualidade do grupo cai, o desenvolvimento do grupo cai. E quando tem o contrário, quando tem muito interesse e entusiasmo dos integrantes para o grupo, a qualidade aumenta, os projetos crescem, tomam outras proporções” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p.10). Ele

ainda fala que “quando essas ações estão em baixa, em detrimento de outros projetos que cada integrante está fazendo, a gente aguenta até certa soma, quando é muito vira como se fosse um câncer em estado generalizado, já não tem mais como controlar” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 11). E isso é algo muito ruim, pois acaba prejudicando a rotina de apresentações e tornando os projetos “cada vez menos ousados” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 11).

Gabriel menciona que a maioria dos participantes do “UDI Cello” é aluno da UFU, porém nem todos têm as mesmas prioridades ou anseios para com o grupo. Gabriel fala que o que impede o desenvolvimento do “UDI Cello” é “quando os próprios alunos de violoncelo, enquanto a pessoa estiver aqui em Uberlândia, já não enxergam o grupo como o carro chefe da sua carreira” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 33). Ele continua dizendo que:

quando o próprio aluno de violoncelo faz a faculdade de violoncelo e por um acaso opta por não estar no grupo ou ele não pode estar no grupo, mas por uma questão de acreditar que aquilo ali não é o ponto alto que ele poderia estar, e falar: “_Ah, aqui eu estou melhor do que lá no grupo”. E acho que isso aí é a principal barreira que tem para o crescimento do grupo. É a pessoa estar em Uberlândia e não poder fazer parte do grupo ou não querer fazer parte por não acreditar mais no projeto. “_Ah, gente, o grupo aí já não está mais como antes” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 33).

Outro fator apontado pelo professor Kayami que traz dificuldades e que também é uma barreira para o crescimento do grupo em seus aspectos musicais se trata da profissionalização precoce. Ou seja, quando os músicos “começam a entrar no mercado de trabalho para tocar em uma orquestra, para dar aula em algum projeto ou para darem aula no conservatório, eles deixam de atuar no grupo e isso daí começa a virar a balança para o outro lado” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 12).

Outra ameaça ao crescimento do grupo é o sucateamento das universidades, pois cada vez mais esses ambientes estão precários em sua estrutura, apoio financeiro e o “sucateamento da cultura de forma geral no país” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 12). Salienta que ainda que cada dia que passa menos editais são publicados, menos dinheiro para projetos e com isso caem o entusiasmo dos músicos, interesse e a vontade de fazer parte do grupo.

E, por último, está a questão da rotatividade e saída dos músicos do grupo. Segundo o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 17), em algum momento o ponto auge da carreira ou do desenvolvimento artístico do violoncelista é tocar no “UDI Cello”. Porém,

quando esse integrante começa a ter outras prioridades ou outros projetos em vista é natural que ele priorize outras atividades, saia e se afaste do grupo.

Vários são os motivos para saída de membros do grupo. Segundo o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 17), a maior parte dos músicos que sai do “UDI Cello” sai por razões individuais e o que mais tem contribuído para isso são as necessidades financeiras dos músicos, como quando alguns integrantes precisam sair para procurar emprego em outros locais. Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 33) fala que “em 2017 saiu o Éder Belchior, o Paulo Arruda Ribeiro e o Paulo Aranha. A gente tinha planejado começar 2017/2018 com 12 violoncelos e quando vimos a gente estava com 7”. Nesse intervalo, também saiu o Bruno Thayer que foi um dos principais violoncelistas a passar pelo grupo e que com sua saída acabou mudando a rotina de ensaios do “UDI Cello”.

O professor Kayami diz que os primeiros integrantes a se afastarem do grupo foram os que não acompanharam o nível do grupo, quando aumentou o nível de comprometimento. Então, os primeiros integrantes que saíram foram aqueles que gostariam de levar o *cello* mais amadoristicamente, não tendo tantas pretensões assim com o instrumento. E foi para isso que o “UFU Cellos” foi criado, para receber essas pessoas.

No entanto, até pouco tempo atrás, os músicos do “UDI Cello” só saíam do grupo com uma condição: quando eles se afastavam do curso. E como a maioria dos integrantes do “UDI Cello” vem de outras cidades, outras regiões, estados, quando eles resolvem sair de Uberlândia e voltar para suas cidades ou continuarem os estudos em outros lugares é natural que eles saíam do grupo porque não dá para ser um integrante a distância. Então, o professor Kayami conta que:

esse era o perfil da segunda leva de pessoas que saíram do grupo, que foram muito poucos na verdade, saíram sempre porque queriam continuar os estudos, ou queriam regressar para suas cidades, ou seguir carreira profissionalmente (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 18).

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 18) menciona que, mais recentemente, há um terceiro grupo de motivos para os músicos deixarem o “UDI Cello”, mais perigoso, que é a saída deles por prioridades profissionais. Muitos integrantes pedem para passar um semestre fora, para sair do grupo porque tem outras atividades profissionais na cidade que estão chamando mais atenção e que eles resolvem priorizar. O professor Kayami diz ter orgulho desse perfil, assim como dos outros. Os primeiros integrantes saíram porque sentiram que não estavam acompanhando a exigência do grupo. A outra leva foi de pessoas já

com interesse em galgar outros passos profissionais, e começaram a sair do grupo para crescerem na carreira e, em geral, dando sequência aos seus estudos fora da cidade e, muitas vezes, fora do país. E, por último, os integrantes que deixaram o grupo para ocupar outros cargos na cidade ou região, ou seja, outras prioridades profissionais.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 18) diz que o grupo fomentou o mercado profissional e é natural que esse mercado esteja convocando integrantes do grupo. Surgiram cargos de professores de violoncelo e de músicos violoncelistas na “Orquestra Municipal de Uberaba” na qual os integrantes do “UDI Cello” são convidados para fazer parte. Também surgiram vagas para professor de violoncelo no Conservatório “Cora Pavan Capparelli” de Uberlândia, Conservatório “Raul Belém” de Araguari, em projetos sociais de Uberlândia e, por último, no estado de Goiás no projeto da “Rede de Orquestras Jovens de Goiás”, nas cidades de Itumbiara e Caldas Novas.

Ele ainda acrescenta dizendo que o que lhe magoa: “é que muitos empregadores dos integrantes do ‘UDI Cello’ deveriam ser gratos pela existência do grupo que fomentou o mercado de violoncelos e que eles tomam decisões sem levar em consideração o passado” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 18). Ele ainda diz que vê algumas arbitrariedades sendo cometidas como, por exemplo, empregos que são colocados na hora do ensaio do grupo, o que pressiona o grupo a mudar datas, mudar seu perfil de ensaio.

No final das contas o “UDI Cello” tem sofrido muito impacto nesse aspecto porque obviamente o mercado vai se desenvolvendo e não dialoga com o próprio grupo, com as próprias necessidades dos integrantes: “Eles impõem certa lógica mercadológica deles e arruína com o trabalho que é feito” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 19).

Para o futuro, o professor Kayami espera que os integrantes também se deem conta dessa armadilha da profissionalização precoce e comecem a estabelecer que os patamares artísticos estejam mais nivelados com os patamares do “UDI Cello” do que com os patamares estipulados pelos projetos dos participantes, ou pelos seus projetos de performance, como de aula, e que isso ajude mais ainda a crescer o espaço de atuação dos violoncelistas na região.

6 O “UDI CELLO ENSEMBLE”: ENSAIOS E REPERTÓRIO

O objetivo deste capítulo é mostrar como estão estruturados os ensaios semanais do “UDI Cello”, sejam os *tutti*, de naipes ou os ensaios do quarteto. O foco está na organização desses ensaios nos quais são trabalhados os aspectos técnicos, musicais e coreográficos que permeiam a performance do grupo.

Também é objetivo deste capítulo discutir sobre o repertório, como ele foi se consolidando ao longo dos anos, os arranjos que são elaborados e/ou dedicados ao grupo e como funciona a escolha de um determinado repertório para as apresentações do grupo.

6.1 Os ensaios do “UDI Cello”

Toda a base de preparação do grupo para sua atuação se deu e se dá a partir dos ensaios. O “UDI Cello” já passou por várias fases e momentos ao longo dos seus 10 anos. Desde sua fundação em 2009 também vários violoncelistas já passaram pelo grupo. A organização dos ensaios também foi mudando ao longo do tempo.

Gabriel fala que na primeira fase do grupo o nível “era bem heterogêneo, sendo que” [...] “tinha pessoas em nível bem mais baixo e pessoas em nível mais alto, tocando juntas” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32). Ele continua dizendo que depois o grupo entrou em uma fase em que “tinha todo mundo tocando muito bem, em um nível alto enquanto violoncelistas, [...] mas o grupo ainda precisava de alguns encaixes” e pra ele hoje o grupo “caminha para que ele soe muito bem como grupo” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32).

Os músicos do “UDI Cello” foram percebendo ao longo dos anos que a função deles não era só tocar violoncelo, mas também que era importante realizarem outras tarefas de empreendedorismo no grupo. Gabriel diz que o “UDI Cello” encerrou o primeiro semestre de 2018 “na sua melhor fase” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32) e ainda diz que:

enquanto grupo a gente está no melhor funcionamento, está na melhor época de logística, está na melhor época enquanto grupo musical, porque o conjunto está soando cada vez mais timbrado, cada vez mais fechadinho, e cada vez mais maduro também (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32).

O “UDI Cello” já viveu momentos muito importantes em sua trajetória, tanto no Brasil como no exterior em sua passagem pela França. Vários foram os momentos em que o grupo demonstrou maturidade musical e profissionalismo em cima dos palcos, porém, para

Gabriel, esse ápice aconteceu no concerto do grupo no “8º Festival Internacional Sesc de Música” (ver Figura 17), de Pelotas-RS. Gabriel fala que naquele concerto viu o grupo se tornando profissional, “mais fechadinho, mais sincadinho³², não só na parte musical, mas o grupo no geral” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 32).

Figura 18 - "UDI Cello Ensemble" no 8º Festival Internacional Sesc de Música de Pelotas-RS.



Fonte: Página do *Facebook* do “UDI Cello”.

Se vários músicos passaram pelo grupo, se os níveis tanto musicais quanto técnicos deles também foram mudando, ao longo dos anos, os ensaios do grupo também sofreram inúmeras mudanças, tanto na parte estrutural como nas questões técnico-musicais.

Ao analisar as duas entrevistas pode-se ver que o “UDI Cello” passou por diversas formas na organização dos ensaios, contudo, percebe-se nas falas dos entrevistados que para eles a qualidade musical e organizacional do grupo depende do comprometimento de cada um dos integrantes. O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 21) afirma que, mais no início do grupo, não havia intervalos nos ensaios do “UDI Cello”. Eram realizados durante 3 horas seguidas e, ao longo dos anos, o grupo teve de se adaptar a novas formas de ensaio.

Ambos os entrevistados, salientaram que se os componentes do grupo estiverem com os mesmos propósitos em relação ao “UDI Cello” o direcionamento das atividades é muito melhor organizado. Mas também pode ser o contrário, pois quando os integrantes priorizam outras atividades em detrimento do grupo, as coisas acabam não acontecendo como deveriam.

É importante mencionar que a maior parte dos membros do “UDI Cello” ao também serem alunos da UFU, muitas vezes, acabam enfrentando conflitos para poderem conciliar as duas atividades ao mesmo tempo. Vários foram os momentos em que o grupo reestruturou os

³² Sincadinho é uma expressão que quer dizer unido, compacto.

ensaios semanais para não “chocar” com as atividades acadêmicas. Muitas vezes as próprias atividades profissionais dos integrantes do grupo acabam alterando a rotina de ensaios do “UDI Cello”, uma vez que os membros são de outros estados e precisam dos seus empregos para seus sustentos em Uberlândia.

6.1.1 Tipos de ensaios

6.1.1.1 Ensaios *tutti*

Quando o grupo foi criado os ensaios *tutti* do eram realizados às segundas, quartas e sábados, das 19:00h às 22:00h, sendo que os horários dos ensaios de naipe eram decididos pelos próprios integrantes durante a semana. Depois de algum tempo o ensaio *tutti* de sábado passou para domingo e, logo após, também perdeu os ensaios dos finais de semana, ficando como acontece atualmente, às segundas e quartas-feiras.

Hoje o “UDI Cello” mantém uma rotina de 2 ensaios *tutti* semanais, 1 ensaio de naipe e, às vezes, são marcados ensaios de quarteto. Os 2 ensaios *tutti* são realizados na segunda e quarta-feira, das 19:00h às 22:00h.

Nos últimos anos o “UDI Cello” tem adotado o calendário acadêmico da UFU para o início e fim de suas atividades anuais, tendo o primeiro ensaio no primeiro dia em que as aulas têm início na Universidade.

No fim de cada um dos semestres é feita uma reunião para definir os horários de ensaio do próximo semestre, para que cada um dos integrantes tenha tempo para organizar suas atividades acadêmicas e/ou profissionais.

O primeiro dia de ensaio do grupo normalmente é para alinhar as atividades que serão desenvolvidas ao longo do semestre. Nesse dia são definidos os horários de ensaio, horários de intervalo, como vão funcionar as atividades técnicas, os trabalhos de coreografia, entre outras atividades. Além disso, é nesse primeiro dia que são definidas as funções de cada um dos integrantes do grupo ou também alterações caso sejam necessárias.

O ensaio *tutti* é muito importante para o “UDI Cello”, pois esse tipo de ensaio tem papel importante na manutenção da rotina semanal de ensaios do grupo, exceto nos momentos em que muitos integrantes se ausentam. É um momento semanal no qual todos os violoncelistas do grupo estão presentes para além de tocarem violoncelo, falarem sobre o grupo, sobre música, arte no geral. E isso é muito importante por que dentro dos ensaios do “UDI Cello” os músicos têm liberdade para opinarem sobre os assuntos pertinentes ao grupo.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 22) fala que “o formato ideal de ensaios *tutti* que o grupo atingiu era 3 vezes na semana, sendo eles na segunda, quinta e sábado”. Ele diz que foi uma época excelente para a qualidade técnica do grupo, porém tudo tem como base os interesses individuais, e isso era possível, já que todos do grupo queriam o crescimento do grupo com essa rotina de ensaio.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 21) ainda complementa que hoje a primeira parte do ensaio tem uma hora e quarenta e cinco minutos de duração, depois um intervalo de quinze minutos e logo após mais uma hora de ensaio. Ele diz que “esse foi o melhor padrão de divisão, [...] de esquema de ensaio, que eles atingiram”.

6.1.1.2 Ensaios de naipe

O “UDI Cello” mantém a rotina de 1 ensaio de naipe semanal e dependendo da dificuldade do repertório são marcados ensaios extras. Esses ensaios de naipe têm duração de aproximadamente 3 horas, com intervalos de 15 minutos dependendo das necessidades do naipe e são realizados pelos 3 integrantes do naipe, sendo eles o titular, o subordinado e o reserva. Os ensaios de naipe são realizados de acordo com a disponibilidade dos integrantes do naipe, não podendo coincidir com o horário do ensaio *tutti*. O professor Kayami diz que os ensaios de naipe ao serem “marcados de acordo com a disposição de cada integrante do naipe” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 22), os músicos tentam não chocar horários com os ensaios *tutti* e nem com os ensaios dos outros naipes, que normalmente são realizados no laboratório de cordas.

Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 37) menciona que os ensaios de naipe servem para “casar as vozes” dos integrantes do naipe e unir o som do naipe e, conseqüentemente, com o restante do grupo. O primeiro estudo que os músicos do “UDI Cello” fazem é o individual, quando leem as notas, buscam afiná-las, construir as partes e levar a música já estudada para os ensaios de naipe. No ensaio de naipe isso é trabalhado entre os 3 integrantes, até se chegar a um consenso sobre a ideia musical que será adotada pelo naipe.

Pode-se dizer que os ensaios de naipe têm papel fundamental para melhor rendimento dos ensaios do “UDI Cello”, bem como na construção da performance das obras do repertório. Têm por finalidade o melhor preparo dos músicos e a junção das vozes do naipe para os ensaios *tutti*. Gabriel fala (Entrevista dia 13/08/2018, p. 38) “que se todos os naipes chegarem bem ensaiados e fechados, provavelmente, vai ser um ensaio sem problema nenhum”.

Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 37) fala que o grupo está querendo introduzir um ensaio semanal apenas com os chefes de naipe, para as vozes já estarem conhecidas. Menciona que essa ideia ainda não é oficial, porém, é importante, pois com isso os ensaios de naipe ficam mais focados na resolução de problemas e o naipe pode chegar melhor preparado para os ensaios *tutti*.

Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 38) afirma que quando não existe preparo dos naipes o ensaio *tutti* começa a ter problemas e isso, além de desgastar os ensaios, tira muito tempo do preparo de outras músicas. Gabriel ainda diz que, em semanas de concerto, ele faz ensaios todos os dias com seu naipe e nesses dias fica “mais exigente e criterioso com a afinação” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 38). Para ele, nesses ensaios os problemas de afinação, timbre, organização da mão e os dedilhados precisam ser resolvidos e, além disso, fazer os 3 *cellos* do naipe soarem um só.

6.1.1.3 Ensaios de quarteto

Os ensaios de quarteto foram incorporados há pouco tempo à rotina semanal de ensaios do grupo. Foi se verificando, ao longo dos anos, a necessidade de se realizar um ensaio com os chefes de naipe do grupo, pois ajudaria na melhor construção do repertório e também para que os chefes de naipe pudessem levar os conceitos técnicos/musicais melhor preparados para os ensaios de naipe.

Pode-se dizer que esse tipo de ensaio que o grupo realiza é mais esporádico. Os ensaios de quarteto, assim como os de naipes, são realizados de acordo com a disponibilidade dos integrantes do naipe, não podendo coincidir com o horário do ensaio *tutti*.

Destaca-se a importância desse tipo de ensaio para o grupo, pois tem ajudado muito na rapidez de preparo do repertório para as apresentações e também para que durante os ensaios *tutti* os chefes de naipe possam seguir os mesmos ideais musicais.

6.1.2 Conteúdos dos ensaios

O ensaio na concepção do professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 6) “sempre tem seu lado pedagógico”. Claro que os ensaios têm como objetivo preparar o repertório de obras musicais, mas alguns conteúdos sempre estiveram presentes nos ensaios do grupo. Dentre esses conteúdos estão as questões técnicas do instrumento, sendo que os ensaios

costumam “priorizar afinação, articulação, timbre, e depois o aspecto interpretativo agógico” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 27).

O “UDI Cello” desde seus primeiros ensaios mantém um padrão de organização dos conteúdos musicais trabalhados nos ensaios semanais. O professor Kayami fala que a base dos ensaios eram os exercícios técnicos como escalas, afinação, tocar com metrônomo, além de exercícios diversos que pudessem auxiliar o grupo para tocar o instrumento no repertório de obras estudado. Com o passar dos anos essa concepção foi mudando, pois o grupo foi ganhando destaque e aquele tempo para a parte técnica teve de dar lugar para a preparação de repertório. Nesse sentido, como disse o professor Kayami os exercícios técnicos “perderam espaço” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 21).

Pode-se afirmar, no que se refere à organização dos conteúdos, que o ensaio *tutti* está estruturado em 3 partes. No começo, na primeira parte de ensaio, são trabalhados os conceitos técnicos do instrumento, em um segundo momento, as obras musicais que, normalmente, precisam de um trabalho mais intenso, e a terceira e última parte do ensaio é utilizada para passar o repertório, ou seja, para tocar *D.C ao fine*³³ as obras musicais. Nessa última parte do ensaio, o grupo passa várias vezes cada uma das músicas do começo ao fim, porém, com a proximidade de cada concerto e os prazos de entrega do repertório, “essa hora final em geral é para passar o programa inteiro na ordem que está estipulada” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 22).

O professor Kayami diz que esse modelo de ensaio adotado por eles no grupo é muito eficaz e dá orientação para os estudos individuais dos integrantes, pois o aluno “começa o estudo com uma parte técnica, depois vai resolver os trechos que tem que resolver, e depois no finalzinho do estudo tem que passar as músicas” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 22).

O trabalho técnico do “UDI Cello” é realizado em todos os ensaios do grupo. A primeira atividade que os violoncelistas realizam ao entrar na sala de ensaio é a afinação dos instrumentos. No que se refere à afinação do violoncelo, hoje ele destaca é que ela deve ser feita de instrumento para instrumento. Mais no início do grupo os músicos afinavam corda por corda de cada um dos instrumentos e isso era algo muito bom, pois todas as 4 cordas de cada um dos violoncelistas estavam bem afinadas, contudo esse processo foi excluído dos ensaios pela questão logística de tempo.

³³ *Da capo al fine*: Repetir do começo ao fim da peça.

Depois dos instrumentos afinados, o grupo começa as atividades de afinação do conjunto. Hoje o grupo trabalha afinação fazendo escalas em uníssono, quartas, quintas, oitavas e, além disso, obviamente as escalas em terças e, às vezes, em acordes. Esses acordes são montados “da nota mais grave para nota mais aguda, ou das notas principais, da nota fundamental, quinta e por último se afina a terça” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 27).

Para resolver os problemas de afinação nas músicas o grupo toca os trechos mais lentamente, geralmente, com 4 tempos cada nota, podendo variar. Gabriel fala que “se são 20 semicolcheias, cada uma vai ser tocada 4 tempos, até todo mundo afinar e todo mundo timbrar” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 39).

No trabalho de articulação o mais importante é o tocar junto. O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 27) diz que a articulação é um aspecto que pode ser discutido com o grupo, junto com o qual dá para se definir se quer “mais curto ou mais longo, ou criar uma comparação com determinado fonema”. Quando o grupo não tem os mesmos parâmetros e está harmonizado com a articulação, o trabalho a ser feito é o da repetição. Normalmente é escolhida uma nota e o grupo repete a articulação que está com problemas em determinada música até que o grupo inteiro consiga tocar e fazer soar exatamente da forma como é proposto. Ele diz que “por isso que as músicas minimalistas ou que têm muita repetição de padrão são boas para o começo dos ensaios, pra o grupo refinar a articulação” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 27).

O timbre é um pouco diferente da afinação e da articulação, pois ele “está muito ligado à dinâmica e intensidade que você toca” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 27). O professor Kayami acrescenta que é costumeiro arrumar referências subjetivas ou extra-sensoriais como gosto, cheiros, emoções para se chegar ao timbre ideal. Apesar de ser um pouco mais difícil de se trabalhar é preciso que ele saia do contexto subjetivo e vá para o violoncelo. Por vezes, algumas questões técnicas da performance podem “ajudar a definir o timbre como, por exemplo, mais para o espelho ou mais para o cavalete” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 28). Quanto mais próximo do cavalete o violoncelista toca, mais agudo, estridente e brilhante é o som e, ao contrário, para quando é mais próximo do espelho. Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 39) acrescenta que para se resolver problemas de timbre, normalmente o chefe de naipe define o som e “ele vai tocar mais forte dentro da dinâmica que está estabelecida e a pessoa subordinada no mesmo naipe vai tocar uns 10% a menos”.

Por último, é realizado o trabalho de interpretação das obras. A interpretação é um “processo criativo e sensível” e difere de música para música (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 28). Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 28), a

interpretação está muito ligada à liderança, principalmente, “da voz 1 e como que ela se articula com as vozes mais graves, com as vozes de acompanhamento”.

O líder, a partir da sua sensibilidade é quem estipula a quantidade de acelerando, diminuindo, ralentando, crescendo ou decrescendo. Para Gabriel na interpretação são aplicados os conceitos de harmonia, e ele exemplifica dizendo: “_Ah, essa nota aqui vai ficar bonita fazendo mais forte porque é uma dominante, ou seja, é uma tensão. E aí a nota que você vai tocar ali depois é uma tônica, ou seja, faz um pouquinho menos porque é relaxamento” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 39). Ou seja, os músicos do grupo têm a capacidade de perceber que dominante tenciona e no relaxamento na tônica conduzimos uma frase para a terminação mais tranquila.

O professor Kayami acrescentou que a última parte do ensaio é utilizada para tocar as músicas do início ao fim, o que possibilita aos músicos terem um *feedback*³⁴ de cada uma das obras, “uma avaliação de como está o processo técnico” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 28).

Além desses conteúdos, também foram introduzidos nos ensaios exercícios de treinamento corporal para os músicos. Portanto, dentro da rotina de ensaios semanais do “UDI Cello” existe um momento para o alongamento dos músicos. Este momento costuma ter duração de no máximo 5 minutos e é parte dos ensaios, já que melhora o desempenho performático do grupo. Gabriel diz que quando os músicos fazem os alongamentos, eles “conseguem ter um melhor desempenho, sem travar e sem sentir dores” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 41). Ele também fala que isso ajuda muito na questão da saúde dos próprios violoncelistas, pois mantem o corpo saudável e preparado para fazer a interpretação, juntamente com algum tipo de coreografia, caso haja. Ainda frisa que a atividade desenvolvida pelo grupo é como se fosse uma corrida, tendo os mesmos benefícios ao corpo.

Examinando o que foi mencionado pelos entrevistados, é possível constatar que essa organização do ensaio do “UDI Cello” é importante para o grupo poder passar por todas as etapas do estudo e da construção de determinadas músicas e, conseqüentemente, do repertório para as apresentações. É sabido que muitos desses processos de organização dos ensaios são feitos na maior parte das orquestras e grupos musicais do mundo e dentro do “UDI Cello” isso não é diferente. Basicamente, esse modelo de organização dos ensaios dos grupos musicais é o mesmo do estudo individual dos músicos, no qual primeiro são trabalhados conceitos

³⁴ *Feedback*: informação que o emissor obtém da relação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão

técnicos, depois trechos específicos e, por último, o repertório para ele ir ganhando “quilometragem”.

6.2 O repertório do grupo

O repertório “UDI Cello” é bem vasto e, em sua maioria, são obras de compositores brasileiros dedicadas ao grupo. Normalmente, as obras são oferecidas ao grupo para estreias mundiais, apresentações em importantes festivais de música no Brasil ou até mesmo para eventos particulares. Vale ressaltar que o violoncelo tem ganhado um papel muito importante dentro da música contemporânea e isso estimula os compositores a escreverem para o instrumento, especialmente quando se trata de um octeto de violoncelos.

Desde sua criação o “UDI Cello” já recebeu inúmeras músicas de compositores brasileiros dedicadas ao grupo. Em determinadas ocasiões esses compositores têm a oportunidade de ouvir o grupo e pela qualidade musical daquilo que escutam, decidem escrever esses arranjos para determinados concertos ou estreias mundiais ao grupo. Dentre os compositores que já escreveram para violoncelo pode-se mencionar: Alexandre Schubert, Alice Lumi Satomi, Andersen Viana, Antônio Celso Ribeiro, Antônio Madureira, Beetholven Cunha, Caio Sena, Carlos Cruz, Cesar Traldi, Dimitri Cervo, Gilson Beck, Jean Goldenbaum, José Orlando Alves, Liduíno Pitombeira, Marcos Lucas, Maurício Orosco, Neder Nassaro, Rafael Langoni Smith, Sérgio Roberto de Oliveira, Sílvio Ferraz, entre tantos outros compositores.

Mais no início quando de sua criação, o grupo tinha poucas obras preparadas para que pudessem ser executadas e, hoje, o arquivo do grupo é bastante vasto. Algumas músicas do grupo foram encomendadas como, por exemplo, arranjos para determinados eventos. Outras músicas chegaram até o grupo através de compositores que decidiram dedicar suas obras ao “UDI Cello” e ainda tem aquelas obras que foram pegas em domínio público na internet.

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 23) fala que o que ele sempre tem tentado contemplar nas apresentações do grupo são obras brasileiras, para que elas sejam “uma constante no repertório”. Ele ainda fala que existem dois extremos no grupo quanto à preparação do repertório: de um lado, o grupo trabalha com eventos corporativos, casamentos e a escolha das músicas, na maior parte das vezes, fica sob a responsabilidade do contratante e, por outro lado, existem os concertos que são feitos pelo próprio grupo em que a responsabilidade do repertório é da direção artística.

No geral, a escolha de determinado repertório depende muito do contexto em que esse se encontra inserido. Para Gabriel:

a escolha de repertório se dá por tentar criar produtos que sejam atrativos ao público que a gente quer conquistar, que a gente quer formar e, às vezes, de algumas demandas que aparecem como, um concurso, ou algum concerto que já pede algum repertório específico (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 37).

O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 23) diz que, quando são apresentações do próprio “UDI Cello”, ele costuma “fazer essa escolha de acordo com o nível artístico do grupo e o que o público alvo está propenso a escutar”. Com tudo isso, o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 23) ressalta o cuidado com a escolha do repertório que, em sua opinião, deve ser sempre variado, pois os concertos são abertos a diferentes tipos de públicos. Ele fala que nas apresentações eles “tentam mostrar várias facetas do violoncelo, o violoncelo mais expressivo, o violoncelo mais *swingado*, tocando música popular e também, algumas vezes, por exemplo, cantando alguns refrões juntos com um coral”.

Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 23), o repertório para uma apresentação deve ser escolhido para contar uma “história com muitos tipos de expressões”. Além disso, “ele tenta mesclar tudo o que é possível e tornar mais variado possível aquela experiência do concerto, dentro das limitações técnicas do grupo” (p. 24).

Existem também as apresentações para as quais se faz necessário encomendar de arranjadores as músicas. Normalmente essas obras são encomendadas em casos em que o grupo vai tocar com um tipo de formação diferente, ou seja, com outros instrumentos, além do *cello*, ou também quando não se tem arranjos para a formação de quarteto ou octeto de violoncelos. Nesses casos normalmente os arranjos são pagos pelo próprio contratante da apresentação.

6.2.1 Preparação do repertório

Quando se trata da preparação do repertório, o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 17) menciona que hoje no “UDI Cello” prepara o repertório para as apresentações de forma muito mais rápida. Ele acredita que tal fato se dê porque existem “bons hábitos” para se preparar esse repertório como, por exemplo, o estudo individual, ensaios de naipe, estruturas que permitem que os violoncelistas possam cada vez mais se

preocupar com sua parte e fazer mais rápido. Enfim, a estrutura, a organização do grupo, bem como a formação dos seus integrantes, têm permitido que a preparação do repertório aconteça de forma mais dinâmica e com mais amadurecimento musical.

O professor Kayami fala que o primeiro semestre de 2018 foi muito intenso, não foi o mais ativo do grupo desde sua fundação, mas foi bem ativo. Muitas vezes, o grupo teve duas semanas para preparar o repertório, o que anteriormente levaria quase 3 meses. Ele disse que “isso é uma prova de que os novos integrantes se ‘infectam’, se contagiam. [...] Aprendem por ‘osmose’ os bons hábitos que a gente demorou 10 anos para construir” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 17).

Nessa preparação do repertório, Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 37) menciona que os principais aspectos desenvolvidos na preparação de repertório do “UDI Cello” estão relacionados com o estudo das partes individuais, a leitura e os ensaios.

Pode-se afirmar, a partir das entrevistas, que a construção do repertório do “UDI Cello” depende muito da dificuldade de cada uma das obras musicais, que será tocada no concerto. Conforme a música seja mais difícil, ela exige outros aspectos técnico-musicais na sua preparação.

Outro aspecto a se destacar é que, ao longo dos anos, o grupo foi desenvolvendo habilidades de leitura para melhor preparação de cada uma das músicas. Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 37) fala que hoje o grupo “já tem muita música pronta que já tocou em outras épocas e é mais fácil a construção do repertório”, pois a música já passou por um processo árduo de construção anteriormente.

Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 37) acrescenta também que a quantidade de repertório que o grupo já possui praticamente está “debaixo dos dedos” e sempre que surgem oportunidades de “ressuscitar essas obras” o grupo não precisa de muito esforço.

A principal estratégia do “UDI Cello” para a construção de um determinado repertório é ensaiar primeiro aquelas músicas que estão com a qualidade ruim e com o tempo ir melhorando-as (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 36).

É importante ressaltar que, muitas vezes, mesmo o repertório “estando pronto”, a maturidade musical só se concretiza a partir de recorrentes apresentações. À vista disso, é significativo o grupo “UDI Cello” possuir uma afinidade com o público para se obter uma melhor desenvoltura musical e ganhar mais “quilometragem” de repertório.

6.2.2 Elaboração de arranjos

A maior parte do repertório do “UDI Cello” são peças que foram encontradas em domínio público, outras foram cedidas por pessoas ao grupo, algumas dedicadas por compositores ao grupo e também aquelas que, por se tratar de determinado repertório específico ou por não serem de fácil acesso, são feitos arranjos, elaborados por membros do grupo ou terceirizados. Gabriel diz que:

uma determinada vez o “UDI Cello” tocou com um violeiro e ele trouxe os próprios arranjos. Ele tinha seu próprio arranjador, amigo dele e a produtora mesmo correu atrás dos arranjos com esse arranjador. E, às vezes, o próprio “UDI Cello” corre atrás dos arranjadores parceiros e, às vezes, os próprios membros do grupo, como ele mesmo, a Ana Beatriz Cenci, entre outros, escrevem os arranjos (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 40).

Para o professor Kayami, o critério que deve nortear a criação de arranjos para o grupo é a adaptabilidade, e ele diz ainda que “a peça tem que aparentemente encaixar bem no violoncelo” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 25). Além da adaptabilidade, ele considera artisticamente ser importante a inovação e a criatividade nos arranjos. Outro aspecto muito importante na elaboração dos arranjos do grupo é o domínio das questões técnico-musicais que o arranjador precisa apresentar na sua criação.

6.2.3 O violoncelo como instrumento em questão

No “UDI Cello”, como o próprio nome já diz, o principal instrumento é o violoncelo. Um dos propósitos do professor Kayami com a criação do grupo foi buscar trabalhar o violoncelo enquanto instrumento solista, mostrando os diferentes tipos de nuances do instrumento. Desde as primeiras citações sobre o violoncelo em meados de 1665, o instrumento era tratado como coadjuvante e somente a partir dos séculos XVII e XVIII que ele pôde ser conhecido como um instrumento musical solista. Hoje em dia muitos críticos da música consideram o violoncelo como o instrumento do século XXI.

No “UDI Cello” o professor Kayami tenta com que os 4 naipes do grupo mostrem suas potencialidades como instrumentos solistas, não deixando isso apenas para a primeira voz. Os músicos recebem as mesmas oportunidades para trabalharem no grupo aquilo que muitas vezes em outros grupos musicais e também orquestras não conseguiriam, ou seja, explorar o violoncelo e atuar como solista no grupo.

Diante disso, o violoncelo tem um papel muito importante para o “UDI Cello” não somente por se tratar do instrumento principal do grupo, mas também pela atenção do público dispensada ao instrumento. Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 31) diz que o violoncelo é importante por “poder mostrar que ele não faz só o papel de acompanhamento, mas também faz o papel de solo, de melodia principal, e que consegue fazer contracantos muito bonitos”.

Outro ponto importante a ser observado é que o professor Kayami, além de mostrar as potencialidades do instrumento ao grupo, ressalta a importância do “UDI Cello” no que se refere ao seu enfoque na música brasileira. E, por se tratar de um “instrumento clássico” tocando música brasileira isso tem uma valorização grande por parte do público. Esse elo existente entre o “UDI Cello” e o público, muitas vezes, é construído e fomentado pela forma como esse instrumento é apresentado ao público, desmistificando-o também a partir de um repertório que agrada aos ouvintes, independente da escolha e do tipo de música.

Gabriel menciona que um dos critérios do grupo quando está preparando uma obra é “tirar o sotaque europeu que tem o som do violoncelo e colocar o brasileiro” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 38). Ele diz que o grupo, dependendo do repertório, por um lado, precisa se adequar ao tipo de música, ou seja, se é para tocar samba, precisa soar igual samba, se é para tocar forró, precisa soar igual forró; por outro lado, se é para tocar Debussy ou Bach, precisa soar como tal. A ênfase está na questão estilística “e não deixar o sotaque da música ser prejudicado de forma nenhuma em função do idiomatismo do violoncelo” (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 38).

Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 38) conta que uma vez estava tocando o tango brasileiro “Odeon” e encontrou dificuldades para executar a música. Para ele “aquilo não era violoncelístico, não era bom, além de não ser idiomático para o violoncelo”. Sobre aquela oportunidade o professor Kayami disse para ele que:

sua função enquanto violoncelista era fazer ser e soar idiomático no violoncelo, e soar que ele estivesse tocando esse tango brasileiro, com esse sotaque certinho sem nenhuma dificuldade. Não pode estar feio porque está no violoncelo, tem que soar bem (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 39).

Dentro do vasto repertório de músicas do “UDI Cello”, em algumas oportunidades, o grupo trabalha com as técnicas de expansão do instrumento. As técnicas expandidas do violoncelo, normalmente percussivas ou de efeito no instrumento, são utilizadas em algumas obras específicas do repertório do grupo, sendo mais presentes na música brasileira.

Para o professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 25), as técnicas de expansão instrumentais que mais estão presentes nos arranjos escritos para o grupo são “percussão no violoncelo e efeitos variados como harmônicos, guinchos, *sul ponticello*, ruídos que não sejam de notas definidas”.

Além das técnicas expandidas do violoncelo que podem estar presentes em determinado repertório que o “UDI Cello” toca, é muito comum a utilização de outros instrumentos no grupo para que auxiliem para se ter um resultado melhor do conjunto. O professor Kayami fala que na maior parte das apresentações feitas pelo grupo são contratados percussionistas, porém ele tem “começado a experimentar e ver as capacidades individuais dos membros do grupo” tocando estes instrumentos percussivos (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 25). Dentre os instrumentos de percussão mais utilizados pelo grupo pode-se encontrar o caxixi, o pau de chuva, tambores, chocalhos, apito, entre outros, além de instrumentos que imitam os sons da natureza como trovões, chuvas, relâmpagos, mar. Mais recentemente o grupo tem tido alguns arranjos com canto e percussão corporal.

6.2.4 A coreografia

O “UDI Cello”, além de ser um grupo muito versátil, possui outra marca registrada em suas apresentações que é a coreografia. O professor Kayami diz que decidiu exagerar nesse aspecto “pelo violoncelo ser um instrumento muito visual, grande e de movimentos grandes que são facilmente percebidos pela plateia” (Kayami, entrevista dia 07/08/2018, p. 26). Ele ainda acrescenta que quando se faz qualquer inserção de elementos cênicos nas apresentações a plateia responde muito melhor, estabelecendo uma empatia muito melhor com o público.

O início dos trabalhos de coreografia do “UDI Cello” se deu com a professora Yaska Antunes que é professora do Curso de Teatro da UFU e aluna principiante de violoncelo. O professor Kayami (Entrevista dia 07/08/2018, p. 23) disse que a referida professora “sempre teve um trabalho artístico, cênico, um trabalho com o corpo dos violoncelistas há muito tempo, desde meados de 2014”. Foi mais ou menos nesse período que ela começou as atividades com o grupo, primeiramente dando aulas de *yoga*, fazendo um trabalho com o corpo e depois orientando a realização de aquecimentos de grupos musculares, que são realizados no início dos ensaios *tutti* do grupo. A partir do contato do grupo com a professora Yaska os aspectos cênicos foram trazidos e introduzidos no grupo.

O professor Kayami diz que, na maioria das vezes, ele traz as ideias para os ensaios do “UDI Cello”, que são experimentadas e a partir da experimentação o grupo vai decidindo se faz ou não. Ele ainda diz que, inicialmente, essas ideias são absorvidas com timidez, porém, com a parceria da professora Yaska, ela conseguiu trazer não só elementos para acrescentar ao grupo, mas também alunos do Curso de Teatro para assistirem aos ensaios e a partir daí orientar o grupo no que se refere aos aspectos cênicos.

O professor Kayami diz que trouxe esses elementos do seu *background*³⁵ com outros grupos, frisando o grupo “Quarta Dimensão”³⁶ e a “Camerata Brasília” que trabalham com a inserção de elementos como iluminação, cenário e entradas e saídas do palco que são coreografados. Ou seja, a partir de experiências pessoais com outros grupos, que o inspiraram, ele decidiu deixar isso mais conectado ao “UDI Cello”. Ele ainda diz que hoje os violoncelistas têm se adaptado mais rápido a essas inserções e isso possibilita que ele explore os elementos cênicos no/com o “UDI Cello”.

Gabriel menciona que em quase todos os espetáculos do grupo pode-se perceber alguma novidade nesse sentido, o que, geralmente, parece encantar o público. Gabriel diz que:

o “UDI Cello” começou com essas coreografias e essas inovações extra violoncelo... E hoje o público, principalmente, da cidade de Uberlândia que acompanha e que assiste o grupo, vai a um concerto esperando que tenha outra coisa diferente (Gabriel, entrevista dia 13/08/2018, p. 41).

Dentre os aspectos coreográficos trabalhados pelo “UDI Cello” um dos que mais se destaca consiste nos movimentos corporais. Esses movimentos, além de serem sincronizados e gerarem um conforto físico para os músicos na hora de tocar, têm grande diferença para o público, pois proporcionam uma apresentação mais extrovertida e de uma interação maior entre os instrumentistas e a plateia.

Outro aspecto importante, e que nos últimos anos o “UDI Cello” passou a explorar bastante, é a presença de iluminação nas apresentações. O jogo de luzes encanta a plateia e sincronizados com as músicas do repertório proporciona cores, padrões, foco, principalmente, intensidades diferentes no momento da apresentação.

Os cenários e as entradas e saídas de palco também é outro elemento cênico incorporado há pouco tempo pelo grupo, principalmente, tendo em vista o revezamento de

³⁵*Background*: conjunto das condições, circunstâncias ou antecedentes de uma situação, acontecimento ou fenômeno.

³⁶ O grupo “Quarta Dimensão” é um grupo que trabalha a pesquisa sonora com forte inclinação para música brasileira. O professor Kayami Satomi foi um dos fundadores do grupo e nele registrou sua composição “Baião Mimoso” e sete arranjos seus no CD “Músicos e Poetas” em 2005.

músicos. A composição do cenário conquista o olhar do público. A mesma coisa acontece durante as apresentações, quando esses aspectos são a “cereja do bolo”, quando são o *plus* que vai motivar o público a se encantar pela apresentação e querer voltar outras vezes, como já tem acontecido com o grupo.

Quando se trata de aspectos cênicos utilizados, Gabriel (Entrevista dia 13/08/2018, p. 41) ainda fala que não se pode mais “sentar simplesmente e tocar violoncelo”, pois o público de Uberlândia está esperando as novidades do grupo e ainda diz que considera isso uma obrigação por parte do “UDI Cello” com seus fãs.

Sendo assim, cada vez mais o “UDI Cello” tem trabalhado para melhorar e inovar a parte coreográfica de suas apresentações, juntamente com as montagens de palco. É muito importante que os grupos de música dediquem tempo de seus ensaios para trabalhar esses aspectos coreográficos, visto que isso melhora a relação do músico com sua performance consequentemente transmitindo entusiasmo e prazer para a plateia. Ademais, os elementos visuais combinados com a parte musical conquistam os “olhos” daqueles que assistem as apresentações e isso é essencial para trazer novos públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo entender a estrutura e o funcionamento do “UDI Cello Ensemble”, como uma orquestra de violoncelos.

Para conseguir alcançar o objetivo desta pesquisa foi apresentada uma revisão bibliográfica que procurou delinear os principais pontos de discussão acerca da temática da constituição de grupos musicais. A partir desse estudo bibliográfico foi possível focar em como se dá os processos de construção da performance em grupos musicais, bem como em possibilidades de preparação para apresentações musicais.

O “UDI Cello” mantém uma rotina de 2 ensaios *tuttis* semanais e 1 ensaio de naípe, fazendo com que o grupo seja reconhecido não só por seu trabalho minucioso e cuidados, mesmo tendo a maior parte de integrantes que ainda são alunos, mas também pelo importante papel na divulgação e na propagação do instrumento e da música brasileira tocada pelo violoncelo.

O sistema de ensaios do “UDI Cello” sofreu muitas mudanças ao longo dos anos e, de acordo com o professor Kayami, o atual modelo não é o ideal ou o melhor já feito pelo grupo, porém é eficaz uma vez que os integrantes do grupo colaboram para que o “UDI Cello” seja reconhecido pelo seu trabalho.

Percebeu-se então que desde a fundação do “UDI Cello”, o grupo precisou definir e estruturar como seria o modelo mais eficiente de seus ensaios, tendo em vista que o grupo sempre teve como objetivo trabalhar diferentes aspectos da construção da performance de/em um grupo musical. No que se refere à performance, Reid (2002) discute sobre a repetição na preparação musical e é possível perceber que o “UDI Cello” utiliza esse sistema de abordagem do repertório do grupo para automatizar seus ensaios. Ou seja, o trabalho técnico que o grupo vem desenvolvendo vai ao encontro do que Reid (2002) pensa, pois para ele é coerente que o intérprete, durante as primeiras fases da aprendizagem, pratique os trechos musicais de forma lenta e concentrada para preservar a precisão e, ainda, manter a eficácia. São exatamente esses procedimentos realizados nos ensaios do grupo, sempre tendo a repetição de trechos musicais pequenos a fim de construir seções maiores.

Outro aspecto que traz bom rendimento à performance no grupo é o fato do professor Kayami ter um nome importante dentro do cenário dos professores de violoncelo no Brasil e servir de referência para os integrantes do “UDI Cello”. Como diz Reid (2002), a melhor maneira de desenvolver habilidades interpretativas é escutando a performance de outros instrumentistas, assimilando características expressivas de uma boa interpretação, visando

assim enriquecer o vocabulário interpretativo do músico. Obviamente, pelo fato dos integrantes do grupo serem alunos da Universidade, isso já é um facilitador quanto a construção da performance, já que o professor Kayami com sua bagagem musical consegue mostrar de diferentes formas, ou com diferentes exemplos, aquilo que muitas vezes não é possível de ser tocado, seja através de trabalhos com solfejo, ou através de relações de diversos elementos da obra musical com sequências descritivas e até mesmo utilizando do recurso da análise musical durante os ensaios. Tais procedimentos estão em concordância ao que foi apresentado por Ried (2002), pois para ele a análise musical, normalmente, serve para resolver problemas interpretativos específicos.

Outro fator considerado importante pelo grupo é o modo como se organiza o ensaio do “UDI Cello”, que busca uma sequência coerente de trabalho para melhor rendimento. Como foi falado pelo professor Kayami durante as entrevistas, os ensaios do grupo estão divididos em 3 partes, sendo que a primeira parte foca nos conceitos técnicos do instrumento, na segunda parte nas obras musicais e na terceira parte na execução de todo o repertório. Reid (2002, p. 132) cita Wicinski, que investigou como os músicos organizam suas práticas musicais para poder satisfazer os processos requeridos para formular uma interpretação, sendo que o desenvolvimento da técnica do instrumento é considerado por esse autor como fator fundamental.

Ao analisar o que foi afirmado como esquema de ensaio deste grupo, pode-se perceber que o “UDI Cello” mantém um padrão em sua rotina de ensaios. Como Reid (2002) menciona é interessante que se busque entender a perspectiva geral de uma obra para melhor interpretá-la, uma vez que de imediato poderão ser identificadas as dificuldades técnicas da performance da obra musical e resolvê-las. Isso reforça a proposta de ensaios do grupo “UDI Cello”, na qual se busca, além de resolver questões técnicas do instrumento e das obras musicais, abordar o repertório de forma a se desenvolver musicalmente e aperfeiçoar a interpretação desse repertório ao violoncelo.

Quando se trata da interpretação em grupo, é importante destacar que o “UDI Cello” já passou por diversas fases e com diferentes formações de integrantes, até se chegar a uma formação em que por mais que os integrantes não pensem da mesma forma sobre o fazer musical, buscam chegar a um melhor consenso para o trabalho coletivo.

Outro aspecto importante a se destacar é o fato dos músicos não terem um salário para tocar, ou seja, os membros do “UDI Cello” optam por estar no grupo para um crescimento musical em termos técnicos e também pelo fazer musical em si. Levando em consideração os aspectos relacionados com a interpretação que permeiam um grupo musical,

pode-se relacioná-los com os apontados por Goodman (2002) em seu texto, no qual ela discute sobre coordenação, comunicação, papel do indivíduo e fatores sociais na interpretação em grupo.

Um aspecto importante a ressaltar é que o “UDI Cello” busca explorar em seus ensaios práticas que melhorem a sincronia dos músicos e que possam ajudar na performance musical. Como se constatou na entrevista de Gabriel e do próprio professor Kayami, normalmente, quando o grupo tem problemas de tocar junto, é o professor Kayami quem propõe as soluções para melhoria de resultados da performance, tendo em vista sua experiência e maturidade musical. Goodman (2002, p. 183) fala sobre 4 fatores na coordenação do grupo, sendo eles: “cada músico seja capaz de tocar a tempo com o restante do grupo”, “relógio do grupo”, “habilidades para manter o tempo” e último a “ilusão de sincronia”. E isso é uma das premissas básicas para um músico do “UDI Cello”. É por isso que o grupo mantém uma rotina de ensaios *tuttis* e ensaios de quarteto, para buscar melhorar aspectos de afinação, articulação, timbre e, por último, a interpretação das obras e aperfeiçoar esses fatores apontados por Goodman.

Outro aspecto apontado por Goodman (2002) envolvido na interpretação e que também faz parte da rotina de ensaios do “UDI Cello” é o da comunicação estabelecida entre os músicos durante os ensaios e na apresentação. A comunicação visual entre os integrantes é um fator crucial para o desenvolvimento performático, entretanto a autora resalta que não é necessário que os músicos se olhem diretamente e que utilizem a visão periférica. Já com relação à percepção auditiva, a comunicação ocorre quando cada músico busca se equilibrar durante a prática musical, seja com relação a fraseados, dinâmicas e articulações.

Um aspecto relevante é a figura de um líder para representar, orientar e unificar a ideia performática do “UDI Cello”. Esse mesmo líder, de acordo com Goodman (2002), deve ser escolhido de acordo com os fatores de personalidade dos intérpretes, a música e os estereótipos sociais.

No que tange a interpretação, como dito por Goodman (2002), a ideia individual muitas vezes é suprimida em detrimento do resultado performático do grupo. Esse fator pode acarretar confrontos por diferença de opiniões com relação a interpretação, contudo a autora enfatiza que o resultado obtido pelo grupo supera os resultados que poderiam ser obtidos individualmente.

O aspecto visual também é considerado um elemento de interação entre performer e público, tanto no que diz respeito às vestimentas quanto aos gestos e outros comportamentos não verbais. Com relação ao gestual, pode-se destacar a importância da prática musical para

que o momento da performance ocorra de maneira fluida. De acordo com Davidson (2002), depois de muita prática e experiência o músico é capaz de tocar sem observar conscientemente os pensamentos e ações que realiza para produzir a interpretação, além disso, o músico pode utilizar movimentos corporais de acordo com a ideia musical a ser transmitida.

Outro elemento salientado por Davidson (2002), referente ao aspecto visual na performance do grupo é o corpo, que constitui um meio para comunicar qualidades básicas da natureza humana, pois muitas vezes os movimentos gerados se abstraem em formas musicais. Dessa maneira, é possível afirmar que tais movimentos corporais do intérprete influenciam diretamente na maneira como a música é sentida pelo público. Um gestual condizente com a performance traz ao espectador uma sensação de melhor compreensão da música, fazendo com que o público relacione movimentos ou expressões não verbais com efeitos sonoros a determinados trechos da música. Outrossim, no momento em que o público avalia e processa os movimentos feitos pelo performer, é formada uma ideia de interpretação. É percebido que grupos que não conseguem atingir uma interpretação sincronizada, não alcançam no espectador o objetivo do fazer musical.

Os gestos e movimentos são provenientes do contexto histórico, com isso pode-se dizer que os movimentos e gestos se adequam ao contexto social e cultural. O trabalho coreográfico é uma característica marcante no “UDI Cello”. A unificação do fazer performático é promovida a partir de alongamentos e exercícios de conscientização corporal. É possível perceber uma melhor interação e sincronia entre os indivíduos no momento das apresentações e, por consequência, acredita-se que a proposta da interpretação é transmitida ao público de uma maneira mais eficaz. Do mesmo modo o público reage a tal interpretação de maneira satisfatória, garantindo a fluidez performática, em concordância com a ideia proposta por Davidson (2002).

Diante do apontado, a realização deste trabalho poderá ajudar músicos e especialmente violoncelistas a entenderem como funciona a estrutura e funcionamento de um grupo musical e com isso obterem uma maior experiência para, quem sabe, criarem outros grupos de música. Destaca-se também a importância histórica do grupo, sendo um dos únicos octetos de violoncelo em atividade no Brasil e que possui uma trajetória importante de um grupo musical dentro da música de concerto em nosso país.

Para mim este trabalho é importante, pois foi assistindo a um concerto do “UDI Cello” em Porto Alegre que pude realizar meu sonho de estudar na UFU em 2013, de ser violoncelista e ser também um músico atuante no grupo. Também é importante por ser o primeiro trabalho a ser escrito sobre o “UDI Cello”, podendo mostrar, além dos aspectos de

estrutura e organização do grupo, também como o “UDI Cello” se constituiu um grupo musical. Nesse sentido, tem-se em conta que, ao longo dos anos, muitas histórias foram vividas no grupo e nunca houve um registro dessas histórias. O trabalho se torna importante por mostrar um pouco do que aconteceu de mais importante nesses 10 anos do “UDI Cello”. Outrossim, são poucas as pesquisas sobre o funcionamento de grupos e especialmente de violoncelos no Brasil. Esses foram alguns dos motivos que despertaram o meu interesse por estudar sobre o grupo, um grupo no qual participei como instrumentista durante minha graduação.

Acredita-se que ainda há muito o que se estudar sobre o “UDI Cello”, principalmente, no que se refere à construção do dia a dia da performance musical do grupo. Caso fosse estudar novamente o grupo, tentaria ver como os violoncelistas “aplicam” os conhecimentos recebidos no grupo em seus ambientes de trabalho, ou também em estudos fora de Uberlândia. Também seria importante focalizar nas questões sociais do grupo envolvendo o “UDI Cello” na formação dos violoncelistas no Curso de Música UFU e também as mudanças na vida dos violoncelistas que passaram pelo grupo ao longo desses 10 anos.

REFERÊNCIAS

- ARAKAKI, Marcos. **Depoimento**. Disponível em: < <http://udicello.com/criticas.php> > Acesso em: 3 maio. 2016.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Biblioteca da educação, Série 1, Escola, 16).
- DAVIDSON, Jane. El lenguaje del cuerpo durante la interpretación. In: RINK, John. **La interpretación musical**. Tradução de: Barbara Zitman. Espanha: Alianza Editorial, 2006.
- ESCOLA de violoncelos se apresenta no Marajoara. **Correio de Lageano**, 5 de julho de 2012.
- FERREIRA, Ismael de V. Resenha de J. C. Kaufmann: A entrevista compreensiva. **Plura**, Revista de Estudos de Religião, v. 5, n. 1, p. 171-174. 2014.
- GOODMAN, Elaine. La interpretación em grupo. In: RINK, John. **La interpretación musical**. Tradução de: Barbara Zitman. Espanha: Alianza Editorial, 2006.
- MONTEIRO, Carolina. Orquestra UDI Cello Ensemble faz Concerto no Municipal: para o Diretor Kayami Satomi, espetáculo contribui para a “deschatificação” da Música Erudita. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. B1, 30 maio. 2015. (Revista).
- MOREIRA, Eliane. Música erudita além da academia. **Jornal da UFU**, Uberlândia, n. 143, p. 12, maio/jun. 2013. (Cultura)
- MOTA, Núbia. Júlio Medaglia Rege o UDI Cello: Arranjador de “Tropicália” e o grupo de Violoncelistas do Triangulo Mineiro se encontram amanhã. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. B1, 21 set. 2012. (Revista).
- OLIVEIRA, Adreana. UDI Cello se apresenta com convidados: Orquestra de Violoncelo de Uberlândia recebe a Soprano Rose de Souza e o Violoncelista Raïff Dantas Barreto. **Jornal do Comércio**, Uberlândia, ano 30, n. 7686, p. B1, 08 jul. 2017. (Diversão & Arte).
- PACHECO, Pablo. 3º edição do Mudante começa hoje no Center Convention: entre as atrações, estão monólogo de Fransérgio Araújo e show de Oswaldo Montenegro. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, ano 76, n. 23499, p. B1, 18 set. 2014. (Revista).
- REID, Stefan. Preparádo se para interpretar. In: RINK, John. **La interpretación musical**. Tradução de: Barbara Zitman. Espanha: Alianza Editorial, 2006.
- SOUNDS of a nation. **The Strad**, p. 36-41, aug. 2017.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília, Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). In: **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p. 287-309.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUADRO DAS APRESENTAÇÕES DO “UDI Cello”³⁷

DATA	EVENTO	LOCAL	FORMAÇÃO	REPERTÓRIO
2009				
28/10/2009	Concerto UDI Cello Ensemble	Uberlândia - MG	*	*
2011				
26/10/2011	Cantares da Primavera	CDL Uberlândia - MG	*	*
19/11/2011	Mostra Zumbi dos Palmares	Parque do Sabiá Uberlândia - MG	*	*
08/12/2011	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Odette Machado Alamy Araguari - MG	*	*
11/12/2011	Concerto UDI Cello Ensemble	Centro de Convenções do CDL Uberlândia - MG	*	*
16/12/2011	Concerto UDI Cello Ensemble	Auditório da UFG Catalão - GO	*	*
2012				
05/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Minaz Ribeirão Preto - SP	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op. 43 - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi

³⁷ Este quadro apresenta algumas lacunas tendo em vista que muitos programas das apresentações do “UDI Cello” não foram localizados e mesmo sabendo dessas apresentações foi registrado apenas aquilo que está documentado.

			Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
06/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Biblioteca Mário de Andrade São Paulo - SP	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
06/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Faculdade Mozarteum de São Paulo São Paulo - SP	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
08/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Municipal Marajoara Lages - SC	*	*
16/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Procópio Ferreira Tatuí - SP	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
17/07/2012	Concerto UDI Cello Ensemble	Theatro Municipal de Paulínia Paulínia - SP	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
10/08/2012	18° Rio International Cello Encounter	Feira de São Cristóvão Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves	Passáros de Luiz Gonzaga – Ricardo Medeiros (arranjo).

	6° Cello Dance		Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	
10/08/2012	Sala de Concerto	Estúdio Sinfônico Maestro Alceo Bocchino Rio de Janeiro - RJ	*	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira de “Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Tango – Liduíno Pitombeira; Bachianas Brasileiras Nº1 – Heitor Villa-Lobos. I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa)
11/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Caixa Cultural Teatro Nelson Rodrigues Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Passáros de Luiz Gonzaga – Ricardo Medeiros (arranjo).
12/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Christ Church / Igreja Britânica Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras Nº1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
12/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Caixa Cultural Teatro Nelson Rodrigues Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Passáros de Luiz Gonzaga – Ricardo Medeiros (arranjo).

13/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Fluminense Football Club / Salão Nobre Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Seleção de Músicas – Astor Piazzolla.
15/08/2012	Projeto Candelária XVIII Temporada	Igreja da Candelária Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Mário Reilli Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa) Tango – Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira de “Livres a Libertários – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
16/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Vila Olímpica da Maré Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Bachianas Brasileiras N°5 – Heitor Villa-Lobos; I – Ária (Cantilena)
16/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; Tango, op.43° - Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
17/08/2012	Concertos no estado do Rio de Janeiro	Catedral São João Batista Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi; Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha)

			Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	III – Fuga (Conversa) Tango – Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira de “Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi; Segundo Neo-Valsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
17/08/2012	18° Rio International Cello Encounter 6° Cello Dance	Metrô Rio / Estação Carioca Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Pocket Show
22/09/2012	1° Festival de Música, Dança e Teatro de Uberlândia (MUDANTE)	Center Convention Uberlândia - MG	Regente: Júlio Medaglia Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) Adagio – Arcangelo Corelli (arranjo: Júlio Medaglia); Mourão – César Guerra-Peixe (arranjo: Júlio Medaglia); Bachianas Brasileiras N°5 – Heitor Villa-Lobos; I – Ária (Cantilena) Adiós Nonino – Astor Piazzolla (arranjo: Júlio Medaglia); Habanera (da Ópera “Carmen”) – Georges Bizet Dobrado – Antônio Madureira (arranjo: Kayami Satomi); Capoeira “de Livres a Libertários” – Alice Lumi Satomi (arranjo: Kayami Satomi); Suíte Pássaros – Luiz Gonzaga (arranjo: Ricardo Medeiros).
2013				
24/04/2013	Pró-Música em Concerto	Teatro Rondon Pacheco / Uberlândia – MG	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha)

			Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	III – Fuga (Conversa) Tango – Liduíno Pitombeira; Das Origens – Carlos Cruz; Capoeira de “Livres a Libertários – Alice Lumi Satomi; Segunda NeoValsa – Andersen Viana; Dobrado – Antônio Madureira.
13/05/2013	Programa Segunda Musical	Teatro da Assembleia Belo Horizonte - MG	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	*
15/06/2013	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Municipal de Araxá Araxá - MG	*	*
11/10/2013	2º Festival de Música, Dança e Teatro de Uberlândia (MUDANTE)	Center Convention Uberlândia – MG	Regente: Roberto Tibiriçá Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Isaac Andrade Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Maria Soledad Acevedo	Feierliches Stucke – Richard Wagner (arranjo: Friedrich Grutzmacher); Carnaval dos Animais – Camille Saint-Saens; Panis Angelicus – Cesar Franck; Je Veux Vivre – Charles Gounod; Por Una Cabeza – Carlos Gardel (arranjo: David Johnstone); My Space – Antônio Pinto; Yellow – Coldplay; Lembrando Dominginhos – José Domingos de Moraes (arranjo: Marcos Petrônio); Mas que nada – Jorge Ben Jor (arranjo: Samukel Oliveyrah); Viola Quebrada – Mário de Andrade (arranjo: Samukel Oliveyrah); Pantera Cor de Rosa – Henri Mancini; Valsa das Flores – Piotr Ilitch Tchaikovsky.
2014				
05/09/2014	Concerto 90 anos do Centro Espírita Caridade	Cine Teatro Odette Araguari - MG	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves	Canon – Johann Pachelbel; Duplo Concerto para Violoncelo – Antonio Vivaldi;

			Thiago Wolf Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Júlio Luz Jack Will (percussão)	Aria da 4° corda – Johann Sebastian Bach; Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) Adágio para cordas op.11 – Samuel Barber; Valsa das Flores – Piotr Ilitch Tchaikovsky; La Murte Del Angel – Astor Piazzolla; Mourão – César Guerra-Peixe; Tico-Tico no Fubá – Zequinha de Abreu.
18/09/2014	3º Festival de Música, Dança e Teatro (MUDANTE)	Center Convention Uberlândia - MG	Jack Will (percussão) Poliana Alves (solista) Grazielle Almeida (piano)	Beethoven's 5 Secrets – The Piano Guys (arranjo: Diogo Azevedo); La Muerte del Angel – Astor Piazzolla; Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°5 – Heitor Villa-Lobos; I – Ária (Cantilena) Double Cello Concerto – Antonio Vivaldi; Mourão – César Guerra-Peixe; Aria da 4° Corda – Johann Sebastian Bach; Valsa das Flores – Piotr Ilitch Tchaikovsky; Tico-Tico no Fubá – Zequinha de Abreu.
18/11/2014	Projeto Prelúdio	Sala Camargo Guarnieri Uberlândia - MG	*	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Aura – Alexandre Schubert; Texturas Transitivas – J. Orlando Alves; Prece – Caio Senna; Tango – Liduino Pitombeira; Froia Arme – Antonio Celso Ribeiro; Desintegração – Neder Nassaro; Lagoa – Sergio Roberto de Oliveira; Curvas de Niemeyer – Marcos Lucas; Danças – Beetholven Cunha.
23/11/2014	Festival Internacional Compositores de Hoje	Centro Cultural Justiça Federal Rio de Janeiro - RJ	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Thiago Wolf Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Júlio Luz	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Prece – Caio Senna; Three Spanish Pieces – Bryan Kelly; Aura – Alexandre Schubert; Tango – Liduino Pitombeira; Froia Arme – Antônio Celso Ribeiro; Danças – Beetholven Cunha.
29/11/2014	Prelúdio 21	Centro Cultural Justiça Federal	Kayami Satomi	Lagoa – Sérgio Roberto de Oliveira;

		Rio de Janeiro - RJ	Gabriel Gonçalves Thiago Wolf Paulo Arruda Eder Belchior Bruno Thayer Ezequiel Urbano Júlio Luz	Curvas de Niemeyer – Marcos Lucas; Desintegração – Neder Nassaro; Textura Transitivas – J. Orlando Alves; Aura – Alexandre Schubert; Prece – Caio Senna.
2015				
26/03/2015	Recepção aos ingressantes da UFU, campus Umuarama	Universidade Federal de Uberlândia Uberlândia - MG	*	*
29/03/2015	2º Festival de Violoncelos de Ouro Branco	Auditório do Hotel Verdes Mares Ouro Branco – MG	Kayami Satomi Bruno Thayer Ezequiel Urbano Gabriel Gonçalves Rafael Gaspar Thiago Wolf Júlio Luz Eder Belchior Laura Millya	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Bachianas N°9 – Heitor Villa-Lobos; Aura – Alexandre Schubert; Dança – Beetholven Cunha; Curvas de Niemeyer – Marcos Lucas; Froia Arme – Antonio Celso Ribeiro Três Danças Latinas – Beetholven Cunha; I - Prelúdio Samba II - Quase um Bolero III - Lembrando uma Salsa La Muerte del Angel – Astor Piazzolla.
30/05/2015	Concerto UDI Cello Ensemble	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia - MG	Kayami Satomi Rafael Gaspar Gabriel Gonçalves Bruno Thayer Thiago Wolf Ezequiel Urbano Júlio Luz Paulo Arruda Eder Belchior Jack Will (percussão)	*
01/10/2015	22º Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto”	Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” Ituiutaba – MG	*	Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa) Rapsúdia – Rafael Langoni Smith;

				Adágio para Cordas, op. 11 – Samuel Barber; Valsa das Flores – Piotr Ilitch Tchaikovsky; A Morte da Mata – Jean Goldenbaum; Três Danças Latinas – Beetholven Cunha; Brejeiro – Ernesto Nazareth; Tico-Tico no Fubá – Zequinha de Abreu; La Muerte del Angel – Astor Piazzolla; Odeon – Ernesto Nazareth.
11/10/2015	XXI Bienal de Música Brasileira Contemporânea	Sala Cecília Meireles Rio de Janeiro – RJ	Isaac Andrade Bruno Thayer Gabriel Gonçalves Thiago Wolf; Eder Belchior Ezequiel Urbano	Kairos II resposta a Chronos IX – Silvio Ferraz.
2016				
20/03/2016	Concerto UDI Cello Ensemble no 3º Festival de Violoncelos de Ouro Branco	Auditório do Hotel Verdes Mares Ouro Branco - MG	*	Rapsúdia – Rafael Langoni; Intermezzo (Cavalleria Rusticana) – Pietro Mascagni; Tambatajá – Waldemar Henrique (Arranjo: Serguei Firsanov); A Morte da Mata – Jean Goldenbaum; Adagio – Samuel Barber; Lagoa – Sérgio Roberto de Oliveira; Piratas do Caribe – Hans Zimmer; Titanic Fantasy – James Hornets (arranjo: Richard Bissill / Johnstone); Medley Filmes – Clemens Rengier (arranjo); - Era Uma Vez no Oeste - The Simpsons - Missão Impossível - Gladiador - O Último Samurai - Piratas do Caribe).
01/04/2016	Cinecello	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia – MG	Kayami Satomi; Bruno Thayer Gabriel Gonçalves Thiago Wolf	Piratas do Caribe – Klawns Badelt, Hans Zimmer (arranjo: Marcos Petrônio); Titanic Fantasy – James Horner (arranjo: Richard Bissill);

			<p>Ana Beatriz Cenci Cordélia Maria Paulo Arruda Isaac Andrade Manoel Moura (percussão) Gustavo Bessa (piano)</p>	<p>O Poderoso Chefão – Nino Rota (arranjo: David Johnstone); Medley Filmes – Clemens Rengier (arranjo); - Era Uma Vez no Oeste - The Simpsons - Missão Impossível - Gladiador - O Último Samurai - Piratas do Caribe). E.T: O Extra Terrestre - John Williams (arranjo: Piero Bastianelli); Adagio para Cordas – Samuel Barber; A Thousand Years – Christina Perri (arranjo: Dimazz); The Duel – Johann Sebastian Bach; Electric Dreams – Giorgio Moroder (arranjo: Dimazz); O Bom, o Mau e o Feio – Ennio Morricone (arranjo: Dimazz); Central do Brasil – Antonio Pinto; A Lista de Schindler – John Williams; A Ponte do Rio Kwai – Malcolm Arnold (arranjo: Dimazz).</p>
28/08/2016	Festival Raízes do Campo	Camaru Uberlândia/MG	<p>Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Bruno Thayer Ana Beatriz Cenci Eder Belchior Cordélia Maria Thiago Wolf Ezequiel Urbano Jack Will (percussão) Arnaldo de Freitas (viola)</p>	*
25/09/2016	Espectáculo “Ao Redor da Roda: Mandalas para Bailar” UDI Cello + UAI Q Dança	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia - MG	<p>Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Bruno Thayer Deverson Correia Eder Belchior Cordélia Maria</p>	*

			Thiago Wolf Ezequiel Urbano Manoel Moura (percussão) Grazielle Almeida (piano)	
28/09/2016	Concerto UDI Cello Ensemble	Sala Camargo Guarnieri – UFU Uberlândia – MG	Kayami Satomi Thiago Wolf Bruno Thayer Cordélia Maria Déverson Correia Eder Belchior Ezequiel Urbano Gabriel Gonçalves	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Curvas de Niemeyer – Marcos Lucas; Rapsúdia - Rafael Langoni Smith; Aura - Alexandre Schubert; Fantasia Musical sobre o tema “Coco Perenuê” de Waldemar Henrique - Serguei Firsanov; Medley Filmes – Clemens Rengier (arranjo); - Era Uma Vez no Oeste - The Simpsons - Missão Impossível - Gladiador - O Último Samurai - Piratas do Caribe.
28/09/2016	Concerto UDI Cello Ensemble	Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica, Sala Camargo Guarnieri Uberlândia - MG	Kayami Satomi Gabriel Gonçalves Bruno Thayer Dverson Correia Eder Belchior Cordélia Maria Ezequiel Urbano Thiago Wolf	*
29/09/2016	Concerto UDI Cello Ensemble no 23º Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto”	Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” Ituiutaba - MG	*	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Marcos Lucas – Curvas de Niemeyer; Rafael Smith – Rapsúdia; Alexandre Schubert – Aura; Brincadeira Musical: Coco Perenuê – Waldemar Henrique (arranjo: Serguei Firsanov); Medley Filmes – Clemens Rengier (arranjo); - Era Uma Vez no Oeste - The Simpsons - Missão Impossível - Gladiador - O Último Samurai

				- Piratas do Caribe.
19/12/2016	Concerto UDI Cello Ensemble	Sala Camargo Guarnieri – UFU Uberlândia –MG	Ana Beatriz Bruno Thayer Cordélia Maria David Kennyd Déverson Correia Ezequiel Urbano Gabriel Gonçalves Kayami Satomi Paulo Aranha Thiago Wolf	Toro Lobiana – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa) Tambatajá – Waldemar Henrique (Arranjo: Sergei Firsanov); Brincadeira Musical: Coco Perenuê – Waldemar Henrique (arranjo: Serguei Firsanov); Medley Filmes – Clemens Rengier (arranjo) / Gabriel Gonçalves (adaptação); - Era Uma Vez no Oeste - The Simpsons - Missão Impossível - Gladiador - O Último Samurai - Piratas do Caribe). Air from Orchestral Suite N°3 – Johann S. Bach; Canon in D major – Johann Pachelbel.
2017				
23/04/2017	Concerto Cordas da Alma Arnaldo Freitas & UDI Cello Ensemble	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia – MG	*	*
09/07/2017	Violoncelando com Rose de Souza e Raïff Dantas Barreto	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia - MG	*	*
19/08/2017	Criança Esperança	Rio de Janeiro - RJ	Gabriel Gonçalves Ana Beatriz Cenci Thiago Wolf Matias Roque Bruno Thayer Lauro Lira David Kennyd Cordélia Maria	
07/09/2017	Balaio Cultural	Patos de Minas - MG	*	*
17/11/2017	UDI Cello Ensemble convida: grupo Vaga Mundo e Naldo Luiz	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia – MG	*	*

2018				
07/01/2018	Violoncelo de Norte a Sul	Cine Teatro Odette Araguari - MG	*	*
07/01/2018	Violoncelo de Norte a Sul	Cine Teatro Odette Araguari - MG	*	*
17/01/2018	8º Festival Internacional Sesc de Música	Theatro Guarany Pelotas - RS	*	*
23/04/2018	Abertura do IV SIED – Simpósio Internacional de Estudos Discursivos	Assis - SP	*	*
13/06/2018	UDI Cello Ensemble convida: César Traldi, Geisa Felipe e Poliana Alves.	Sala Camargo Guarnieri – UFU Uberlândia – MG	Kayami Satomi Thiago Wolf Gabriel Gonçalves Paulo Aranha Cordélia Maria David Kennyd Matias Roque Déverson Correia	Abertura Brasil 2012 – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa) Bachianas Brasileiras N°5 – Heitor Villa-Lobos; I – Ária (Cantilena) II – Dança (Martelo) Concerto para Flauta e Orquestra de Violoncelos, Série Brasil 2010 N°5 – Dimitri Cervo; I – Adagio-Vivo II – Largo III – Vivo Variations on Theme “Sakura” – Daisuke Soga; Divertimento para Percussão e Orquestra de Violoncelos – César Traldi.
14/06/2018	Concerto UDI Cello Ensemble	Casa Thomas Jefferson Uberlândia - MG	Kayami Satomi Thiago Wolf Gabriel Gonçalves Ana Beatriz Cordélia Maria Júlio Luz Matias Roque Déverson Correia	Toro-Lobiana – Dimitri Cervo; Bachianas Brasileiras N°1 – Heitor Villa-Lobos; I – Introdução (Embolada) II – Prelúdio (Modinha) III – Fuga (Conversa) Três Danças Latinas – Beetholven Cunha; I – Prelúdio Samba II – Quase um Bolero III – Lembrando uma Salsa Suíte de Canções Infantis – Andersen Viana; Brincadeira Musical: Coco Perenuê – Waldemar

				Henrique (arranjo: Serguei Firsanov); Mercedita – Ramón Xisto Rios; Dobrado – Antônio Madureira.
24/09/2018	Concerto UDI Cello Ensemble no 25º Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto”	Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” Ituiutaba - MG	*	Abertura Brasil – Dimitri Cervo; Degredos de Cosme Fernandes Pessoa – Antônio Celso Ribeiro; Brincadeira Musical: Coco Perenuê – Waldemar Henrique (arranjo: Serguei Firsanov); Aura – Alexandre Schubert; Quatro Momentos – Ernani Aguiar; I – Tempo de Maracatu II – Tempo de Cabocolinhos III – Canto IV – Marcha Tambatajá – Waldemar Henrique; Movimento – Alexandre Schubert; Lagoa – Sergio Roberto de Oliveira; Três Danças Latinas – Beetholven Cunha; I – Prelúdio Samba II – Quase um Bolero III – Lembrando uma Salsa
17/10/2018	II Violoncelada Peirópolis	Teatro Sesi Minas Peirópolis - MG	*	*
2019				
28/05/2019	UDI Cello Convida: Arnaldo Freitas & Quarteto Vagamundo	Teatro Municipal de Uberlândia Uberlândia - MG	Kayami Satomi Ana Beatriz Cenci Thiago Wolf Deverson Correia David Kennyd Cordélia Maria Paulo Aranha Matias Roque Jack Will (percussão)	*
07/06/2019	UDI Cello Convida: Arnaldo Freitas & Jack Will	Cine Teatro Odette Araguari - MG	Kayami Satomi Ana Beatriz Cenci Bruno Thayer Deverson Correia	*

			David Kennyd Cordélia Maria Paulo Aranha Matias Roque	
12/06/2019	UDI Cello Convida: Quarteto Vagamundo & Jack Will	Teatro SESI Araxá Araxá - MG	Kayami Satomi Ana Beatriz Cenci Thiago Wolf Deverson Correia David Kennyd Cordélia Maria Paulo Aranha Matias Roque	*
13/06/2019	UDI Cello Convida: Quarteto Vagamundo & Arnaldo Freitas	Centro Cultural SESIMINAS Uberaba - MG	Kayami Satomi Ana Beatriz Cenci Thiago Wolf Deverson Correia David Kennyd Cordélia Maria Paulo Aranha Matias Roque	*

APENDICE B

VÍDEOS LEVANTADOS

UDI CELLO Ensemble – Tango – Liduíno Pitombeira. [Rio de Janeiro: Programa Partituras da TV Brasil], 2014. 1 vídeo (06'12"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_V32DpzQVRQ. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Medley Filmes (Ao Vivo). [Uberlândia: SB Turismo e Cultural], 2016. 1 vídeo (11'04"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5rUXaVAtKQ>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – A Morte da Mata (Ao Vivo). [Ituiutaba: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (16'01"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rwOSxqYRjVA>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Odeon – (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (03'19"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZrORFpIaTg>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – O Poderoso Chefão (Ao Vivo). [Uberlândia: SB Turismo e Cultural], 2016. 1 vídeo (03'37"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ACs8WK3Aqo>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Tico-Tico no Fubá (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (03'55"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DNh_1a2Tm7Y. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Trenzinho do Caipira (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (04'39"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cOsHFo0opUI>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Rapsódia da Caboclonagem (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (12'36"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4j pz54Q_j9E. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – La Muerte Del Ángel (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (03'52"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jjNRi6kB5K8>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Brejeiro (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (03'46"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p3fKXHzDEOs>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Três Danças Latinas (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2016. 1 vídeo (07'02"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_whyxt6XUm0. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Danças Contemporâneas Brasileiras (Ao Vivo). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural], 2015. 1 vídeo (14'22"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWO8BoNjSvU>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – VIDEOCLÍPE OFICIAL – Abertura Brasil 2012. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (06'57"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HgIZ3yTPV0>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – MAKING OFF – Abertura Brasil 2012. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (02'49"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6K1gYoXVn9k>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – VIDEOCLÍPE OFICIAL – Bachianas Brasileiras n.1. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (07'44"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3qhU1oZSbY>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – MAKING OF – Bachianas 1º (1º mov). [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (02'28"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7XCDnwzYe58>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – VIDEOCLÍPE OFICIAL – Toro-Lobiana. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (06'44"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ITK-s6_ACLY. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – TEASER – Toro-Lobiana. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (00'21"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWPg8MtKYEY>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble - MAKING OF – Toro-Lobiana. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (02'22"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kIvvnRcN3Ic>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Clipping | TV Universitária (24/04/13). [Uberlândia: TV Universitária da Universidade Federal de Uberlândia], 2015. 1 vídeo (04'37"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJTnPaZ1m-A>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Clipping | MGTV 1º edição (24/04/13). [Uberlândia: MGTV Uberlândia 1º edição], 2015. 1 vídeo (04'13"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jvo-8d0YAvI>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Clipping | MGTV 2º edição (24/04/13). [Uberlândia: MGTV Uberlândia 2º edição], 2015. 1 vídeo (03'21"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=seycTenm2x8>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – VIDEOCLÍPE OFICIAL – Suíte Pássaros. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (08'57"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=itsfnaghEDY>. Acesso em: 2 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Making Of – Suíte Pássaros. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (02'29"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=trpct02F-ng>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Teaser – Suíte Pássaros. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2015. 1 vídeo (00'58"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MZOdHi9wJxs>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Teaser “Videoclipes 2014”. [Uberlândia: Art Cello Produção Cultural e Digiteca Filmes], 2014. 1 vídeo (01'20"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AQDwj0_-TE0. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Clipping – Balaio Cultural, Patos de Minas (MG) 2014. [Patos de Minas: Balaio Cultural], 2014. 1 vídeo (03'46"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YBBfpyOyiM0>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble - Villa-Lobos – Bachianas Brasileiras No.1 (3ºmov). [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (04'25"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uv6y-4X5TQ4>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Villa-Lobos – Bachianas Brasileiras No.1 (2ºmov). [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (06'50"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I91WOBZ3Hx4>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Villa-Lobos – Bachianas Brasileiras No.1 (1ºmov). [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (07'12"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ST9JsFxAJQ>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Michael Praetorius – Ballet. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (01'35"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fLmz_ZkqhsU. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Georges Bizet – Ópera Carmen Habanera. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (03'09"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XW07JHSdjXM>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Carlos Cruz – Das Origens. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (10'35"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXTJxM5_MG4. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble - Bryan Kelly – Três peças Espanholas. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (08'26"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bpiHIL0AMIU>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Astor Piazzolla – Oblivion. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (04'07"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQN6-ndJgcg>. Acesso em: 11 jun. 2019.

UDI CELLO Ensemble – Alice Lumi Satomi – “Capoeira: de livres a libertários”. [Uberlândia], 2012. 1 vídeo (04'02"). Publicado pelo canal UDI Cello Ensemble. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LhVY7naWyvI>. Acesso em: 11 jun. 2019.

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

KAYAMI SATOMI FARIAS

VIDA PESSOAL

- 1) Como se deu o início dos seus estudos de música?
- 2) O que mudou na sua visão como violoncelista entre o término dos estudos na graduação e o início do mestrado?
- 3) O que pesou na sua decisão, ao término do mestrado, entre ficar na europa e continuar seus estudos ou retornar ao Brasil?
- 4) Por que escolheu Uberlândia como cidade para ser professor de violoncelo na Universidade Federal?

COMO O “UDI CELLO ENSEMBLE SE CONSTITUIU UM GRUPO MUSICAL?

- 5) Como surgiu a ideia de criar o grupo “UDI Cello Ensemble”?
- 6) Por que você quis criar o grupo?
- 7) Quais foram seus objetivos ao criar o grupo?
- 8) Esses objetivos permanecem os mesmos, ou eles mudaram? O que mudou?
- 9) Quais os suportes que você recebeu ao criar o grupo? E quais recebe atualmente?
- 10) Quais são os objetivos do grupo “UDI Cello Ensemble” dentro do cenário musical nacional e internacional?
- 11) Para você quais foram as transformações mais significativas do “UDI Cello Ensemble” no decorrer do tempo?
- 12) E por que você acha que essas transformações aconteceram?
- 13) Quais barreiras que você percebe que podem impedir o desenvolvimento do grupo?
- 14) Se você fosse criar o “UDI Cello Ensemble” hoje, o que você faria diferente?
- 15) O que você espera do “UDI Cello Ensemble” para daqui 10 anos?

ENTENDER COMO FUNCIONA A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO GRUPO

- 16) Como se organiza a estrutura e funcionamento do grupo “UDI Cello Ensemble”?
- 17) Essa organização teve mudanças ao longo do tempo? Quais foram essas mudanças?
- 18) O “UDI Cello Ensemble” é um grupo autossustentável. Por que, em sua opinião, além do músico ter de saber tocar ele precisa desenvolver outras atividades no grupo?

ENTENDER OS VÍNCULOS DOS MÚSICOS NO GRUPO

- 19) Quem pode entrar no grupo?
- 20) Quais os pré-requisitos mínimos exigidos para entrada no grupo?
- 21) Como é feita a inserção e adaptação dos novos membros no grupo, tendo em vista o alto nível musical dos demais membros?
- 22) Quando e por que os músicos saem do “UDI Cello Ensemble”?
- 23) Como é a sua relação com os componentes do grupo? Como essas relações acontecem, dentro e fora do grupo?
- 24) Você acha que tem competição no grupo? Como você vê essa competição? Quais são os motivos dessa competição?
- 25) Quais foram os músicos que passaram pelo grupo?

ENTENDER A ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ENSAIO DO GRUPO NA PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO REPERTÓRIO

- 26) Como você planeja o ensaio do grupo? O que mudou nesse planejamento ao longo dos anos?
- 27) Como é estruturado os ensaios semanais do grupo?
- 28) Além de ensaiar o repertório, quais outras atividades são realizadas no ensaio?

DESCREVER O PROCESSO DE ESCOLHA DO REPERTÓRIO

- 29) Como que se dá a escolha do repertório?
- 30) Como é a divisão de naipes do “UDI Cello Ensemble”? Essa divisão ocorre em todas as músicas?
- 31) Como você pensa a escolha dos intérpretes para as obras?
- 32) Quais critérios que norteiam na criação dos arranjos?
- 33) E as técnicas de expansão do instrumento, adequação ao timbre do violoncelo e pesquisa sonora, como são decididas?
- 34) Por que você decidiu inserir aspectos coreográficos na performance do grupo? Como esses aspectos são discutidos no grupo (figurino, iluminação, movimentação no palco e performances teatrais)?

ENTENDER O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO E PERFORMANCE DAS OBRAS MUSICAIS

- 35) Quais as estratégias de ensaio são utilizadas para resolver problemas de Afinação? Timbre? Articulação? Interpretação?
- 36) Como é feito o trabalho técnico com os músicos no ensaio para melhor preparação da performance?
- 37) Para você, o que acha que o grupo precisa ainda alcançar nesse aspecto?

APÊNDICE D

GABRIEL BENEDITO GARCIA PIRES GONÇALVES

VIDA PESSOAL

- 1) Como se deu o início dos seus estudos de violoncelo?
- 2) Como conheceu o professor Me. Kayami Satomi Farias e posteriormente o “UDI Cello Ensemble”?
- 3) Diferentemente das outras formações dos grupos de música de câmara, para você qual a vantagem de se ter um grupo apenas com violoncelos?
- 4) Para você o que é tocar nesse grupo?
- 5) Qual o papel desse grupo na sua formação como músico? E como violoncelista?

COMO O “UDI CELLO ENSEMBLE SE CONSTITUIU UM GRUPO MUSICAL?

- 6) Você foi um dos primeiros integrantes a entrar no “UDI Cello Ensemble”. Por que você entrou para o grupo? Como isso aconteceu?
- 7) Como você enxerga a evolução do grupo de 2009 até o presente momento?
- 8) Quais momentos você considera como sendo o ápice do grupo?
- 9) Qual ou quais momentos você acha que foi/ram os piores do grupo? Por que?
- 10) Quais as barreiras que você percebe que podem impedir o desenvolvimento do grupo?
- 11) O que você espera do “UDI Cello Ensemble” para daqui 10 anos?

ENTENDER COMO FUNCIONA A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO GRUPO

- 12) Entender como a estrutura e organização do grupo funcionam, como por exemplo, a divisão de tarefas do grupo? Como se dá a produção executiva, cênica e artística? marketing, comunicação, fotografia e equipe de apoio?

ENTENDER OS VÍNCULOS DOS MÚSICOS NO GRUPO

- 13) Quais foram suas principais dificuldades como músico ao entrar no grupo?
- 14) O que você pensa sobre a rotatividade dos músicos no grupo?
- 15) Você acha que existe competição no grupo? Que tipo de competição acontece?
- 16) E as hierarquias? Como eles estão ou são postas no grupo?

ENTENDER ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ENSAIO DO GRUPO NA PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO REPERTÓRIO

- 17) Como é a rotina de ensaios do grupo?

- 18) Quais são as estratégias de ensaio?
- 19) O que mudou nessas estratégias ao longo do tempo?
- 20) Quais aspectos o grupo não esquece na preparação do repertório?
- 21) O processo de preparação é o mesmo ou não para todas obras? O que muda na preparação das obras?

DESCREVER O PROCESSO DE ESCOLHA DO REPERTÓRIO

- 22) Como você percebe as relações no grupo e entre os componentes? Como que isso se dá na escolha de repertório?
- 23) Como se organiza os ensaios de naipe do “UDI Cello Ensemble”, para posterior junção com o grupo?
- 24) Qual a importância dos ensaios de naipe para o “UDI Cello Ensemble”?

ENTENDER O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO E PERFORMANCE DAS OBRAS MUSICAIS

- 25) Quais os principais aspectos o grupo leva em consideração quando se trata da interpretação e performance das obras?
- 26) O que mudou ao longo do tempo?
- 27) Quais as estratégias de ensaio são utilizadas para resolver problemas de Afinação? Timbre? Articulação? Interpretação?
- 28) Como é feito o trabalho técnico com os músicos no ensaio para melhor preparação da performance?

CRITÉRIOS QUE NORTEIAM A CRIAÇÃO DOS ARRANJOS

- 29) Os arranjos tocados pelo grupo são em sua maioria dedicados ao grupo. Quais os aspectos musicais e de expansão do instrumento que mais são utilizados pelos compositores para com o violoncelo e com o “UDI Cello Ensemble”?
- 30) Como se dá a criação dos arranjos? Como isso é realizado no grupo?
- 31) No momento de tocar os arranjos, quem toca o que?

ASPECTOS COREOGRÁFICOS

- 32) Os trabalhos de aquecimento com o corpo são realizados em todos os ensaios do “UDI Cello Ensemble”. Como isso ajuda na interpretação e na parte coreográfica das apresentações?
- 33) Por que a coreografia é tão importante para o grupo?